1988: DA «PERESTROIKA» À POSSÍVEL RECESSÃO

«O dólar a 120 ienes, o Mercado Único Europeu em vias de adiamento, um democrata na Casa Branca, o lado negativo da «perestroika», o Terceio Mundo mais empobrecido, o problema da segurança europeia e um provável acordo franco-alemão sobre o assunto, uma apartada política económica na Península Ibérica, os problemas da África Austral mantendo o seu nível actual de confrontação, uma nova onda de fome na Etiópia, o preço do barril de petróleo a baixar, os Estados Unidos a resistirem às tendências recessivas ou caindo numa recessão para a qual arrastarão o resto do mundo — tudo isto são tópicos actuais cuja resposta será dada no próximo ano ».

Um artigo de Carlos Adrião Rodrigues na pág. 3

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 541 Quinta-feira, 17 de Dezembro de 1987 Preço 45$00

PSD FAZ PASSAR O.E.-88

Cavaco Silva encerrou debate com discurso optimista sobre a evolução da economia

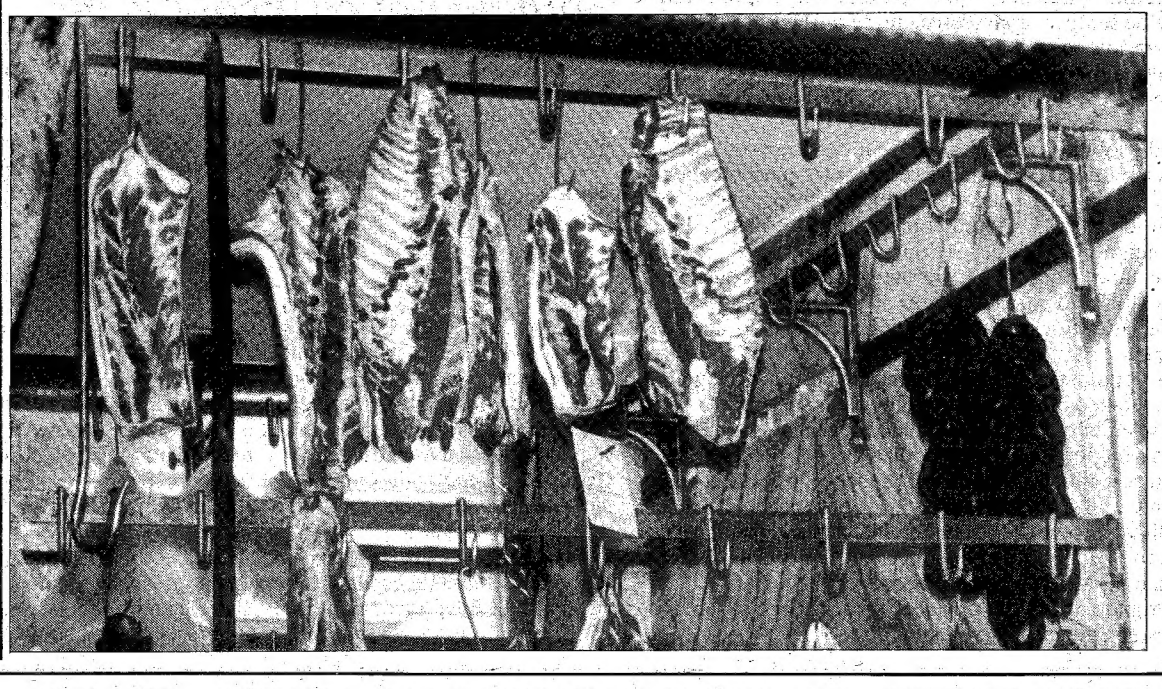
O Primeiro–Ministro Cavaco Silva disse hoje ao princípio da tarde, ao encerrar o debate na generalidade do Orçamento de Estado para 1988, que o número de dias de trabalho perdidos por conflitos laborais nos primeiros seis meses baixou de 117 945 em 1986 para 77 165 em 1987. Cavaco Silva apontou este número como prova do sucesso da sua gestão económica tal como a recente entrada da CGTP para o Conselho de Concertação Social. O Primeiro MInistro, aliás, traçou com o seu discurso de 54 páginas um quadro de grande optimismo quanto ao futuro, acentuando o clima de saudável normalidade que se vive em Portugal com a acalmia das tensões sociais e políticas e responsabilidade e rigor na governação. Aguardava–se naturalmente, dádo o clima áspero sentido durante as discussões do Orçamento, nomeadamente das intervenções fulcrais do debate do ministro Miguel Cadilhe e a de Vítor Constâncio, que o Primeiro Ministro usasse a sua habitual altivez nos seus discursos à oposição. Contudo, Cavaco Silva fez predominantemente uma serena justificação política das soluções técnicas do Orçamento.

Continua na pág. 24

Alfândegas (impotentes) detectam novos casos

FRAUDES SOMAM 200 MIL CONTOS

(em importação de carne)



Os serviços de fiscalização da Alfândega de Lisboa detectaram na passada sexta feira uma fraude de 18 mil contos na importação de carne de bovino proveniente do Uruguai e da Argentina, apurou o «DL» junto de fontes fidedignas. Já este ano duas importantes empresas de transformação de carnes viram–se também implicadas em casos de importação irregular de carne de porco que lesaram o Estado em cerca 160 mil contos.

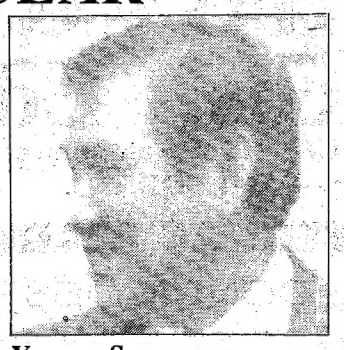
Continua na pág. 9

Resultados das eleições deram vitória ao candidato do regime

COREIA DO SUL: ACUSAÇÕES DE FRAUDE E APELOS À REVOLTA POPULAR

O candidato governamental Roh Tae-Woo proclamou a sua vitória nas eleicões presidenciais de ontem na Coreia do Sul, mas a oposição anunciou já que irá impugnar os resultados e apelou à resistência popular maciça. Kim Young-Sam, candidato da oposição moderada e que terá ficado em segundo lugar no sufrágio, declarou que as eleições «não passaram de um segundo golpe de Estado». Mais de 2.000 apoiantes da oposição defrontaram-se hoje com a polícia em Kwangju, numa manifestação de protesto contra a vitória de Roh. A oposição diz que tem informações sobre milhares de casos de voto múltiplo, registo fraudulento de eleitores, ataques a observadores e subornos. **Pág.13**

Tae-Woo
acusações de fraude



Young-Sam
apelo à revolta

Mário Soares em Espanha

EMPRESÁRIOS PORTUGUESES SATISFEITOS COM OS RESULTADOS DA VISITA

Augusto Vilela
nosso enviado especial

A retórica, sem nenhuma contrapartida no plano prático, tem sido uma constante nas relações entre Portugal e a Espanha e tem dominado quase sempre os actos oficiais, e não oficiais, desde há muitos anos. Coube a Mário Soares quebrar esta tradição estéril. Pela primeira vez assistimos a resultados concretos, à transposição para a prática daquilo que até agora não passava de meras declarações de intenção. Sem prejuízo dos aspectos protocolares da visita, que lhe dão a forma e o sentido político, Mário Soares tem privilegiado todas as questões práticas que condicionam as relações económicas entre os dois países.

Ontem, após o seu regresso de Salamanca, onde, acompanhado pelos soberanos de Espanha, recebeu o título de doutor «Honoris Causa», teve um encontro, no Palácio do Pardo, com empresários portugueses para uma troca de impressões sobre as conclusões do Congresso Empresarial Luso-Espanhol. E a verdade é que, certamente pela primeira vez, os empresários portugueses estão satisfeitos e não escondem um amplo optimismo de que nada será como dantes.

Mas também vão regressar desta viagem com responsabilidades acrescidas porque, se até agora existiam razões impeditivas da sua implantação no mercado espanhol, daqui para a frente vai ser posta à prova, sem desculpas, a sua capacidade ou incapacidade. É Crespo de Carvalho, presidente da Confederação Portuguesa do Comércio, quem o afirma ao «DL», embora sublinhando, ao mesmo tempo, a sua convicção de que começa a haver em Portugal uma nova classe de empresários, capazes de dar um novo rumo à economia portuguesa, e conscientes do papel social das empresas.

Até aqui, em linhas gerais, afirmou-nos Crespo de Carvalho, a situação era era mais ou menos esta: do lado português dizia-se que a Espanha uma ameaça para Portugal, do lado espanhol dizia-se que Portugal era mais uma oportunidade para a Espanha. Julgo que neste momento a ameaça espanhola passou a ser uma grande oportunidade, e a oportunidade de Portugal também, ser alguma ameaça. O desenvolvimento das relações bilaterais, não só a nível do comércio mas também do investimento, não é tão desfavorável a Portugal como alguns velhos do Restelo previram».

Crespo de Carvalho fundamenta esta conclusão no facto de o nível de cobertura das importações pelas exportações continuarem a subir e sublinha que cerca de 40 por cento dos investimentos de iniciativa espanhola em Portugal não vem de base espanhola mas das multinacionais a operar em Espanha.

Num quadro mais geral, pode dizer-se que antes havia em Portugal e em Espanha situações de partida diferentes: um mercado aberto em Portugal a partir da experiência da EFTA, um mercado fechado e muito proteccionista em Espanha, o que levou a que nos acordos da Comunidade aparentemente houve um equilíbrio de contrapartidas mútuas entre Portugal e a Espanha, que, na prática, se traduziu por uma igualização ou liberalização do tráfego Espanha-Portugal e uma não automática liberalização no sentido inverso. Houve o problema das regras de origem, o problema das homologações várias e o problema das quotas, que está a ser resolvido agora.

Crespo de Carvalho nota que há ainda «uma aparente incapacidade ou falta de dinamismo da classe empresarial portuguesa face ao exterior. O final desta visita resolveu, por um lado, a questão política (quotas, etc.) e o êxito é hoje algo de concreto e de assegurado e há o comportamento empresarial que, daquilo que sentimos e ficou provado está numa fase de arranque, de conquista da presença no mercado espanhol».

O presidente da CCP considera que os êxitos obtidos se devem ao peso político do Presidente da República, à vontade «férrea» do Governo e à necessidade espanhola e viabiliza uma tendência de equilíbrio que tem de encontrar-se.

«Se na realidade não demonstrar isto que afirmo — concluiu Crespo de Carvalho —, a incapacidade está nos empresários portugueses.»

Paulo Futre foi, como seria natural, a vedeta na recepção que Mário Soares ofereceu ontem à comunidade portuguesa, no Palácio dos Congressos e que reuniu algumas centenas de portugueses radicados em Madrid. Infelizmente não são estes todos os portugueses de Madrid. Muitos não figuram nas listas de convidados do nossa embaixada e vivem em condições que os colocam à margem de quaisquer manifestações sociais. É uma história que ainda está por fazer, esta dos portugueses de Espanha e da falta de apoio de que muitos acusam tanto a embaixada portuguesa como os serviços consulares. Foram muitas as queixas que ouvimos e houve mesmo quem confessasse ter desistido completamente de qualquer contacto com os serviços consulares por considerar ser totalmente inútil.

Um trabalho suplementar espera o ministro João de Deus Pinheiro: a necessidade de por ordem em muitos serviços consulares portugueses, espalhados pelo mundo, convencê-los que existem para servir as comunidades, que ocupam postos de trabalho pagos pelos contribuintes e não lugares honoríficos para se mostrarem de recepção em recepção.

Aliás, os jornalistas presentes na recepção puderam observar um pequeno exemplo de como certas coisas se passam no exterior.

Quando o Presidente da República chegou à sala, o embaixador resolveu fazer a apresentação. Primeiro pediu silêncio num tom entre o paternalista e o autoritário. Depois, disse que o Presidente da República vinha acompanhado do marechal Spínola, que foi Presidente da República, e do secretário de Estado da Energia e ainda do dr. Pinto Balsemão, que foi ministro. Intencionalmente ou não, Mário Soares acabou por fazer as devidas correcções.

Disse que, além dos membros do Governo, se tinha feito acompanhar por representes qualificados de todos os partidos políticos representados na Assembleia da República, por representantes de todas as associações patronais e sindicais, do marechal Spínola, do dr. Pinto Balsemão, que foi primeiro-ministro (e não ministro, como referiu o embaixador).

Soares salientou aos portugueses ali presentes o grande dinamismo que há para desenvolver as relações luso-espanholas e que o objectivo da viagem era dar uma imagem de que Portugal não é mais aquele país isolado da comunidade das nações, que é um país que entrou na Europa e tem à sua frente um grande futuro.

Contou que quando se encontrou pela primeira vez com o presidente angolano, José Eduardo dos Santos, lhe disse: «Senhor presidente, vamos conversar. Mas antes de nada quero que tenha na sua cabeça que Portugal é hoje um País mais rico e mais próspero do que era quando tinha Angola como colónia, que é um país muito rico.»

Com o jeito muito especial que tem para, quando necessário, explicar em termos simples, questões sociais e políticas que às vezes não são semples, Soares disse que «não há razão nenhuma para mantermos antigos ressentimentos e antigas desconfianças». À noite, Mário Soares assistiu a um jantar no Melia Castilla, que assinalou a inauguração do escritório de representação em Madrid do Banco de Fomento Nacional. Esta iniciativa, focada pelo presidente do banco, João Salgueiro, tem como objectivo reforçar o apoio ao incremento das relações económicas entre Portugal e Espanha, decorrente da adesão dos dois países às Comunidades Europeias, garantindo um apoio mais directo aos exportadores portugueses e uma oferta mais completa e competitiva no domínio dos apoios financeiros ao comércio bilateral e à promoção de investimentos. Foi um jantar concorridíssimo em que estiveram importantes personalidades dos meios financeiros e empresariais espanhóis, entre os quais o presidente do Banco Nacional de Espanha, Mariano Rubio.

Num improviso, que em princípio não estava previsto, Mário Soares fez um apelo aos empresários para estarem atentos e dinâmicos ao que lhes é pedido, visto que há agora uma vontade política clara dos dois governos.

Futre de muleta

Paulo Futre foi a grande surpresa para a comunidade portuguesa que não esperava ter a oportunidade de ter junto de si a vedeta que tem primeira página em tudo quanto é jornal e revista em Espanha. Infelizmente Paulo Futre que mantém a sua simplicidade de sempre, apareceu de muletas devido a um «toque» que apanhou no último jogo.

Disse-nos que não é nada grave, mas que será muito difícil encontrar-se em condições de alinhar domingo pela sua equipa.

Interrogado sobre os rumores que se levantaram quanto às dificuldades em que alegadamente se encontra para receber a verba resultante do seu contrato, Futre respondeu:

«Está tudo em dia. Tanto eu como os meus colegas. Está tudo bem comigo. São tudo especulações.»

Depois de uma longa sessão de autógrafos, lá conseguiu romper pela multidão para cumprimentar Mário Soares que o abraçou e fez questão de ficar com Maria Barroso ao ladó numa fotografia.

As primeiras palavras de um curto diálogo foram do jogador que lhe agradeceu o elogio feito na União Soviética.

Soares quis saber o que se passava com a sua lesão e comentou: «Você assim perde os instrumentos».

Perguntou se a noiva, também ali presente, o tratava bem. A jovem corou e alguém respondeu: «ela é do Norte».

O futebolista português tornou-se uma verdadeira febre em Espanha. Não há ninguém que não fale dele e quase que tem assinatura nas capas dos jornais e revistas.

Viu-se obrigado a arranjar um carro de matrícula espanhola porque antes era-lhe impossível circular.

Quando há pouco tempo fez a viagem de carro de Barcelona para o Montijo, no final de um jogo, em todo o percurso foi um desassossego. Em qualquer paragem que fazia juntava-se logo uma multidão.

Spínola pouco incomodado

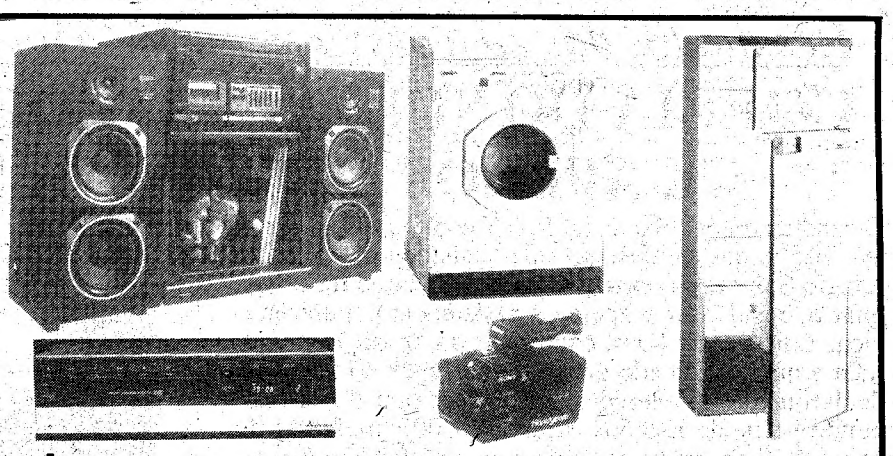
O marechal Spínola, alvo de um comunicado de intelectuais e do responsável do PSOE em Madrid, que o considerava «persona non grata», escusou-se ontem a fazer qualquer comentário ao incidente. Rindo, Spínola, dizia-nos, já no elevador do hotel, que o caso não merece resposta, enquanto agradecia a oferta de uma fotocópia de um jornal com a notícia, que lhe haviam oferecido.

O fantasma do iberismo

Mário Soares tem feito um grande esforço para afastar o fantasma do iberismo que ainda está presente em algumas mentes, tanto de um lado como do outro.

Há, todavia, que referir que a tese da «anexação» de Portugal só está na cabeça de uns raros políticos sem projecção nem seguidores. Para os espanhóis não tem sentido tal ideia, especialmente quando o fenómeno político e sociológico em Espanha é precisamente de sentido inverso, com o desenvolvimento das autonomais.

Talvez muita gente não saiba até que os livros utilizados nas academias militares espanholas ensinam que a independência de Portugal deve ser defendida, especificando que Portugal não é um inimigo mas uma defesa da retaguarda espanhola.

ADÃO móveis
electrodomésticos, Lda.
ENTREGA E ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO GRÁTIS
Rua Gil Vicente, 7-B (perto da Estação da CP) — Est. Falagueira, 14/B-C
Telef. 493 93 50 e 494 20 22 — AMADORA
TV – VIDEO – HI-FI — DIVERSAS MARCAS
● CONSULTE PREÇOS E CONDIÇÕES ●

AGENTE SILVER E GENERAL

1988 Da "perestroika" à possível recessão...

Carlos Adrião Rodrigues

No princípio dos anos 60, Alberto Morávia escreveu um livro, na sequência de uma viagem à União Soviética, chamado precisamente «Um Mês na URSS», em cujas últimas páginas escrevia:

Que deverá pois concluir o nosso viajante no fim da sua visita à URSS? Que existem imensas reservas de energia que o estalinismo anestesiou e enterrou no letargo e que deverão agora ser despertadas e encorajadas. Que a URSS se encontra frente a uma grande indústria pesada, mas não ainda frente a um modo de vida original e que este modo de vida não surgirá enquanto não existir também uma grande indústria ligeira. Por isto quando se fala de desestalinização e se considera já esta, como realizada, na medida em que se alterou a situação política, esquece-se que o estalinismo foi sobretudo a obsessão da indústria pesada e o consequente desprezo de tudo o que não podia contribuir para o sucesso desta indústria; e que a primeira e mais importante condição para uma verdadeira e profunda desestalinização seria uma produção mais vasta, mais variada e mais refinada de produtos de consumo, ou seja de tudo aquilo que serve à vida individual e que, em última análise, contribui para a formação e definição da civilização.

Mais de 20 anos depois, Mikail Gorbachev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, vem, em «Perestroika», analisar a mais recente evolução do seu país da seguinte forma:

A certa altura — isto tornou-se particularmente claro na segunda metade dos anos 70 — aconteceu qualquer coisa à primeira vista inexplicável. O país começou a perder o impulso. Os falhanços económicos tornaram-se mais frequentes. As dificuldades começaram a acumular-se... enquanto se multiplicavam os problemas não solucionados...
Algo de estranho acontecia: o enorme volante de uma poderosa máquina continuava a girar, enquanto ou a transmissão da sua forma para os locais de trabalho patinava ou as correias de transmissão estavam demasiado folgadas.

.....

Um país que outrora se aproximava das nações avançadas começava a perder posições atrás de posições. Além disso, o distanciamento na eficiência de produção, qualidade dos produtos, desenvolvimento científico e tecnológico, produção de tecnologia avançada e utilização de técnicas avançadas começavam a aumentar e não a nosso favor.

A reestruturação económica, cuja necessidade fora já prevista por Alberto Morávia (mas os intelectuais têm sempre razão antes de tempo...), é uma imperiosa necessidade económica e política, na medida em que nenhum poder político sobrevive se se mantiver o quadro que Gorbachev descreve. Portanto, a solução é a reestruturação... ou o desastre.

E as medidas não se fazem esperar. A Associação de Construção de Leninegrado anunciou a primeira falência na União Soviética. A lei das empresas estatais vai entrar em vigor em 1988, aplicando o princípio do autofinanciamento a todas as empresas de Estado que deixarão de poder contar com os subsídios para colmatar os seus prejuízos. As empresas passarão também a administrar os seus próprios lucros. Este novo esquema de gestão, introduzindo critérios prioritários de rentabilidade empresarial, vai, necessariamente, ocasionar a reorganização da maioria das empresa e a falência de algumas, o que significará despedimentos e o fim do pleno emprego. Cautelosamente preparam-se algumas medidas para impedir o impacte excessivo deste fenómeno inelutável, a mais importante das quais é a abertura de alguns sectores económicos à iniciativa privada.

Por outro lado, é evidente a necessiade de reestruturar o sistema bancário e de promover a abertura de novos bancos que ofereçam os fundos necessários à satisfação das necessidades da nova política empresarial.

Mas mais importante que isto é a criação de novas «joint-ventures», o que no fundo significa a abertura do mercado soviético ao capital estrangeiro — e todo o mercado de consumo soviético é uma rica floresta inexplorada que não deixará de atrair empreendedores amantes do risco calculado — e, correlativamente, uma maior acutilância soviética na conquista dos mercados externos, o que se traduz no acesso de mais empresas e ministérios ao comércio externo.

Claro que o conservadorismo da «nomenclatura», embora sentindo a necessidade da «Perestroika», não quer abrir mão de algumas vantagens que considera ganhas. Boris Eltsine foi despedido do lugar, muito importante, de primeiro secretario do comité do partido de Moscovo, muito provavelmente porque preconizou o saneamento de quadros e porque quis acabar com as «lojas especiais», destinadas a quadros e membros do partido. Com a carência de bens de qualidade, que se faz sentir em Moscovo, uma medida destas era particularmente impopular, nesta altura. Mas esta vitória, obtida por Ligachev, considerado até agora com o n.º 2 da União Soviética, pode ser de curta duração, porque não só Eltsine não foi totalmente despromovido (ele é ministro da União Soviética para a Construção), como um novo apoiante de Gorbachev foi colocado como membro de pleno direito no Politburo — Alexandre Yakovlev.

As pedras do xadrez político da União Soviética são jogadas com extrema cautela, mas não se nota que Gorbachev perca uma única jogada.

E os Estados Unidos?

Por sua vez o líder do mundo ocidental, os Estados Unidos, também não deixa de ter problemas. Durante os últimos cinco anos, a América foi uma festa. Através de uma injecção espectacular de fundos nos bolsos dos cidadãos, Reagan consegue um crescimento económico inegável.

Pouco importava que nem o crescimento fosse proporcional aos incentivos empregues nem que fosse em grande parte devido ao défice orçamental americano e ao défice da balança comercial. Até que o «crash» de Wall Street e a súbita queda do dólar modificaram completamente o quadro em que tudo se desenvolvia. Estes acontecimentos vieram fazer passar para segundo plano um outro que ainda há pouco tempo fazia as «manchetes» dos jornais: a dívida do Terceiro Mundo, que já ultrapassa os 900 biliões de dólares e torna praticamente impossível aos países devedores aguentarem sequer o serviço da dívida.

Mas a verdade é que o «crash» de Wall Street e a queda do dólar se vieram juntar à crise do Terceiro Mundo. E não é fácil que o financiamento aos países em vias de desenvolvimento possa resolver o problema da necessidade de alargamento dos mercados para sustentar a política de desenvolvimento do mundo já desenvolvido. Porque a certas zonas do Terceiro Mundo já dificilmente se lhes pode chamar zonas em desenvolvimento, porque elas estão efectivamente a agravar o seu subdesenvolvimento.

Por isso, os Estados Unidos, ao mesmo tempo que, internamente, propiciam liquidez ao sistema baixando as taxas de juro, por outro lado exigem dos seus parceiros mais desenvolvidos do mundo ocidental, a Alemanha e o Japão, que financiem o sistema americano, já não comprando dólares, mas antes comprando produtos americanos. Só que japoneses e alemães receiam que a súbita mudança de política do dólar comece a fazer empilhar os Mercedes e os Toyotas nos portos dos respectivos países, sem escoamento no mercado americano. Por isso não se pode ver a recente baixa da taxa de juros dos principais paíse europeus como uma cedência à nova política americana do dólar desvalorizado, mas antes como uma forma de eliminar tensões no sistema monetário europeu.

Por agora ninguém prevê, com rigor, o que vai acontecer nos próximos meses nos Estados Unidos da América. Apenas se aposta na hipótese de que Reagan, em ano de eleições, não vai permitir uma recessão a todo o pano. Mas são conjecturas que podem chocar com o simples facto de que ele não a possa evitar. A verdade é que tem feito tudo para que ela não aconteça: fornecimento de liquidez ao sistema financeiro, recusa em aumentar os impostos, tentativa de aumentar a confiança entre os americanos. O acordo de Washington, entre russos e americanos, sobre a eliminação de mísseis de curto e médio alcance, foi aliás uma boa tentativa de criar confiança a nível global, ao qual provavelmente acrescerá um novo acordo sobre arsenais estratégicos, na próxima Primavera, em Moscovo. E é bem provável que alguns conflitos regionais se resolvam, como os do Afeganistão e de Angola, ou pelo menos se atenuem.

Mas os problemas continuam a manter-se: os Estados Unidos não podem suportar sozinhos o papel de motor da economia mundial e a União Soviética tem de produzir para um mercado interno sequioso, sem pôr em causa os interesses criados existentes, e obter capital para a sua entrada no mundo das novas tecnologias que vão exigir maior descentralização e maior liberdade.

E a Europa...

A Europa tem a si mesma feito a promessa de instituição do mercado único europeu em 1992. É para isso que aponta o Acto Único Europeu, rencentemente assinado com pompa e circunstância, mas a verdade é que não se conseguem pôr de acordo sobre a produção agrícola comum, isto é, sobre o montante da produção agrícola com preços garantidos. Tudo isto tem a ver com as novas formas de financiar o orçamento comunitário. O falhanço de Copenhaga deixa todavia entrever que o acordo será feito em Bruxelas, em Fevereiro próximo. Só que o meio falhanço de Copenhaga faz prever também as inúmeras dificuldades que surgirão para resolver os problemas que põe o mercado único em 1992, onde as questões nacionais e as comunitárias entrarão em confronto. Como dizia Lord Cockfield, comissário britânico na CEE: «Não faz sentido haver um mercado único com fronteiras internas.» Pois não, mas provavelmente é isso que vai acontecer.

Futurologia

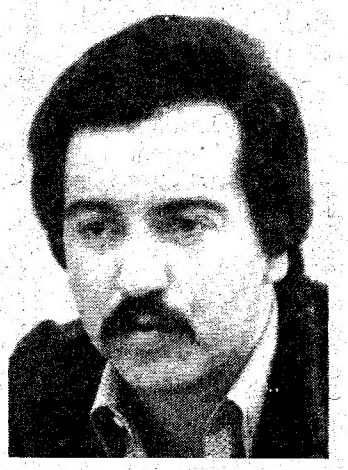
O dólar a 120 iénes, o mercado único europeu em vias de adiamento, um democrata na Casa Branca, o lado negativo

Continua na pág. 4

Com graves acusações a Arons de Carvalho

Torres Couto explica pedido de demissão

Uma «habilidade» de um secretário nacional e discordâncias com o resto da dircção sobre o comportamento de Torres Couto na eleição para a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa foi a causa da demissão do dirigente da UGT do Secretariado Nacional do PS antes da data por sí decidida, segundo o próprio aponta em carta publicada hoje pelo semanário oficial do PS, «Acção Socialista».



Contudo, Torres Couto sublinha que não foi o facto de não ter sido eleito numa votação a que não se candidatara. As razões são a «habilidade», mas também discordâncias quanto à actuação da Direcção.

O secretário-geral da UGT começa por recordar que era do conhecimento público a sua decisão «de não integrar o Executivo do PS a partir do próximo Congresso» por razões exclusivamente de ordem sindical: necessidade de dar atenção maior à UGT devido à nova conjuntura política, à entrada da Intersindical no Conselho de Concertação e de concretizar, «nos próximos dois anos, um ambicioso projecto sindical na área da economia social».

«Porém — acrescenta — nesta última semana senti-me obrigado, por imperativo de consciência, a precipitar essa decisão».

Torres Couto recorda a intenção de se candidatar à Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa «pelas vantagens que daí poderiam advir para o PS e a UGT», sublinhando, porém, que «só previa essa possibilidade se fosse este o entendimento da Direcção do Partido e se o mesmo se reflectisse na inclusão do meu nome numa lista a propôr pelo Secretariado Nacional». Entretanto, as coisas alteraram-se e Torres Couto, sentindo necessidade de se dedicar mais ao trabalho sindical e não tendo o seu critério (apresentação de lista pelo Secretariado) sido seguido, põe a questão de parte. A eleição por inscrição de nomes tinha a sua frontal discordância «por considerar que nessa matéria a Direcção do partido deveria ter critérios de selecção dos seus representantes, face a objectivos estratégicos e tácticos do PS no plano internacional». Isto, segundo Torres Couto, «indicia uma certa desresponsabilização em matéria que considero importante e não pode ser vista como um prémio (umas viagens) a dar a alguns deputados».

Por entre a situação gerada pela entrada em cena da «Carta Aberta», pela votação em Cunhal e pela demissão de Junqueiro, Torres Couto é incluído na lista quando não está presente. É votado. É derrotado.

Era fácil prever que isto «mereceria uma enorme especulação junto da opinião pública, o que veio a acontecer de imediato».

«Essa preocupação e leitura não tiveram, nem fizeram os meus colegas de bancada nem da Direcção do Partido», sublinha Torres Couto, que acrescenta, «como só não se sente quem não é filho de boa gente, decidi de imediato deixar o Secretariado Nacional do partido». Posteriormente, recusaria diligências de Imprensa para comentar a sua própria saída e a situação interna.

Seguidamente, Torres Couto acusa Arons de Carvalho, responsável do PS para a Comunicação Social, de falta de cuidado e bom senso no tratamento desta questão (evocando ainda ingerências, desautorizações e contestações anteriores) e de abuso de autoridade. O dirigente da UGT acusa também Arons de Carvalho de declarações inexatas aos jornalistas, «dizendo que me tinha demitido por ter perdeido uma eleição». «Estava assim lançada uma falsa imagem» pela acção de Arons de Carvalho.

Esta actuação do responsável do PS junto da opinião pública prender-se-ia, segundo fontes socialistas, com a «luta contra o lobby sindicalista» de que Guterres seria responsável à revelia e contra os desejos de Vitor Constâncio.

Segundo as mesmas fontes, outro aspecto desta oposição do aparelho, aos sindicalistas, e pessoas ligadas ao mundo do trabalho (um apoiante de Torres Couto comentava, com ironia, que «isto parece guerra de gestores contra os trabalhadores») seria a chamada «reestruturação interna», que na proposta de alteração de estatutos, subscrita pela maioria, reduz o papel das secções de empresa.

AGENDA OFICIAL

• O **Presidente da República**, Mário Soares, prossegue a sua visita oficial a Espanha.

• Na **Assembleia da República**, na presença do primeiro-ministro e de membros do Governo, prosseguiu hoje o debate sobre o Orçamento de Estado e as Grandes Opções do Plano.

• Hoje à tarde, o **primeiro-ministro**, Cavaco Silva, preside a mais uma reunião plenária do Conselho de Ministros.

• O **chefe de Estado Maior da Força Aérea**, general Brochado de Miranda, presidiu, hoje de manhã, às cerimónias do dia da unidade do Corpo de Tropas Para-quedistas e da Base Operacional de Tropas Para-quedistas nº1.

• No Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a **ministra da Saúde**, Leonor Beleza, inaugurou esta manhã do III Congresso Nacional de Oncologia.

• O **secretário de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais**, Macário Correia, esteve esta manhã presente ao encerramento do Congresso das Áreas Protegidas.

• Em Évora encontra-se o **secretário de Estado da Construção e Habitação**, Elias da Costa, onde assiste a diversos actos públicos, nomeadamente no bairro da Malagueira. À tarde estará em Vila Viçosa e em Mértola.

• No Porto, para o encerramento do Curso de Formação Profissional 87, promovido pela Associação dos Agentes de Navegação do Norte, está o **secretário de Estado dos Transportes Exteriores e Comunicações**, Correia de Matos.

Na moção a apresentar ao Congresso

MINORIA DO PS PÕE EM CAUSA (QUASE) TODA A ORIENTAÇÃO DA DIRECÇÃO DE CONSTÂNCIO

Falta apenas conhecer o documento do chamado «grupo de Coimbra» para se poder dizer que os dados estão lançados para o próximo Congresso do Partido Socialista. Com efeito, tanto Vitor Constâncio, em nome da actual direcção do partido, como o «Movimento da Carta Aberta», de que são expoentes, entre outros, Maldonado Gonelha, Jorge Campinos e João Soares — e que se apresenta claramente como oposição à maioria — apresentaram já as respectivas moções de estratégia à Comissão Organizadora do Congresso. O «DL» tratou já amplamente (na sua edição de dia 15) o documento defendido pelo secretário-geral do PS. Hoje divulgamos as linhas de orientação defendidas pela minoria.

Retomando o essencial da «Carta Aberta» endereçada aos militantes do Partido Socialista, esta moção acusa a actual direcção de ter colocado a direita no poder durante vários o que aconteceu devido a «erros tácticos e estratégicos». De entre aqueles, os subscritores deste documento destacam a votação da moção de censura do PRD; como «erros estratégicos» acentua-se a opção pela bipolarização, o privilegiar de «um estilo equívoco, restrito e pseudo-intelectual, de agitar ideias e propostas» e a inclusão de elementos pinta-silguistas nas listas do partido.

Igualmente criticada é a organização do «Convenção da Esquerda Democrática», iniciativa que a minoria qualifica de «redutora e descaracterizante» e que apenas conduziu «a uma esquerdização e desprestígio de imagem, substituindo uma verdadeira renovação e abertura ao diálogo com os agentes de progresso por rituais de recepção de pessoal político em trânsito».

À estratégia da bipolarização, contrapõem os apoiantes de Maldonado Gonelha a disputa pela «representação das classes médias e a ocupação do centro político» — «única possibilidade real do Partido Socialista se constituir como alternativa». Nesta óptica preconizam «o diálogo interclassista» e propõem «o contrato social como instrumento necessário para o progresso e a modernização do país».

«Política de porta aberta»

Em 144 páginas divididas em 22 capítulos, verte a minoria que se opõe a Constâncio o seu projecto de sociedade e a forma como concebe a organização do partido. Tal como a moção da maioria, prevê a eleição directa e uninominal do secretário-geral e enfatiza o papel a desempenhar pelas comissões políticas concelhias, em detrimento das secções e núcleos a quem cabegrão missões mais específicas.

Num capítulo de quatro páginas intitulado «Do partido de militantes ao partido de cidadãos — A organização do PS», critica-se a persistência de «concepções burocratizantes», defende-se a informação em vez das «normas e regulamentos», contrariam-se «os velhos métodos sectários e arrogantes».

«Virar o partido para fora, introduzir novos critérios de qualidade na organização, significa fazer uma política de porta aberta, mantendo o PS como um partido popular. Isso passa por chamar ao debate e à acção cívica não só os socialistas mas todos os cidadãos e animar centros de debate com todas as correntes de opinião», eis a perspectiva defendida pela «Carta Aberta».

Ainda no que respeita à organização partidária preconizam, entre outras, a dinamização da acção autárquica — «assumindo as próximas eleições como questão central para o partido»; o reforço do apoio aos grupos socialistas nos parlamentos regionais, nacional e europeu; a reformulação da imprensa partidária; o estímulo da actividade dos socialistas nos sindicatos e uma maior responsabilização da JS.

Receitas falhadas

«Perante a ineficácia da esquerda política e sindical face à crise dos anos 80 e aos fenómenos que a mesma gerou, as teorias neoconservadoras voltaram a fazer doutrina em grande número de governos, entre os quais Portugal». Daqui parte a minoria do Partido Socialista para a análise do falhanço das velhas «receitas ultraliberais» às quais contrapõe um «Estado reformador ao serviço dos cidadãos». Depois de afirmarem que «só o crescimento económico tornará possível a execução de políticas de renovado alcance social», estes socialistas verberam o Estado «emperrante, burocratizado, discricionário, corruptor», rebelam-se contra o Plano e contrapõem à dicotomia empresa pública/empresa privada uma fórmula segundo a qual «consoante a natureza da actividade, o tempo e o lugar, o interesse público pode impôr a existência de empresas públicas ou de economia mista, de par com o grande número das desejavelmente privadas». Enfim, sintetizam, «uma política reformadora prudente, mas firme e progressiva, apoiada num racional intervencionismo económico e social do Estado exercido através de instrumentos vários, selectivos, em permanente adaptação às realidades, viabilizadora do maior crescimento económico possível».

Como áreas prioritárias para a promoção do desenvolvimento económico são apontadas o combate ao desemprego, às principais componentes do nosso défice externo (a energética, a alimentar e a maquinaria) e os grandes desiquilíbrios regionais.

Educação, informação, política externa, cultura

Finalmente, e em síntese, são apontadas medidas no domínio da educação — «há que conseguir uma articulação inteligente entre as componentes pública e privada do sistema de ensino e formação»; da Comunicação Social — defende-se a revisão da Lei de Imprensa, a regulamentação de «forma clara e rigorosa» do acesso à carreira jornalística, a presença do Estado na televisão e na rádio e a existência de uma agência noticiosa por este tutelada e que a privatização dos jornais estatizados seja feita por concurso público por forma a que não se assista à sua transferência «em bloco para um qualquer grupo privado»; da política externa — é dado um ênfase especial na vocação europeia do país e preconiza-se que a nossa participação na NATO sirva para «reforçar o pilar europeu dessa Aliança»; e da cultura — «O PS deverá rejeitar por inteiro o discurso anti-meritório e o decadentismo cultural, o socialismo caritativo e deprimente protagonizado pela sua recente direcção política».

1988

Continuação da pág. 3

da «Perestroika», o terceiro mundo mais empobrecido e sujeito aos aventureirismos de todos os quadrantes, o problema da segurança europeia e um provável acordo franco-alemão sobre o assunto, uma apertada política económica na Península Ibérica, os problemas da África Austral, mantendo o seu nível actual de confrontação, uma nova onda de fome na Etiópia, o preço do barril do petróleo a baixar, a não ser que a guerra do Golfo aumente de intensidade, os Estados Unidos a resistirem às tendências recessivas ou caindo numa recessão para a qual arrastarão o resto do Mundo — tudo isto são tópicos actuais cuja resposta será dada no próximo ano. Até lá vivamos calmamente o dia-a-dia que é; no fundo, o que estão fazendo os responsáveis em quase todo o Mundo.

Revisão de Estatutos do PS: a proposta de Constâncio

A reformulação das organizações de base para um esquema centrado nos concelhos, a eleição do secretário-geral em Congresso e a eventual criação de departamentos concorrentes com organizações já existentes, são os traços principais da proposta de revisão dos estatutos do PS apresentada por Vitor Constâncio. Este projecto, que virá quase certamente a ser aprovado, está a causar preocupação em sectores laborais e na Juventude Socialista.

O projecto incluído nas propostas globais de Constâncio foi elaborado inicialmente por uma comissão de reestrtuturação nomeada no quadro do Departamento de Organização, chefiado por António Guterres, e posterioremente bastante alterado.

Os núcleos são eliminados, tal como as secções de empresa. A organização de base principal fica a ser a Secção de Base e poderão ser criadas Secções de Acção Sectorial (incluindo no âmbito de empresa) mas só na área de uma Federação, o que desagrada bastante às secções das grandes empresas e dos grandes sindicatos.

A Comissão Política pode criar coordenadores nacionais de empresa ou sector de actividade, com função definida na Comissão Nacional.

Por outro lado, é criada a Comissão Política Concelhia (CPC), que aparece como a organização dirigente do concelho, qualquer que seja o número de secções. Na eleição para a CPC há dualidade de critérios, conforme o concelho tenha uma ou mais secções.

No primeiro caso (uma só secção) o Secretariado da Secção é eleito pela CPC — já eleita pela assembleia geral de militantes; no segundo (várias secções no mesmo concelho), o Secretariado de cada uma é eleito pelos membros da secção. O número dos membros da Comissão Política Concelhia é fixado pela Federação e inclui obrigatóriamente um representanmte da JS.

Quanto aos órgãos nacionais, o secretário-geral passa a ser eleito em lista uninominal no Congresso (a JS já tinha proposto isto no Congresso anterior, e Constâncio recusara); o presidente do partido é eleito na Comissão Nacional (CN) em lista uninominal; a Comissão Política é eleita pelo método de Hondt na CN; o Secretariado Nacional é eleito na CN pelo sistema de lista maioritária.

A Comissão Nacional passa a integrar 15 representantes da JS (mais cinco), como contrapartida.

O projecto de alteração de estatutos inclui a possibilidade de criação de delegados nacionais para áreas específicas e os departamentos, a criar pelo Secretariado Nacional (SN). Está já prevista nesta alteração a formação de um departamento de mulheres dirigido por uma mulher membro do SN, mas estas pretenderão também uma quota de 25 por cento em todos os orgãos. Podem ainda se criados departamentos federativos de mulheres.

Ainda quanto aos departamentos, a eventual criação de um na área da Juventude (que esvaziaria a JS por maior dotação de meios, coincidente com menor falta de autonomia) estará a suscitar reacções negativas entre sectores da juventude socialista.

Bona, Paris e Roma bloqueiam decisão

GOVERNO SATISFEITO COM DESACORDO NA POLÍTICA DE TRANSPORTES DA CEE

A ausência de acordo, na reunião de ontem, em Copenhaga, dos doze ministros dos Transportes da CEE em relação ao aumento das autorizações para os transportes rodoviários de mercadorias na Comunidade, foi bem recebida pelo Governo de Cavaco Silva.

«A decisão está neste momento bloqueada e, como para Portugal a revisão do sistema é que trazia problemas, considero a situação aceitável», considerou o secretário de Estado português dos Transportes, Carlos Costa, a propósito da oposição da RFA, da França e da Itália às propostas da comissão europeia.

Também sobre a aplicação de 553 milhões de «ecus» destinados às infraestruturas de transportes não foi possível obter acordo nas seis horas e meia da reunião, devido sobretudo à oposição da Holanda, da Inglaterra e da França. Todavia, e porque a não-utilização das verbas até ao fim do ano corresponde à perda dos fundos, a questão será analisada no início da próxima semana a nível do comité dos representantes permanentes.

Segundo Carlos Costa, um acordo nesta matéria permitirá obter seis milhões de «ecus» para as infraestruturas da linha férrea da Beira Alta.

«Doze cavalos, a mangedora e uma carroça...»

Por 279 votos a favor, 16 contra e oito abstenções, os deputados do Parlamento Europeu deliberaram ontem a apresentação de uma queixa contra o Conselho de Ministros da Comunidade devido à não-apresentação do projecto de orçamento para 1988. Foi também decidido requerer à comissão executiva a apresentação, até final do corrente mês, de uma carta rectificadora do anteprojecto de orçamento que reflicta melhor as necessidades financeiras reais da comunidade.

«O que há de europeu neste Conselho?», perguntou o deputado holandês, Dankert, do grupo socialista, ao comparar o orgão deliberativo da Comunidade a um «grupo de doze cavalos que comem na mangedoura da Europa, mas não puxam a carroça europeia...».

Simone Veil, do grupo liberal-reformador, lembrou que o que esteve em jogo em Copenhaga equivalia a três milésimos do Produto Nacional Bruto dos Estados-membros. «O preço da Europa que os governantes se recusaram a pagar», sublinhou.

Lucas Pires, do grupo popular europeu, lamentou igualmente o desacordo orçamental e a ausência de unidade europeia «no momento em que as maiores potências do mundo são capazes de percorrer passos mais decisivos e difíceis».

Joaquim Miranda, do grupo comunista, lembrou que «o arrastar da situação de degradação afecta sobretudo os países menos desenvolvidos da Comunidade», e Rui Amaral frisou a contradição entre as metas sistematicamente apontadas e a «incapacidade de as levar à prática».

Comité cultural permanente

Ainda em Copenhaga, os ministros da Cultura dos Doze decidiram criar um comité permanente no seio das instituições comunitárias que passe a coordenar as acções culturais.

O relatório do comissário para a Cultura, Ripa Di Meana, propõe um programa-quadro para o período de 1988 a 1992 com acções em quatro grandes áreas: criação de um espaço cultural europeu; promoção da indústria audiovisual europeia; acesso aos recursos culturais; e diálogo intercultural entre a Europa e o Resto do Mundo.

Os responsáveis da cultura dos Doze concordaram ainda em definir três campos prioritários de acção: o livro, a formação e o audiovisual.

O ministro espanhol apresentou a candidatura de uma cidade espanhola para capital cultural da Europa em 1992 e a Bélgica a de Antuérpia para 1993.

Sol aquece de novo o Algarve

Recuperadas já as estradas da Praia da Rocha e Conceição

A enorme fenda aberta na estrada que liga Faro à povoação de Conceição, daquele concelho, foi ontem reparada por trabalhadores da Câmara Municipal, horas depois de um novo temporal se abater sobre a capital algarvia. Pela segunda vez em pouco mais de uma semana, as chuvas fustigaram a cidade de Faro e arredores, tendo águas da ribeira da Conceição transbordado das margens.

O caudal da ribeira aumentou de um momento para o outro, galgando as pontes e cortando os acessos rodoviários. Mas não só: inundando também as casas circundantes. As ligações entre Faro e Conceição ficaram interrompidas, vindo, contudo, ontem a ser repostas.

Ao contrário de épocas anteriores, não tem faltado chuva no Algarve, podendo dizer-se que a região deverá ficar com reservas de água para o próximo Verão como não há memória nos últimos vinte anos.

Um informador dos Bombeiros Voluntários de Faro disse esta manhã ao «DL» que «o tempo primaveril de hoje contrasta com as chuvas que têm caído desde há duas semanas» e que, aliás, já se vem tornando vulgar no Algarve chover num dia e fazer sol logo a seguir.

Também transitável se encontra desde ontem a via de acesso entre Portimão e a Praia da Rocha, após o trabalho de escoamento das águas com moto bombas dos bombeiros locais.

A estrada esteve cortada ao trânsito na terça-feira, junto do sítio denominado Estremal, onde as inundações se verificam sempre que chove com maior intensidade.

A melhoria de tempo que hoje se regista já se reflectiu também em Silves, onde «não há água nas ruas», conforme informação do comandante dos Bombeiros, João Gonçalves Luz.

A baixa da cidade voltou a estar inundada anteontem, e no próprio quartel dos bombeiros a água atingiu um metro de altura.

Quanto à barragem de Silves, continua a descarregar, mas para dentro do leito natural do rio. O que não causa qualquer problema, realçou o comandante dos Bombeiros.

RN expressos

ESTÁ CONSIGO NESTE NATAL

e para responder ao fluxo de passageiros durante esta época, **iniciamos a 10 Dezembro a venda de bilhetes para os dias 23 e 24 e criamos ainda, novos horários** com partida de Lisboa nas linhas de:

	23 DEZ.	24 DEZ
ABRANTES	9.00	9.00
	10.15	10.15
	14.00	12.30
	17.15	14.00
	18.30	17.15
		18.30
ALMODOVAR	8.45	8.45
	13.45	13.45
	18.00	18.00
AVEIRO	7.00	7.00
	14.45	12.45
		14.45
BRAGA	8.00	8.00
	11.00	11.00
	13.00	13.00
	19.00	
	23.55	
CAIA	7.50	7.50
	14.15	14.15
CASTELO BRANCO	9.00	9.00
CHAVES	9.30	9.30
	14.45	14.45
CHAVES (Guimarães)	11.00	11.00
	23.55	
ELVAS (Estremoz)	7.50	7.50
	14.15	10.00
	17.00	12.30
		14.15
		17.00
ELVAS (Évora)	8.00	8.00
	14.15	14.15
	18.30	18.30
ÉVORA	8.00	8.00
	12.45	10.00
	14.15	12.45
	17.30	14.15
	18.30	17.30
		18.30
FARO	8.00	8.00
	8.45	8.45
	13.00	13.00
	14.15	14.15

	23 DEZ.	24 DEZ
FARO (*cont*)	17.30	16.00
	18.30	18.30
	19.30	
FICALHO	7.45	7.45
	13.30	9.15
	17.15	13.30
		17.15
GUARDA	7.30	7.30
	11.00	11.00
	15.00	15.00
	16.00	16.00
	18.00	18.00
LORIGA	18.00	16.00
		18.00
MONFORTINHO	7.30	7.30
	11.00	11.00
	13.30	13.30
MONTEGORDO	9.15	9.15
	15.30	12.45
	17.15	15.30
		17.15
MONTE REAL	8.30	8.30
	17.00	17.00
	19.30	19.30
MOURA	14.15	7.50
	16.00	14.15
		16.00
		18.30
PAMPILHOSA SERRA	16.30	16.30
PEDROGÃO GRANDE	15.30	15.30
PORTALEGRE (Avis)	15.00	9.00
	18.00	12.30
		15.00
		18.00
PORTALEGRE (P. Sor)	7.30	7.30
	12.30	12.30
	15.00	15.00
	17.00	17.00

	23 DEZ.	24 DEZ
PORTIMÃO (Odemira)	7.30	7.30
	15.15	12.45
	17.00	15.15
	19.45	17.00
PORTIMÃO (Directo)	8.45	8.45
	14.15	14.15
	18.30	18.30
Pr. ZAMBUJEIRA	7.30	7.30
	17.00	14.30
		17.00
S. ANTÓNIO AREIAS	7.30	7.30
	15.00	15.00
S. GREGÓRIO	11.00	11.00
	23.55	
S. ROMÃO	7.00	7.00
	14.30	9.30
	18.00	13.00
	19.30	14.30
		16.00
		18.00
SERTÃ	6.45	6.45
	9.00	9.00
	11.00	11.00
	12.00	12.00
	14.30	14.30
	16.30	16.30
SINES	12.30	12.30
	14.30	14.30
	17.00	17.00
	19.45	18.45
		19.45
TÁBUA/MIDÕES	18.00	14.30
VISEU	7.00	7.00
	9.30	9.30
	13.00	13.00
	14.45	14.45
	16.00	16.00
	18.00	18.00

Adquira o seu bilhete com a máxima antecedência.
EVITE AS ESPERAS DE ÚLTIMA HORA.
QUEREMOS SERVI-LO MELHOR! COLABORE CONNOSCO.
BOM NATAL E FELIZ ANO NOVO.

Fábrica de óleos acusada de poluição em Borba

A Assembleia Municipal de Borba, na sua última reunião, decidiu solicitar ao Ministério do Trabalho uma inspecção às condições laborais numa fábrica de óleos da localidade, anunciou aquele órgão autárquico.

Na reunião, convocada para debater o problema da poluição da vila, causado pela fábrica de óleos «Oliborba», a câmara local foi mandatada pela Assembleia Municipal para proceder ao corte do fornecimento de água e da ligação de esgotos naquela unidade, caso persistam os efeitos poluentes.

Aquele órgão autárquico referiu que o problema da poluição provocado por aquela fábrica atingiu a situação mais grave no último Verão.

A Assembleia Municipal de Borba afirma não ser contra o encerramento da fábrica, mas, se a mesma voltar a funcionar nos moldes anteriores, «causando graves prejuízos à população», tenciona «accionar os mecanismos com vista à solução judicial do problema».

Decidiu também contactar o delegado de Saúde local, no sentido de este «ter uma acção activa na resolução do problema, tendo em conta que mais de 30 por cento da população inquirida apontou aquele médico como o responsável pela resolução do problema».

Outra deliberação do plenário municipal foi a de contactar os responsáveis pela Protecção Civil e pela segurança das populações, designadamente o responsável por Borba e pela região Sul, com vista a inspeccionar os depósitos de benzina existentes na fábrica e aferir do grau de perigosidade para a população de Borba.

Esta noite, pela terceira vez consecutiva, obrigando a deslocações

S. FRANCISCO XAVIER ROUBA ORTOPEDISTAS A CASCAIS

Hoje, pela terceira noite de quarta para quinta-feira consecutiva, a equipa de urgência do Hospital de Cascais esteve sem ortopedista, segundo revelou o Sindicato dos Médicos do Sul. Mário Jorge, vice-presidente da Direcção, afirmou que esta situação prejudica gravemente os utentes de um hospital que, excluindo os centrais de Lisboa, Porto e Coimbra, é dos que mais urgências atende.

Sublinhou que a ausxencia de ortopedistas — um médico da equipa de urgência de Cascais confirmou ter ocorrido pelo menos cinco vezes nas últimas três semanas — se deve à prestação de serviço de urgência no Hospital de S. Francisco Xavier, por médicos dos hospitais ortopédicos de Sant'Ana e José de Almeida, situados na linha de Cascais, que normalmente integravam as urgências de Cascais.

Assinalou que a situação se arrasta há algumas semanas e médicos das equipas de urg6encia alertaram já os responsáveis hierárquicos para esta situação, sem que até ao momento fosse resolvida.

Um médico de serviço na equipa de urgência do Hospital de Cascais, disse que a falta de ortopedista obriga os outros médicos a analisarem casos que não são da sua especialidade e os doentes a irem para o Hospital de São Francisco Xavier, por vezes até sem necessidade.

Salientou que em princípio deveria haver sempre ortopedistas nas equipas de urgência, nomeadamente do Hospital Egas Moniz, em Lisboa, mas isso nem sempre tem acontecido.

O Sindicato dos Médicos do Sul denunciou também a situação dos médicos de clínica geral do serviço de Portalegre, que «são obrigados a fazer horas extraordinárias sem receber».

o Sindicato dos Médicos afirma em comunicado que os clínicos gerais do distrito poderão entrar em greve se esta questão não fora solucionada.

O vice-presidente do Sindicato dos Médicos do Sul, Mário Jorge, afirma que muitos médicos do distrito estão a fazer 36 horas de urgência em vez de 12, e que há casos de 70 horas de trabalho semanal.

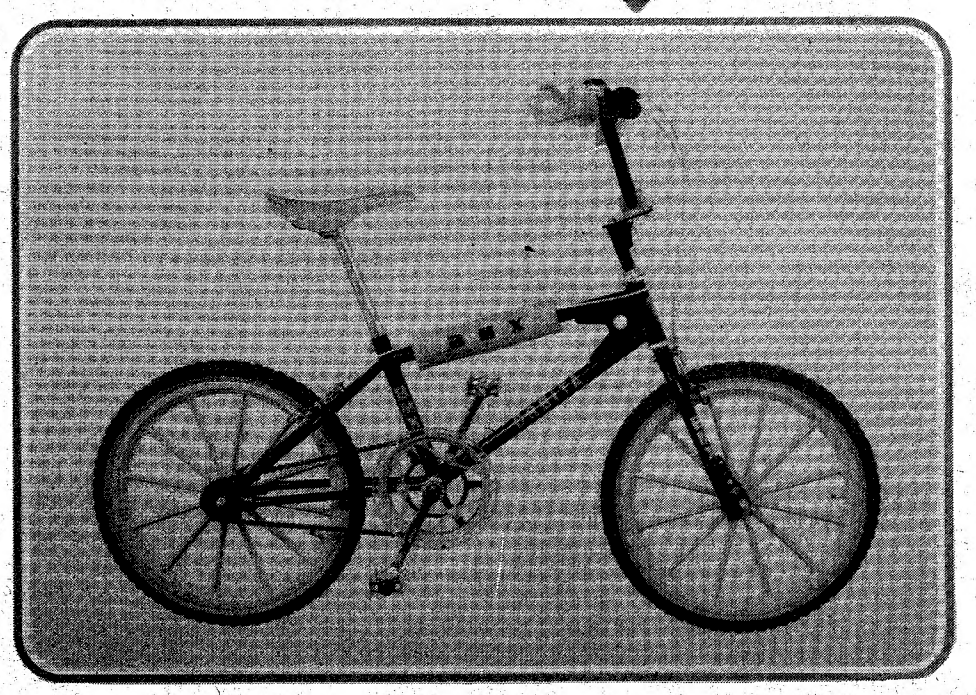
Acrescentou que «há médicos a quem a Administração Regional de Saúde (ARS) de Portalegre, que não paga horas há cinco anos, deve cerca de 6000 horas extraordinárias».

O dirigente sindical disse que, em abaixo-assinado, os clínicos gerais do distrito deram um prazo ao Ministério da Saúde e à ARS de Portalegre para começar a pagar as horas e saldar a dívida, sem o que «deverão entrar em greve», e apontou como «decisiva» a reunião do sindicato com aquela Administração Regional, marcada para dia 23.

Mário Jorge assinalou que na maioria dos concelhos do distrito de Beja também se verificam casos de dívida de parte das horas exraordinárias que os médicos são obrigados a fazer.

AGUIAR & MELLO, LDA.

BICICLETAS Orbita



A MARCA QUE GARANTE QUALIDADE

DURANTE ESTE MÊS ENTREGAMOS AO DOMICÍLIO (ÁREA DE LISBOA)

ESCRITÓRIO E STAND:
PRAÇA DO MUNICÍPIO 11-13
1100 LISBOA
TELEF. 32 11 51
TELEX 18207 P

ARMAZÉM E OFICINA:
RUA ARTUR LAMAS, 32
1300 LISBOA
(À JUNQUEIRA)
TELEF. 63 61 82

Casino Estoril adoça Natal

O Casino Estoril promove este ano dois espectáculos de Natal, gratuitos, para crianças. Para concretização desta iniciativa foi escolhido o «hall» do casino que, pelas suas dimensões, permitirá a entrada de um avultado número de meninos. Data e hora escolhidos: dias 19 e 20, às 15 e 30.

Para abrilhantar a festa, a Elidoli, que a organiza, reuniu um elenco como segue: grupo de teatro «O Bando»; o conjunto de acrobatas polacos que diariamente actua no salão restaurante do casino, num número de piratas dos mares e os seus pares marrioquinos com saltos mortais e pirâmides humanas; «um homem que come e vomita fogo»; os meninos da Escola Primária de Cascais com umas «gracinhas»; e Vítor Espadinha a fazer de «rei».

Trabalhadores da CML

Por outro lado, a Câmara Municipal de Lisboa promove amanhã, às 15 horas, no Pavilhão Carlos Lopes, a festa de Natal destinada aos filhos dos seus trabalhadores. Presentes estarão o presidente da Câmara, Krus Abecasis, e outros membros do executivo municipal. A abrilhantar estarão Carlos Cunha, José Barata Moura, a família Lisboa (palhaços) e o rancho infantil de Belas, entre outras atracções.

Câmara de Setúbal dá borlas

A Câmara de Setúbal, por seu lado, decidiu este ano adquirir entradas para seis sessões —comportando cada uma 600 crianças — do circo que funciona no Parque José Afonso, naquela cidade. Outros divertimentos, provenientes da Feira Popular de Lisboa, encontram–se instalados no mesmo local e as crianças «convidadas» para o circo poderão frequentá–las igualmente sem qualquer encargo.

«Barriguinhas» mantêm tradição

A exemplo de anos anteriores, o grupo de beneficência «Os Barriguinhas», constituído por frequentadores da nossa vizinha «Adega Tagarro», da Rua Luz Soriano, faz depois de amanhã, dia 19, a festa de de Natal dedicada aos filhos dos seus associados. Programa: filmes infantis, distribuição de brinquedos e um lanche servido pela tia Amália e António Galvão.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

SENHORES telespectadores, tal como tínhamos anunciado, vamos transmitir em directo a cerimónia de assinatura da supressão dos euromísseis. Nos vossos televisores já têm, lado a lado, Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev, enquanto eles conversam, passamos a palavra aos nossos convidados. Diga-nos, sr. José da Silva, não lhe parece que os aviários na União Soviética estão pouco desenvolvidos? Sim, sim, claro, mas não acha que a política da **Perestroika**... *vamos ligar novamente para Washington, alô Mario Crespo, o que é que se passa? Pois bem, continuamos com os nossos convidados. Senhor Carlos Fonseca e ou não verdade que os circuitos de distribuição na União Soviética deixam muito a desejar? Em que medida podem ser influenciados pelo* **glasnost?** *Atenção, Ronald Reagan vai usar da palavra, alô Mario Crespo, evidentemente, se Reagan ainda não falou, ainda não sabes o que ele disse, mas talvez já nos possas adiantar algo sobre o discurso de Mikhail Gorbachev. Ah não distribuiram os discursos com antecedência? Que pena, aso fazia-nos jeito. Mas voltemos ao estúdio. Senhor MES, ENT:O CONSIDERA QUE OS JUDEUS, NA União Soviética, claro que a situação é complexa, mas pode adiantar-nos se... Alô, Mário Crespo, não tens nada para nos contar à gente, nem ao menos uma anedota como aquela que contaste ontem? Afinal, o que é que Ronald Reagan está a dizer? O quê? Já disse? Então essas palavras significam que... Bom, bom, voltemos aos nossos convidados.*

Senhor Chico dizia-nos então que o fado está pouco divulgado entre os cossacos. Acha que isso é uma consequência do estalinismo? Ou melhor, acha que a **Perestroika** *contribuirá para a expansão do fado da Mouraria?*

Atenção, Mário Crespo, Gorbachev já acabou de falar? Que nos disse ele? Ah, tu não sabes russo, tinha-me esquecido desse pequeno pormenor.

Aqui acabamos a transmissão directa da assinatura do protocolo da anulação dos euromísseis. A todos os nossos convidados, muit obrigadinho.

TSD EM DESACORDO COM LEGISLAÇÃO LABORAL CONFIAM NA ABERTURA DO GOVERNO

O anteprojecto de revisão da legislação laboral que vai ser posto à discussão nacional, mesmo com as alterações que o ministro do Emprego já introduziu na sua proposta inicial, não seria aprovado pelo Trabalhadores Social–Democratas, segundo afirmou ontem em conferência de Imprensa o indicalista Arménio Santos. Entretanto, no princípio da semana, a UGT entregou ao primeiro-ministro a sua proposta de revisão de leis de despedimentos, contratação a prazo e subsídio de desemprego.

O presidente dos TSD sublinhou ser «claro que não aprovavamos o texto que vai ser posto à discussão e que já é melhor do que o anterior». Quanto aos 14 deputados social–democratas que são sindicalistas ou ligados à área laboral, segundo o seu coordenador, Rui Salvado, mostram–se «convictos de que o Grupo Parlamentar do PSD e o Governo, que não é apenas dos TSD mas nacional, serão sensíveis aos nossos argumentos». Aliás, «o Governo foi eleito pelos votos da maioria dos trabalhadores portugueses e é um governo social–democrata».

Segundo os TSD, o projecto anterior «continha preceitos claramente inaceitáveis para os trabalhadores», mas a vontade de diálogo mostrada pelo Executivo da–lhes «razões para estar confiantes quanto à aprovação futura de um texto legislativo equlibrado e que não penalize os trabalhadores».

Segundo Arménio Santos, «as leis laborais devem ter dois objectivos: potenciar o desenvolvimento económico nacional e garantir e salvaguardar os direitos dos trabalhadores».

Algumas das principais alterações propostas pelos TSD foram já aceites, nomeadamente a «reintegração do trabalhador despedido sem justa causa que não poderá ser rejeitada pelo empregador», o «despedimento oral que foi substituído por formas processuais que garantem a plena defesa», o «despedimento baseado na falta de confiança que foi eliminado» e «a não incluição dos familiares na provisão da definição de justa causa».

Outras questões, segundo Rui Salvado, estão em debate, sobretudo as «causas subjectivas» de despedimento, a vigência dos contratos e a necessidade de «cobrir os dirigentes dos trabalhadores do entendimento menos moderno que certos empregadores têm das relações no interior da empresa».

Os TSD congratularam–se, por outro lado, pelo facto de «os indicadores disponíveis apontarem para uma progressiva retoma das cotações» da Bolsa, preocupação que, explicaram, tem a ver com a importância daquele mercado na financiamento das empresas e na forma como a sua descida atinge mais os pequenos aforradores.

Proposta da UGT entregue a Cavaco

A proposta da UGT sobre legislação laboral, entegue ao primeiro–ministro no início da semana, incide nos despedimentos, contratação a prazo e subsídio de desemprego.

A UGT propõe a eleição do Inspector–Geral do Trabalho por dois terços da Assembleia da República, com um mandato de cinco anos. Prevê–se ainda que as acções de impugnação de despedimento tenham prioridade.

O projecto admite como motivo de despedimento razões económicas ou tecnológicas e a inadaptação do trabalhador às modificações operadas pelas tecnologias, embora só depois de um periodo de adaptação, estando prevista reintegração quando, no primeiro caso for empregado outro tabalhador e, no segundo, não houver qualquer ingresso.

A justa causa de despedimento individual por motivos objectivos tem processo idêntico ao despedimento colectivo e dá direito a dupla indemnização. No caso dos representantes dos trabalhadores o despedimento só pode ter lugar por decisão judicial.

Qualquer das partes, pode fazer cessar o vínculo laboral sem aviso prévio, justa causa ou indemnização nos primeiros 180 dias (até agora 15), prazo que poderá ser dilatado nos trabalhos altamente especializados ou de grande responsabilidade, para um ano.

A UGT admite a simplificação do despedimento em empresas com menos de vinte trabalhadores, embora obrigatoriamente por escrito e com direito a defesa.

Os contratos a prazo são limitados a casos de substituição de trabalhadores temporariamente impedidos (podendo ser celebrados por prazo incerto), tarefas de duração temporária ou acréscimo temporário da actividade. O contrato a prazo não pode ser celebrado por tempo inferior ao da duração prevista para a actividade e a prorrogação só pode fazer–se em casos especiais, devendo, sempre, ser comunicada ao sindicato.

Na falta de documento escrito o contrato é prorrogado sem prazo e isto só pode ser refutado pelo patrão em empresas com menos de vinte trabalhadores.

Durante um ano, o trabalhador que tenha exercido actividade tem preferência na admissão para funções de acordo com a sua qualificação.

O periodo de concessão do subsídio de desemprego é aumentado de 15 para 24 meses, sendo alargado para 17 (caso dos desempregados com mais de 50 anos) e 33 (para os com mais de 55 anos). É eliminado o montante máximo de três vezes a remuneração mínima garantida para o sector e diminui de 180 para 120 dias o número mínimo para os rurais o receberem.

DL NACIONAL

Roberto Carneiro defendeu investimento no ensino

Um investimento generoso no Ensino Primário gera retornos económicos de 27 por cento, afirmou o ministro da Educação.

Roberto Carneiro defendeu ontem num almoço no American Club a rentabilidade económica do investimento no ensino. Aquele dado inicial acrescentou que no Ensino Secundário os retornos são da ordem dos 17 por cento e de 11 e 12 por cento no Ensino Superior.

O ministro traçou um panorama do ensino em Portugal e salientou que o País se encontra descapitalizado do ponto de vista da habilitação profissional da sua população. Manifestou o desejo de o Governo desenvolver o ensino de qualificação técnica através da implantação de uma larga rede de escolas profissionais com a colaboração das autarquias e dos meios empresariais, cuja colaboração pediu.

Depois de recordar que 75 por cento da população activa não tem mais qualquer escolaridade do que a antiga quarta classe, o ministro afirma que os índices mostram uma evolução da qualificação «demasiado lenta».

De acordo com os números adiantados por Roberto Carneiro, a oferta das escolas técnicas secundárias é reduzida (abrange 12 mil alunos) e só 10 por cento dos jovens são apanhados na malha do ensino profissionalizante.

De 100 mil a 150 mil alunos saem do Ensino Secundário sem qualquer habilitação profissional, referiu.

Universidade do Porto cria Fundação

O reforço das relações da Universidade portuense com a comunidade e a valorização das suas actividades culturais e científicas constituem o principal objectivo da Fundação Gomes Teixeira, ontem criada pela Universidade do Porto por escritura notarial. A Fundação, que leva o nome do primeiro reitor daquela instituição e será instalada em 1988 na Casa Primo Madeira, actualmente em obras, terá um conselho geral, conselho fiscal e conselho executivo, de que farão parte reitores, seis professores eleitos e seis individualidades do meio técnico-científico e económico da região Norte.

Colégio dos Órfãos tem três séculos

Criado em Coimbra em 1675 com parte da fortuna de um natural de Vila Pereira do Campo residente nas Filipinas, doada à Misericórdia de Coimbra, o Colégio dos Órfãos regista hoje 312 anos de ininterrupta actividade. Absorve a fracção maior do orçamento de cerca de 27 mil contos daquela instituição e alberga 60 crianças e jovens dos cinco aos 18 anos, que para ali são encaminhados pela Segurança Social e outras entidades.

Bolsas para portugueses em França

A Embaixada de Portugal em Paris abriu concurso para a atribuição de 20 bolsas de estudo destinadas a filhos de trabalhadores portugueses em França que provem estar inscritos num estabelecimento de Ensino Superior francês. Os concorrentes deverão ter igualmente terminado o Ensino Secundário em França. Cada bolsa tem o valor de 1000 francos (24 contos) mensais durante 10 meses.

Revelado por António Eloy no Congresso de Áreas Protegidas

Estado tem três meses para repor legalidade na Ria Formosa

António Eloy revelou no I Congresso de Áreas Protegidas que a Comissão do Ambiente da CEE, na sequência de uma queixa apresentada pelos Amigos da Terra, irá intimar o Estado português a obstar ao projecto da marina em Tavira, na ria Formosa. Caso não o faça, o Estado será accionado no Tribunal de Justiça Europeu, cujas decisões valem como matéria de Direito interno português, por se tratar de um País membro da Comunidade.

Apurámos a propósito, em conversa ontem com o ex-presidente daquela associação ecologista, que o processo sobre o projecto da marina de Tavira, elaborado pelo Serviço Nacional de Parques, não chegou oficialmente àquele organismo da CEE por razões que se desconhecem. «É a primeira vez que vemos um Estado cometer suicídio», terá inclusivamente comentado um funcionário da Comissão comunitária do Ambiente.

Stanley Clinton Davis, soubemos ainda, que é o presidente da Comissão das Comunidades Europeias, enviou uma carta de infracção ao Governo de Cavaco Silva na qual se dá um limite de três meses ao Estado português para repor a legalidade na ria Formosa, respeitando, sobretudo, às directivas comunitárias sobre aves selvagens e águas subterrênas.

Foi também referida por aquele elemento do CEEETA, durante a sua intervenção, a questão do alargamento do campo de tiro de Alcochete, com a revelação de que os Amigos da Terra viram aceite uma sua queixa junto da CEE, tal como adiantámos na nossa edição de ontem. Aquela associação ambientalista recorreu igualmente à Convenção de Ramsar sobre zonas húmidas, de que Portugal é um dos assinantes. Se se verificar que o Estado português não está de facto a respeitar as normas da Convenção a que é obrigado, será retirado o estatuto de zona protegida a Alcochete e o Estado ficará desautorizado internacionalmente.

Foram ainda apontados por si os «casos» da Arrábida e do sudoeste alentejano em geral e ainda da área protegida Sintra-Cascais. Sobre o primeiro disse que está um Banco a comprar toda a zona de encosta, sem se saber com que fins. «Será mecenato cultural?», perguntou, com ironia. Sobre Cascais-Sintra enumerou as pressões constituídas pela auto-estrada que para ali está prevista, a marina de Cascais, o aeródromo em Tires e o projecto turístico do litoral de Sintra: «Os gestores ambientalistas estão a ser pressionados com cifrões estendidos pelos patos bravos do costume. E eles têm cara — são os grandes negociantes do jogo, do turismo, da droga, mais os empreiteiros e os cimentos», acrescentou ao «DL».

«As folhas também, jazem umas sobre as outras. A chuva cai sobre a chuva.» Foi com este haiku que António Eloy começou a sua intervenção no segundo dia de trabalhos do I Congresso de Áreas Protegidas, único momento em que se pôde passar das questões técnicas e metodológicas para o domínio do ambientalismo político. E disse algo que esteve e destom: «As áreas protegidas não devem ser bibelots». Segundo o ex-presidente dos Amigos da Terra, se é preciso «olhar as árvores» «não se deverá esquecer a floresta», diferentemente do que vem acontecendo hoje: «Existe uma grande incapacidade de avançar com passos concretos na política do ambiente».

«Há que inserir a gestão das áreas protegidas num plano global, um plano nacional de ordenamento do território», considerou, defendendo um apolítica ambiental que não seja uma política de áreas protegidas. Até porque, disse ainda perante a assistência do congresso, os parques e reservas naturais são entendidos como as «coutadas de alguns».

Trás-os-Montes espera muito dela

Sovipe fica com jogo de Vidago e Pedras Salgadas

A Sovipe é desde ontem a empresa concessionária da Zona de Jogo de Vidago e Pedras Salgadas, tendo o respectivo contrato sido assinado no Palácio Foz, em Lisboa, em cerimónia presidida pelo secretário de Estado do Turismo. Licínio Cunha sublinhou na ocasião que a região do Alto Tâmega «é das melhores habilitadas para ser um grande centro de turismo moderno».

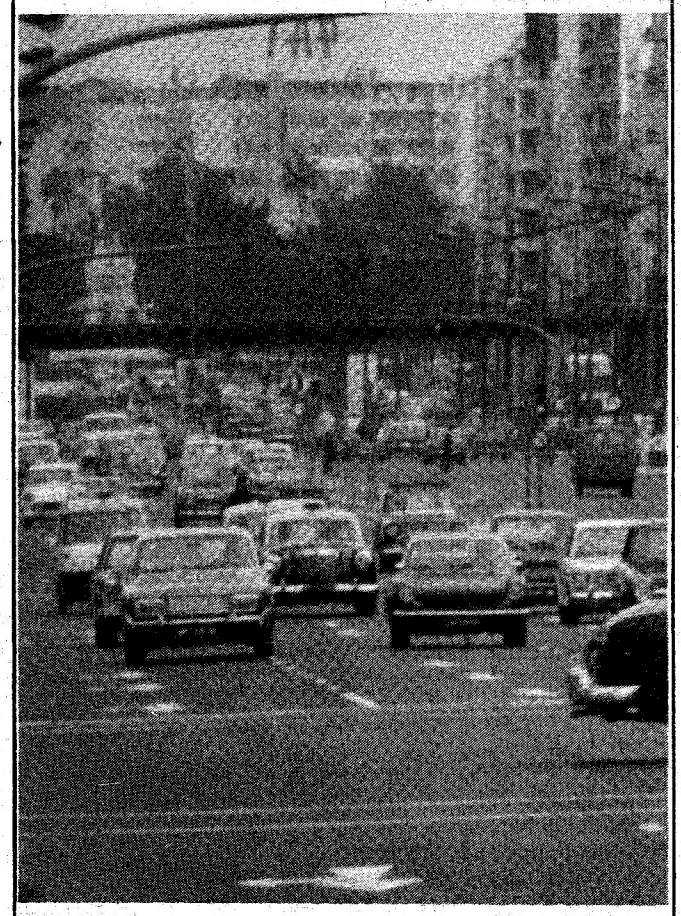
Depois de considerar que a Sovipe «assume uma grande responsabilidade, não só perante o Estado, mas também perante as populações locais», o secretário de Estado sublinhou o esforço de investimento que terá de ser feito pela empresa concessionária. Ao mesmo tempo, afirmou-se convicto do papel que a Sovipe irá representar «no progresso social da região transmontana e na recuperação de uma zona de grandes tradições que se tem vindo a degradar, mas não perdeu nenhuma das suas potencialidades».

A concessão atribuída à Sociedade de Desenvolvimento Turístico Sovipe é válida por 25 anos. A Sovipe é constituída pela Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas (VMPS), do grupo Sousa Cintra; pelos municípios de Chaves, Boticas, Valpaços, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar; e pela Região de Turismo do Alto Tâmega.

Para obter a concessão, a Sovipe, promovida pela VMPS, apresentou-se disposta a investir, nos próximos anos, cerca de 2,5 milhões de contos.

No prazo de quatro anos, a empresa concessionária conta poder passar a dispor de mil e cem camas distribuídas entre Vidago e Pedras Salgadas, onde deverá ficar instalado o casino.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL NOS VAMOS...



Uma certa "normalidade" no trânsito de Lisboa

Para o chefe Pais, graduado de serviço na Divisão de Trânsito da PSP, o movimento esta manhã em Lisboa podia considerar-se «normal dentro da anormalidade já habitual».

No entanto, e apesar desta normalidade, a capital registou 34 acidentes nas últimas 24 horas, responsáveis por um porto e 10 feridos, um dos quais com gravidade.

Destes 34 acidentes, oito foram devido a atropelamentos, de que resultou a vítima mortal, João Pereira Marques, de 89 anos, apanhado por um automóvel quando atravessava a Avenida da República.

No mesmo período um camião galgou o «separador» na Avenida Norton de Matos (a velha II Circular entre o campo Grande e a Estrada de Benfica), não tendo causado danos pessoais.

Buracos existentes no pavimento mantêm interdita a circulação na Rua Leite Vasconcelos, na zona de vale de Santo António, e na Rua do Benformoso, ao Intendente, entre as ruas Fernantes da Fonseca e do Terreirinho.

Relativamente à sinistralidade nas estradas, em idêntico período, a Brigada de Trânsito da GNR informou, através do oficial de dia no quartel das Janelas Verdes, a ocorrência de 92 acidentes de que resultaram três mortos e 70 feridos, 17 deles em estado que inspira cuidados.

A mesma fonte referiu que o nevoeiro prejudicava a visão dos automolistas em muitas regiões do País, com especial realce para Vila Real de Trás-os-Montes.

A morte de um jornalista

No choque frontal do automóvel que conduzia com um outro veículo ligeiro, faleceu esta madrugada, cerca das 2 e 15, na Estrada Marginal, próximo de São Julião da Barra, o jornalista da RDP (Antena 1), Francisco António da Costa Gonçalves Mateus. Com 27 anos, Costa Mateus que nasceu em Lisboa, tinha entrado para os quadros daquela emissora em 1974, estando neste momento integrado na equipa que faz o programa «19/20 — Informação e Música». À família enlutado o «DL» apresenta sentidas condolências.

Comerciantes alertados para "vaga" de cheques furtados e falsificados

A Polícia Judiciária alertou ontem os comerciantes para a vaga de cheques furtados e falsificados que têm sido passados em todo o País. De acordo com a PJ, «os prejuízos causados aos comerciantes lesados ascendem já a vários milhares de contos e os sectores mais afectados são os de som e imagem, vestuário, ourivesaria e automóvel».

Em comunicado assinado pelo inspector Ilídio das Neves Luís, é salientado que «os falsários utilizam bilhetes de identidade ou fotocópia dos titulares das contas bancárias com a fotografia alterada, fornecendo profissões, moradas e telefones falsos». Para além disso «são habilidosos e bem falantes, apresentando-se normalmente bem vestidos, transmitindo a ideia de pessoas respeitáveis. Os cheques utilizados foram previamente furtados aos seus legítimos titulares, e a quadra que atravessamos é propícia para a actividade dos falsários».

A PJ «recomenda aos comerciantes que, ao aceitarem cheques, sejam cuidadosos na identificação, solicitando mais do que um documento para o efeito, confirmando moradas e números de telefone ou, se possível, preferindo a adopção do sistema de entregas domiciliárias».

Tentaram abrir o cofre da Câmara de Varzim

Desconhecidos tentaram em vão abrir o cofre-forte da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, tendo revolvido documentação existente no gabinete da presidência, na secção de contabilidade e na tesouraria.

Segundo o presidente da edilidade, os assaltantes, que utilizaram luvas pois não foram detectadas impressões digitais, arrombaram as fechaduras de várias dependências do edifício camarário.

Segundo o Conselho Superior do Ministério Público

AINDA NÃO EXISTEM CONDIÇÕES PARA A ENTRADA EM VIGOR DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO PENAL

Enquanto os funcionários judiciais prosseguiam hoje a sua greve geral de dois dias, ameaçando para já com uma greve de zelo «por tempo indeterminado», o Conselho Superior do Ministério Público comunicou ontem ao ministro da Justiça não estarem criadas as condições para a entrada em vigor no próximo dia 1 de Janeiro do novo Código de Processo Penal.

Esta posição do Conselho Superior do Minstério Público, que é presidido pelo procurador-geral da República, foi expressa por unanimidade. Recorde-se que os magistrados do Ministério Público vão efectuar amanhã uma greve geral.

Entretanto, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público afirmou ontem que, a quatro dias do encerramento dos tribunais devido às férias judiciais, e a 15 da entrada em vigor do Código de Processo Penal, «são manifestas e evidentes as carências da administração da Justiça e organização judiciária». Em conferência de Imprensa, realizada em Lisboa, aquela estrutura de classe considera que está por preencher o novo quadro de funcionários do Ministério Público, está por formar o quadro mínimo de magistrados (uma exigência que decorre do novo Código de Processo Penal), e estão por implementar os espaços físicos mínimos. «Está também por renovar o decadente e indigno parque judiciário», frisou o presidente do Sindicato, Francisco Pinto dos Santos.

Na conferência de Imprensa foram ainda revelados dados de um inquérito feito pela Procuradoria-Geral da República, em que se refere a existência de 200 magistrados, num universo de 500, a partilhar um gabinete com outros colegas. Em alguns casos, dois ou mais magistrados trabalham em áreas inferiores a quatro metros quadrados. Este inquérito fala ainda em «instalações degradadas e indignas», num «quadro insuficiente» e no «agravamento da situação, devido a uma política de estagnação do Ministério da Justiça nos últimos anos». «Não é com uma política de voluntarismo que se ultrapassam os problemas existentes», afirmou Pinto dos Santos.

A propósito da greve que os magistrados vão realizar amanhã, o Sindicato anunciou que serão assegurados os serviços que se prendam, directa ou indirectamente, com a liberdade das pessoas e também as acções sumárias laborais. Pinto dos Santos salientou ainda que caso os juízes procedam a substituição dos magistrados do Ministério Público em greve, estes devem interpor recurso, com o objectivo de conseguir a nulidade da substituição.

O Procurador Geral da República, Cunha Rodrigues, que hoje foi recebido pelo ministro da Justiça, para lhe expor a situação criada com o novo Código Penal

Ao ser interrogado por juiz espanhol

José Amedo invocou Constituição para não falar sobre os GAL

José Amedo Fouce, subcomissário da Polícia espanhola, recusou-se ontem a responder ao juiz-instrutor do processo sobre a sua eventual ligação aos Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL), invocando o direito constitucional de não declarar nada contra si mesmo. Mas ao falar com os jornalistas, José Amedo disse nada saber sobre os GAL, invectivando-os: «Perguntem aos que me acusam, porque eu desconheço por completo o tema.»

Há duas semanas, Amedo Fouce prestou declarações perante a Justiça espanhola na sequência de pedidos do tribunal francês de Pau, cujos magistrados estiveram presentes, e do Tribunal Criminal de Lisboa que investigava o ramo português do GAL. O juiz português não compareceu.

A partir das investigações do tribunal francês, que solicitou um mandado de captura em nome de José Amedo Fouce, a Justiça espanhola decidiu investigar as eventuais vinculações do subcomissário. Um dos objectivos da investigação é conhecer a utilização de um cartão de crédito «Visa» com o qual José Amedo pagou uma conta no «Hotel Ritz», em Lisboa, segundo consta no «dossier» da ramificação portuguesa deste caso.

Fontes judiciais disseram não ter sido pedido a José Amedo que entregasse o cartão de crédito, embora tenha sido interrogado sobre o seu paradeiro. As mesmas fontes indicaram que continua a investigação judicial sobre a utilização do cartão, com que poderiam ter sido efectuados os pagamentos de contas suspeitas.

José Amedo invocou o direito constitucional de não fazer declarações contra a sua pessoa, e não respondeu a algumas perguntas dos magistrados, embora o tenha feito em relação a outros aspectos pontuais. O magistrado disse que, por agora, não há motivos para instaurar um processo contra Amedo Fouce, mas admitiu que as investigações prosseguirão e que, provavelmente, outras pessoas serão chamadas a depor.

Alfândegas a rebentar pelas costuras detectam novas fraudes

IMPORTADORES DE CARNE LESAM O ESTADO

Continuação da pág. 1

Fontes alfandegárias sublinham entretanto que se encontram bloqueados, há muitos meses, numerosos e importantes processos de importações irregulares, que envolvem grandes empresas de diversos sectores e vultosas dívidas ao Estado.

Processos bloqueados

Segundo algumas fontes, admite-se a existência de fortes pressões e de uma certa «compreensão» por parte de responsáveis alfandegários em relação a muitos destes casos que acabam por ficar «em águas de bacalhau».

Uma das razões que explica a situação de nos últimos anos muitas empresas não pagarem as suas dívidas à Alfândega, por fraudes na importação de mercadorias, tem a ver com o facto de os importadores descarregarem a responsabilidade para os despachantes e vice-versa. No entanto, segundo as nossas fontes, a lei é clara e não deixa dúvidas quanto à imputação da responsabilidade fiscal às empresas importadoras, ainda que estas, em termos de responsabilidade civil possam depois acusar os seus despachantes. De qualquer modo, acrescentam, «a verdade é que ultimamente as alfândegas se deixaram enredar numa polémica jurídica que faz com que os grandes nunca paguem e que só beneficia os infractores e aqueles que lhes facilitam a vida».

Entre os casos que se encontram nesta situação sobressaem os do despachante Costa Santos e Rui Nabeiro (mais de 500 mil contos), do despachante Olavo Furtado (fugido no Brasil e responsável por fraudes no valor de cerca de 200 mil contos) e dos dois empregados do despachante Castel Branco, que também voaram para o Brasil e devem perto de 70 mil contos.

Carne de primeira por fígado

Quanto à fraude detectada na sexta feira num armazem firgorífico da empresa Frilis, a fiscalização actuou por denúncia das autoridades espanholas e descobriu que mais de uma dezena de toneladas de carne declarada como sendo fígado era afinal carne de vaca de primeira qualidade. O truque reside no facto de os fígados importados do exterior da CEE pagarem um direito de apenas 7% sobre o seu valor de compra, enquanto que a carne que efectivamente foi importada da América latina paga 767 escudos de direitos niveladores por cada quilo. Os direitos niveladores são fixados pela CEE e representam o diferencial que os importadores tem que pagar entre o preço por que compram a carne em países não membros e aqueles que se praticam no espaço comunitário. O direito nivelador constitui, em princípio, receita comunitária e visa manter a competitividade da agricultura da CEE face aos seus concorrentes.

A carne apreendida pela alfândega foi importada pela Sociedade de Importação e Exportação Pinto de Carvalho e Mendes Ldº, com sede na Rua Vitor Cordon, em Lisboa, e o valor da fraude efectuada com esta remessa de carne ronda os nove mil contos. Os investigadores já apuraram no entanto que numa importação anterior a mesma sociedade fugiu, pelo mesmo sistema, ao pagamento de mais nove mil contos. A carne vinha do Uruguai e da Argentina e passava pelas Canárias, onde lhe eram mudadas as embalagens e os respectivos rótulos, por forma a que passasse por fígado. No acto da verificação pelos serviços alfendegários o importador mostrava uma embalagem que continha efectivamente fígados, mas o resto era tudo carne de vaca de primeira qualidade.

Uma parte da mercadoria importada foi vendida à firma «Olás e Risos» por conta da qual a carne se encontrava nos armazéns da Frilis. Estas duas empresas, bem como o armazém alfandegado Morris e Elias, através do qual também parece ter sido escoada ilegalmente alguma desta carne, apresentam determinados pontos comuns que levam a supôr estarem todas ligadas ao grupo do importador Pinto Carvalho e Mendes Ldº.

«Foi um engano...»

O gerente desta última firma, contra o qual já foi entregue participação criminal por falsificação de documentos à Polícia Judiciária, foi ouvido esta semana nos serviços de fiscalização da alfândega, sector onde se sabe terem já emperrado alguns processos desta natureza. A argumentação do importador assenta num alegado erro do seu fornecedor, que se teria «enganado» e teria carregado carne de primeira nas embalagens do fígado...

Nas alfândegas admite-se contudo que além das duas remessas importadas irregularmente, a mesma firma já utilizou esta técnica em outras ocasiões. Das investigações em curso não está arredada a possibilidade de conluio entre os responsáveis pela fraude e algums elementos da autoridade.

Mais dois casos

No que se refere aos outros dois casos de ilegalidades com importações de carne detectados este ano, o «DL» apurou que as alfândegas já notificaram as empresas Sicasal e Fricarnes para pagarem, respectivamente, as quantias aproximadas de 95 mil contos e 70 mil contos, correspondentes a direitos aduaneiros não pagos. Tanto uma como a outra destas conhecidas empresas procederam à importação de carne da Polónia e da Checoslováquia para fabrico de chouriços destinados a posterior exportação, mas acabaram por comercializar a carne importada no mercado português.

As importações foram efectuadas sem pagamento de quaisquer direitos, ao abrigo do recém criado Regime de Aperfeiçoamento activo, que obriga a que o a carne seja transformada no país e depois exportada. De acordo com o resultado das investigações feitas, aquelas empresas não só não transformaram a carne, como não a exportaram. Além disso, o próprio produto importado, coisa que por si só não seria ilegal, era carne de porco de primeira e não carne para enchidos.

Além destas empresas, admite-se que muitos outros importadores tenham aproveitado o «verdadeiro buraco jurídico» que é o Regime de Aperfeiçoamento Activo e tenham actuado exactamente do mesmo modo que as duas cujas irregularidades foram detectadas pela Alfândega de Lisboa e participadas á P.J.. «Quando há efectivamente exportação de carne transformada, problema está no facto de ser muito difícil provar que a carne importada com isenção de direitos foi efectivamente incorporada no novo produto e não vendida no nercado interno», sublinhou uma das nossas fontes.

Alfândegas a rebentar pelas costuras

Entretanto, o funcionamento dos serviços alfandegários continua a processar-se de uma forma mais ou menos caótica, sem que a renovação de procedimentos e as alterações legais motivadas pela adesão à CEE tenha sido acompanhada de qualquer modernização das estruturas das alfândegas. «Temos cá a informática há 14 anos, mas continuamos a fazer contas à mão», referiu-nos um funcionárioa com quase 40 anos de casa.

O reconhecimento da necessidade de reorganizar as alfândegas vem de há muito e já em 1982 um decreto governamentel fixou um prazo de seis meses para que fossem «reestruturados os serviços regionais e periféricos». Três anos depois, o Director Geral das Alfêndegas, Nunes Barata, foi demitido do seu cargo e um dos motivos então alegados pelo Secretário de Estado que tutelava a instituição foi exactamente o facto de não ter cumprido aquele diploma. O seu sucessor, Paulo de Magalhães, que esta semana deixou as suas funções para ocupar um lugar na representação permanente de Portugal junto da CEE, e ainda não tem substituto designado (admite-se que ele seja Nuno da Rocha, um dos actuais sub-directores), também não conseguiu levar por diante a enorme tarefa da reestruturação dos serviços.

«Estamos a rebentar pelas costuras e praticamente só podemos actuar por denúncia», disse ao «DL» um outro responsável da Direcção Geral das Alfândegas.

Advogado de defesa requereu a "prisão perpétua" para a réu

Eduardo Cortesão considerou que Vítor Jorge sofre de um "distúrbio explosivo isolado"

O director do Hospital Miguel Bombarda, dr. Eduardo Cortesão, caracterizou Vítor Jorge Simões como «um doente mental grave, num estado limite de personalidade. Na fronteira entre a esquizoidia e a esquizofrenia», durante uma sessão que foi caracterizada pelo facto do advogado de defesa, dr. Mário Ferreira, ter pedido para o seu constituinte uma condenação mais pesada (prisão perpétua) do que a requerida pela própria acusação oficial e particular (20 anos de cadeia).

Mas para Eduardo Cortesão, que observou por diversas vezes o réu durante o período em que o mesmo esteve internado no Estabelecimento Prisional de Leiria, Vítor Jorge sofre de «distúrbio explosivo isolado (um episódio único em que uma pessoa não consegue resistir a um impulso) e de distúrbio esquizotímico da personalidade». De acordo com aquele catedrático de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas, que sustenta dever Vítor Jorge ser considerado inimputável, esta situação impõe internamento em estabelecimento de alta segurança», sendo o seu prognóstico «muito reservado».

Eduardo Cortesão sublinhou haver «o perigo actual e futuro de novos actos violentos» por parte de Vítor Jorge, pelo que o réu deve ser «internado num estabelecimento prisional, dada a inexistência em Portugal de um estabelecimento de alta segurança próprio de forma a poder ser investigado».

Vontade de matar a assistente social

Èduardo Cortesão sublinhou depois que a sua presença no Tribunal de Leiria, para onde foi convocado pela defesa, se deve ao facto de ser responsável por uma equipa de investigação de psiquiatria forense, cujo trabalho advém de um protocolo entre os serviços prisionais e a Faculdade de Ciências Médicas, onde lecciona. «Não estou aqui para defender ou acusar Vitor Jorge» sublinhou ao responder a uma questão colocada pelo defensor oficioso do réu, Mário Ferreira.

Eduardo Cortesão salientou também o «interesse científico» da investigação deste caso, que comparou ao dos assassinos inesperados de que há diversos exemplos em países estrangeiros, e que «pode fornecer dados muito importantes em base de contemporaneidade de psiquiatria forense científica». Aquele perito mencionou também o facto de Vítor Jorge lhe ter revelado haver tido numa ocasião «uma vontade indómita de matar» a assistente social Ana Rebocho, que o tem acompanhado na prisão e que Vítor Jorge diz ser «ua pessoa muito boa». Considerou ainda que na chacina da praia do Osso da Baleia não houve premeditação por parte do réu, conceito que implica lucidez, consciência de significação, de motivação, e consequências dos actos, o que Vítor Jorge não tinha, uma vez que elé tem ideias pré-delirantes». Jaime Cortesão apontou como característica da personalidade de Vítor Jorge a «estranheza do eu, verificada com o réu em algumas circunstâncias, e o facto de ele não ter reagido emocionalmente ao ser confrontado com os crimes cometidos». Justifica-se essa ausência de reacção dado que «a alteração esquizotímica de Vitor Jorge não lhe permite ter ressonância afectiva».

Respondendo ao procurador da República, Eduardo Cortesão disse haver possibilidade de «os distúrbios psiquiátricos do réu serem detectados», e que «o distúrbio explosivo é sempre despoletado por factores precipitantes, embora o motivo seja incoerente, discutível, e difícil de detectar». «Os casos desta natureza são de diagnóstico muito difícil» — apontou.

Respondendo a uma questão colocada por Alves Cardoso, advogado de acusação nomeado pelos familiares de uma das vítimas (Luís Miguel Teixeira), sobre se o réu não teria sido capaz de conceber um plano para a sua própria defesa, disse considerar «essa hipótese impossível», sublinhando que Vítor Jorge também não concebera qualquer «plano para matar» e os crimes foram cometidos «devido ao distúrbio explosivo isolado».

Relativamente a questões postas por Adriano Dias, advogado de acusação nomeado pelos familiares da vítima Isabel Moreira, aquele psiquiatra afirmou que o réu «não tinha conhecimento do que estava a fazer», embora pudesse empregar palavras como «estou a matar», uma vez que se encontrava «num estado em que o conhecimento estava alterado».

«Como factores precipitantes» para o distúrbio explosivo terão contribuído «a sugestão de sexo em grupo» e a «pancada com a ripa», factos mencionados pelo réu, em cujo depoimento acentuou a investigação conduzida pelo psiquiatra, para quem o discurso de Vítor Jorge «apenas é coerente até certo ponto», a partir do qual surgem «incoerências».

Um «minuto de silêncio pelas sete vidas»

Ao requerer a prisão perpétua para o seu constituinte, Mário Ferreira considerou que, caso Vítor Jorge fosse considerado inimputável, «ele poderia, dentro de três anos, circular livremente, pois nada garante que, ao fim desse período, não haja médicos que venham dizer que este homem está bom, curado, e pode sair em liberdade». Mário Ferreira referiu que o réu deve por isso ser «encarcerado» para o resto da vida, porque «existe nele uma fera adormecida e sustentou que ele deveria ser considerado inimputável de alta perigosidade». Acrescentando ter sido difícil para ele aceitar a defesa do réu, pessoa que «não conseguia entender», motivo que o levou a solicitar o parecer dos peritos «Eduardo Cortesão, Payne Pereira e Alves Gomes».

Mário Ferreira sublinhou que o seu interesse era defender a comunidade, facto que o colocava numa posição mais próxima da acusação do que da defesa, ao tentar impedir que crimes como os que Vítor Jorge cometeu jamais possam ser repetidos. O seu constituinte fora aliás o primeiro a dizer-lhe que «não queria defesa, queria antes que se fizesse justiça, alegando que ele já não existia».

Vítor Jorge, entretanto interrogado pelo juiz-presidente do colectivo sobre se tinha algo a alegar em sua defesa, surpreendeu o tribunal, ao pedir «um minuto de silêncio pelas sete vidas que foram ceifadas». O seu pedido provocou imediatas reacções de protesto por parte da assistência e foi recusado pelo juiz Gregório Simões.

O julgamento prossegue no próximo dia 19.

unicef

ao desejar
um bom natal
para os seus
dê um natal
melhor aos outros.

Envie as suas Boas Festas em cartões UNICEF.

Contacte
Comité Português para a UNICEF
Praça Dr. Fernando Amado, lote 568-1.º
Zona J de Chelas - 1900 LISBOA
Telef. 85 23 54 / 85 24 76
Delegação Regional de Coimbra
Rua do Brasil, 39 - 3000 COIMBRA
Telef. 228 35

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

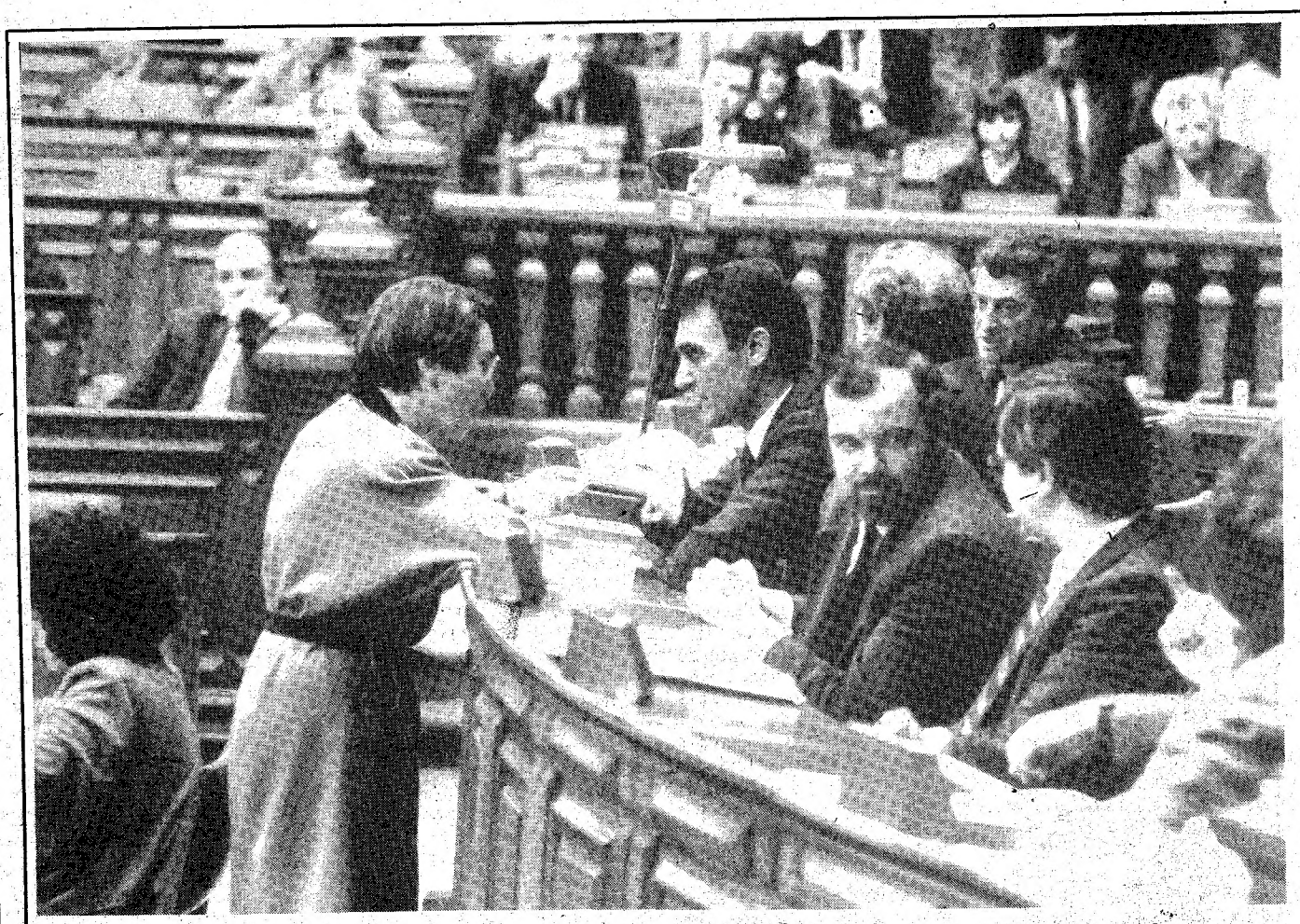
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$30	56$30
ALEMANHA FED. (marco)	80$65	81$85
ÁUSTRIA (xelim)	11$40	11$60
BÉLGICA (franco)	3$658	3$908
BRASIL (cruzado)	1$311	2$011
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	100$70	103$20
(notas de 5 a 1000)	101$20	103$70
DINAMARCA (coroa)	20$90	21$30
ESPANHA (peseta)	1$159	1$279
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	132$00	135$50
(notas de 5 a 1000)	132$50	136$00
FINLÂNDIA (marka)	32$65	33$25
FRANÇA (franco)	23$80	24$50
HOLANDA (florim)	71$65	72$75
IRLANDA (libra)	215$60	219$60
ITÁLIA (lira)	$099	$114
JAPÃO (iene)	$997	1$052
NORUEGA (coroa)	20$60	21$10
REINO UNIDO (libra)	242$00	246$60
SUÉCIA (coroa)	22$20	22$70
SUÍÇA (franco)	98$90	100$40
VENEZUELA (bolívar)	4$301	5$301

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



O País não existe

João Almeida

Não há que ver: neste país, temos o terrível hábito - pragmático - de julgar inexistente o que não se vê e por pouco provável aquilo que dá mostras de ser visível. Deve fazer parte do nosso passado cromossómico...

Desagrada-nos uma coisa? Passamos à frente, escondemo-nos, viramos a cara e pronto, tudo deixou de lá estar. E se alguém, muito aborrecido, diz que não, que ela está lá mesmo e nos enfia a ideia outra vez pelos olhos a dentro, então mudamos de assunto, empregamos umas frases - nós somos bons em frases - e tudo se volta a apagar. É garantido.

«Nunca houve um biénio com tão elevada 'performance'», disse anteontem o ministro das Finanças. Pois, um dia depois veio o economista Silva Lopes, do PRD, e disse: «nunca houve um biénio onde se gastasse tanto e vamos ter de pagá-lo mais tarde ou mais cedo». Vá se lá saber. E entre as flores e o preço da factura, nada acontece e o país continua a andar.

Um deputado socialista sobe à tribuna e diz que o Tribunal de Contas vai ter que dar uma palavra sobre as contas mal feitas, que há falcatruas, ilegalidades, inconstitucionalidades. E nada se dá, nem um desvio na Bolsa, nem um chimfrim razoável, os jornais emudecem e não arrastam o Governo pelas ruas da amargura.

No dia seguinte, outro deputado voltar a dizer o mesmo. Nada. Lá surge um deputado social-democrata a dizer que está por provar, a ver vamos. E não há ninguém no Governo que salte do redil e grite, enraivecido: «Repita lá isso se é homem!...». Moita, tudo se passa como se nada fosse.

Durante os trabalhos de preparação do debate, o presidente do Tribunal de Contas, Sousa Franco, não responde a questão sobre questões sobre o Orçamento de 1988 porque isso lhe foi imposto pelo PSD como condição para poder comparecer na reunião da Comissão parlamentar de Economia, Finanças e Plano. Facto que impediu os deputados - os tais eleitos pelo povo, o tal dos 50 por cento - de escutar o seu parecer sobre a preparação daquele documento. Ele demitiu-se?... Alguém veio para a rua blasfemar que «a democracia estava em perigo!»? Os trabalhos não param e os ministros revezam-se em discursos.

O ministro do Planeamento e Ordenamento do Território, Valente de Oliveira, disse ontem que a falada diferença dos 40 milhões de contos na receita do IVA é resultado do facto de não se poder acertar sempre nas previsões e que as autarquias têm que se aguentar no balanço, nos bons e nos maus momentos. Como este ano em que recebem só 2 por cento de acréscimo.

Ainda houve uns deputados da oposição que lhe lembraram que, no ano passado quando se aprovou a ligação das receitas autárquicas com as do IVA, se havia considerado a evolução das cobranças daquele imposto como um bom aferidor da inflação. Mas alguém puxa as orelhas a quem inventou o sistema, ou aos cobradores de impostos, ou aos evasores do IVA? Já passou, agora estamos em 1988, Feliz Ano Novo e Boas Festas...

O ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, veio dizer ontem que o défice comercial - por causa do qual, em parte, estamos agora a ter um «crescimento sustentado» do investimento que na realidade significa a sua redução para metade - não é alarmante. Aliás, «grande parte dele é motivado por importações de bens de equipamento». Uma parcela do investimento, enfim...Só que nem os técnicos do INE sabem qual é a parte da importação de bens de equipamento que corresponde efectivamente a investimento ou a peças de material informático que se montam em Portugal inclusas na mesma rúbrica. «Era preciso fazer muitas contas», dizem-nos. E alguém sabe disto? O melhor é julgar que não. E mesmo se soubesse, algo se alterava no discurso?...

O mesmo Ferreira do Amaral, questionado sobre as razões de não ter apresentado à Comissão de Economia, Finanças e Plano, como era obrigado, a proposta de Orçamento do ICEP - que representa metade das verbas daquele ministério -, respondeu que só podia fazê-lo após a aprovação do Orçamento de Estado de 1988...

Depois emendou a mão e disse que estava pronto a entregar o provisório...Alguém percebe?

Aliás sobre informação a prestar, as reivindicações não ficaram por ali. O deputado Silva Lopes queixou-se, ontem, de não terem sido fornecidas informações necessárias para «um cálculo rigoroso em bases comparáveis aos anos anteriores» do financiamento do Sector Público Administrativo; para a «comparação do défice programado com as autorizações de aumento da dívida solicitadas»; do grau de recuperação de 260 milhões de contos destinados a cobrir as dívidas de organismos extintos que, por isso, podem constituir despesas não orçamentadas, com respectivo agravamento do défice. Alguém no Governo ou na bancada social-democrata se escandalizou? Sorrisos, comentários, «vamos tomar um café...».

Já na terça-feira Octávio Teixeira, do PCP, achara estranho que o Governo não tivesse indicado os elementos sobre a base em que assentou o cálculo das receitas previstas. O Primeiro-Ministro levantou-se da bancada e disse «tome lá, não quero que faça má figura. Estude e venha falar comigo, tenho muito gosto...»? Nada se ouviu...

Tudo se comporta como se de facto nada existisse ou acontecesse. Como se o país fosse apenas um estendal de números e considerações, e que, por detrás, só houvesse aquilo que se quisesse. Basta falar, pois há quem acredite...

Também o CDS contra o Orçamento

CONSTÂNCIO NO CENTRO DA POLÉMICA: APOIADO POR SILVA LOPES E COMBATIDO (FINALMENTE) PELO PSD

Daniel Reis

O que já resultava implícito da votação na Comissão de Economia, Finanças e Plano — todos os representantes da Oposição contra o parecer, que só passou mediante o voto favorável do PSD — foi ontem confirmado na Assembleia da República: a Oposição em bloco vota contra a proposta de Orçamento do Estado para 1988, cuja discussão nas generalidade terminou hoje com um discuso do Primeiro-Ministro.

Se algumas dúvidas restavam quanto à posição do CDS, admitindo–se porventura a abstenção, Basílio Horta dissipou–as, anunciando explicitamente o voto do seu partido, depois de ter analisado criticamente o conteúdo da proposta:

«O CDS não vota favoravelmente este Orçamento, porque fazê–lo era dizer que há nele sinais de mudanca; vota contra porque é uma Orçamento para tudo ficar na mesma, se é que não fica pior»-disse.

Quanto ao Partido Comunista, tem–no dito e redito, este não é o Orçamento de que o País precisa, esta não é a política que contribui para o desenvolvimento e para a melhoria do bem–estar do povo português. Logo, vota contra.

O PRD, ontem também, através dos seus deputados Silva Lopes e Victor Ávila, teceu uma malha tão pormenorizada de críticas ao documento em debate, referiu um tal ror do que considera ilegalidades e até inconstitucionalidades, que só podem ser entendidas como oposição de fundo à aprovação da proposta de OE/88.

Como o Partido Socialista anunciara a rejeição logo no primeiro dia dos debates, em discurso do seu Secretário–Geral, Vitor Constâncio, a situação é clara e o documento podia ser votado agora mesmo que só passaria com os votos do PSD, mais que suficientes, como se sabe, para fazer maioria.

Uma questão de autoria do discurso

O Secretário–Geral do Partido Socialista, o primeiro a anunciar, com as letras todas e uma caterva de argumentos, que votaria contra, esteve ontem sob fogo cerrado da maioria que apoia e sustenta o Governo. Quer através de Rui Machete, em discurso predominantemente político, quer pela voz de ^Angelo Correia, em tentativa de desmontagem de acusações específicas de ilegalidades e inconstitucionalidades feitas de véspera, Constâncio começou a ser combatido pela bancada do PSD.

Um dia antes, essa bancada ficara muda e queda, sem reagir ao fogo do Secretário–Geral do PS; ontem, finalmente, respondeu–lhe de forma organizada e ordenada, ficando–se com uma ideia de quem vai privilegiar Cavaco Silva, quando for a hora do ataque mais forte do Governo, e do que terá para lhe dizer quando decidir intervir na discussão.

Aliás, Vitor Constâncio, no modo como se recusou a discutir questões de economia com ^Angelo Correia, sugerindo não ser este deputado o autor do dircurso lido na tribuna, deu azo a um incidente verbal com o deputado de Aveiro do qual não saiu em nada favorecido.

Quem tira as castanhas do lume?

Acentue–se ainda, quanto ao trabalho parlamentar de ontem, que na sucessão de ministros e deputados na tribuna de S.Bento, emergiu o dircurso do deputado Silva Lopes, do PRD, a alertar para as graves consequências futuras resultantes das opções assumidas pelo Governo neste Orçamento. O antigo ministro das Finanças pôs a enfase do discurso na demora em se enfrentar o défice das contas públicas, garantindo que as dificuldades provocadas pela sua redução têm sido evitadas mas «acabarão por terem de ser enfrentadas, mais tarde ou mais cedo, com juros de mora».

Para Silva Lopes, atacar esse défice exige uma estratégia gradual «que o Governo tem prometido, mas nada tendo feito nem nada se propondo fazer para a pôr em prática».

«O futuro nos mostrará—concluiu—quem vai ter de tirar do lume as castanhas em que o actual governo não se mostra disposto a tocar».

Silva Lopes mostrou com exemplos vários a falta de informação fornecida pelo Governo à Assembleia, afirmando por outro lado que alguma da informação contida no Orçamento não merece confianca. E só se dispensou de ir mais longe na demonstração da falta de verdade e transparência nas contas públicas porque, como disse, «tal matéria já foi tratada com toda a clareza na intervenção do sr. deputado Vitor Constâncio».

Esta foi, aliás, uma das poucas vozes erguidas ontem como para–choques do Secretário–Geral do PS. No mais, depois dos silêncios da véspera, ele foi finalmente eleito como alvo privilegiado dos ataques da maioria, tendo passado a tarde sob o fogo cerrado do PSD. E o Governo, por essa altura, ainda só limpava as espingardas.

BOLSA

Invest suspende reembolso

O resgate das unidades de participação do Fundo Invest está suspensa desde o passado dia 7. Justificando esta decisão, Luís Saias, director do Fundo, referiu que a lei prevê a suspensão do resgate quando os pedidos ultrapassarem 5 por cento do número de unidades num dia ou 10 por cento em cinco dias. «A forte descida da Bolsa verificada nestes últimos dias e a forte expectativa das cotações dos títulos continuarem em queda» foram outras das razões apontadas para a suspensão. A decisão de acabar com esta suspensão depende agora do Banco de Portugal. Embora com volumes de negócio extremamente reduzidos, os restantes Fundos — Unifundo, Fipor, Valor Mais e Multipar — não suspenderam, até agora, os resgates das suas unidades de participação. A Carteira do Fundo Invest, a 30 de Novembro, tinha um valor de 42.2 milhões de contos, sendo composta por 59 por cento de obrigações e 41 por cento de acções. A participação de acções estrangeiras ronda os dois por cento do valor total da carteira. O Invest foi o primeiro fundo a ser criado, em Maio de 1986, e o valor da sua carteira é superior ao conjunto dos restantes quatro fundos mobiliários.

Subscrição Pública

• **A Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas** tem, amanhã, sexta-feira, 80.000 acções que poderão ser subscritas pelo público ao preço base de 4.000 escudos cada. Esta operação insere-se na emissão de 540.000 acções da empresa, ao valor nominal de 1.000 escudos cada, tendo 180.000 acções sido emitidas devido a aumento de capital por incorporação de reservas. A Companhia de Fiação de Torres Novas emitiu 240.ooo acções para subscrição reservada a accionistas (2.000 escudos preço base), 5.000 para colaboradores (2.000 escudos), 10.000 para instituições de solidariedade social e associações e fundações de utilidade pública (4.000 escudos), e 25.000 acções para fundos de investimentos e outros investidores institucionais (4.000 escudos).

• **A SOMIL, Sociedade Monumental Eléctrica, SA,** vai proceder, no próximo dia 21, à emissão de 100 mil acções por subscrição pública. Cinco mil são reservadas aos colaboradopres da empresa, ao preço de 3.500 escudos, e as restantes destinam-se ao público, ao preço de 4 mil escudos.

Nova OPV

• Na Bolsa do Porto realiza-se no próximo dia 28 uma OPV de 50 mil acções da **World Trade Center, SA,** com o valor nominal de mil escudos. As acções têm o preço fixo de 1.300 escudos. As 50 mil acções colocadas em oferta são próprias da empresa e correspondem a 25 por cento do seu capital social, que é de 200 mil contos.

Admissão no mercado oficial

• Foram admitidas à cotação, no mercado oficial da Bolsa de Lisboa, 280.000 acções do valor nominal de 1.000 escudos cada uma da **Transbel, Transportes e Trânsitos Internacionais, SA.** Estão representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções.

• Foram hoje admitidas à cotação, no mercado oficial da Bolsa de Lisboa, 70.000 acções do valor nominal de 1.000 escudos cada uma da **STE, Serviços de Telecomunicações Electrónicas, SA.** Estão representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções. Pelo sistema de liquidação de operações de Bolsa.

• Admitidas à cotação, no mercado oficial da Bolsa de Lisboa, foram igualmente 350.000 acções do valor de 1.000 escudos cada uma da **Sociedade Portuguesa de Computadores, Time-Sharing, SA.** Estão representadas por títulos de 1, 5, 10, 50 e 100 acções.

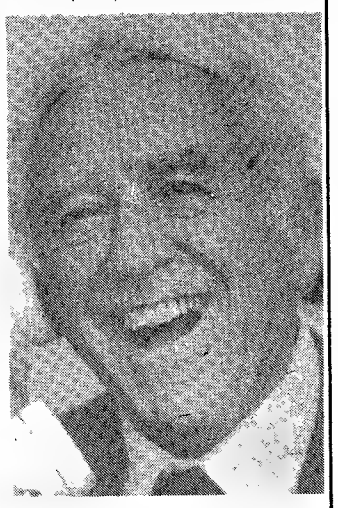
• Finalmente, também foram admitidas à cotação, no mercado oficial da Bolsa de Lisboa, dois milhões de obrigações, do valor nominal de 1.000 escudos cada uma, do **Metropolitano de Lisboa** e representadas por títulos de 5, 10, 20 e 50 obrigações.

"DOSES DE CAVALO" PARA SALVAR A ECONOMIA MUNDIAL

— propõem 33 famosos peritos internacionais

Trinta e três economistas de reputação internacional, entre eles dois Prémios Nobel, propoem «*doses de cavalo*», para salvar a economia mundial de uma crise que «ameaça tornar-se tão catastrófica como a dos anos 30». Num relatório intitulado «Resolver a crise económica mundial», e apresentado por um dos nove institutos privados de investigação que lançaram a iniciativa — o Centro de Estudos Políticos Europeus (Centre for European Policy Studies, CEPS) de Bruxelas —, os 33 peritos de 13 nacionalidades diferentes preconizam, nomeadamente, para os próximos cinco anos, um vasto reajustamento do comércio internacional a favor dos Estados Unidos.

Lawrence Klein



Franco Modigliani

Os peritos apelam igualmente a uma grande redução do défice orçamental norte-americano e a um reforço da procura interna na Europa, no Japão e noutros países da Ásia.

«Desde 19 de Outubro de 1987 (a «segunda-feira negra» de Wall Street), as medidas adoptadas nos Estados Unidos e nos países com fortes excedentes comerciais e financeiros estão na direcção certa, mas ainda não foram suficientemente longe» — afirmaram os peritos no relatório promovido pelo CEPS, pelo Institute for International Economics (IIE) e por sete outros organismos privados da Europa, América e Ásia (em Kiel, Londres, Paris, Roma, São Paulo, Seul e Tóquio).

Na opinião destes peritos, é preciso acabar, o mais rapidamente possível, com os «enormes desequilíbrios» que surgiram durante os anos 1980-85 e que deram origem à actual crise:

• *Os défices do orçamento e da balança de contas correntes dos EUA, os consideráveis excedentes comerciais do Japão e dos novos países industrializados da Ásia, Coreia do Sul, Singapura, Formosa...), o nível elevado do desemprego na Europa, assim como o endividamento e a estagnação em numerosos países do Terceiro Mundo.*

Entre os peritos que elaboraram o relatório encontram-se os Prémios Nobel da Economia 1980 e 1985, Lawrence Klein (EUA) e Franco Modigliani (Itália), os dirigentes do Instituto for International Economics de Washington, Fred Bergsten, e do Instituto Francês das Relações Internationais (IFRI), Thierry de Montbrial, o presidente do Intituto de Investigação Daiwa, Isamu Miyazaki (Japão), e ainda universitários como Edmond Malinvaud (College de France) e Herbert Giersch (Universidade de Kiel, RFA).

Na opinião dos 33 peritos, a resolução dos equilíbrios fundamentais da economia dos EUA passa pela eliminação do gigantesco défice da balança comercial norte-americana (150.000 milhões de dólares este ano) e de um serviço da dívida externa (50.000 milhões de dólares) cada vez maior, ou seja, uma hemorragia anual de 200.000 milhões de dólares, no total.

Ao contrário, os países que registam um saldo positivo nas suas trocas comerciais e financeiras com os Estados Unidos devem contribuir para o restabelecimento geral, em função do seu peso relativo: à razão de 70 a 10.000 milhões de dólares para o Japão, 50 a 70.000 milhões para a Europa e cerca de 30.000 milhões de dólares para os novos países industrializados da Ásia.

Os Estados Unidos têm de se orientar para a exportação, mantendo o ritmo de crescimento da sua procura interna em 1 ou 1,5 por cento, abaixo do crescimento global da sua economia, durante quatro ou cinco anos, ao contrário do que se passou nos últimos quatro anos.

O défice previsto do orçamento federal norte-americano para o ano fiscal de 1988 é de 160.000 milhões de dólares. Os peritos sugeriram uma redução de 40.000 milhões de dólares em cada um dos próximos quatro anos.

No parecer dos peritos, o acordo de princípios pelo Congresso e pelo presidente Ronald Reagan para a supressão de 76.000 milhões de dólares de créditos orçamentais em dois anos, é «largamente inadequado», sendo preciso, nos próximos meses, a tomada de decisões mais radicais para 1989.

Reduções significativas do Orçamento norte-americano conduzirão a uma baixa das taxas de juro nos EUA e do resto do Mundo, adiantaram os peritos.

O Japão, por seu turno, deveria aceitar reduzir praticamente a zero o seu excedente comercial, uma vez que se tornou o maior credor do resto do Mundo e obtem importantes receitas dos seus investimentos no estrangeiro. Tóquio deve reforçar a procura interna.

Quanto aos europeus, compete-lhes aumentar o consumo interno de 1 para 2 por cento, nos próximos três anos, e limitar os seus excedentes comerciais, aceitando um défice temporário.

Na Europa, tudo depende da Alemanha Federal, porque as outras nações não relançarão as suas economias se aquele «*país chave*» não tomar a iniciativa, salientaram os peritos.

Finalmente, os novos países industrializados da Ásia, como a Formosa e a Coreia do Sul, deveriam aceitar uma diminuição dos seus saldos comerciais, actualmente demasiado favoráveis, subir o nível de vida das suas populações, lançar grandes projectos e deixar que as suas moedas se revalorizem.

Zona Franca da Madeira apresentada em Lisboa

Durante os próximos 25 anos, todas as unidades empresariais que se instalarem na zona franca da Madeira estão isentas de impostos e tributação, e não terão qualquer restrição no acesso aos mercados externos.

A afirmação foi feita pelo presidente da Sociedade de Desenvolvimento da Madeira (SDM), Francisco Costa durante a apresentação, na Expoinveste, da Zona Franca Industrial e Comercial da Madeira, na presença do chefe do executivo regional, Alberto João Jardim.

A SDM, empresa que irá gerir a zona franca, é constituída por capitais privados madeirenses (70 por cento), capitais ingleses e americanos (5 por cento) e capitais do Governo da Região Autónoma (25 por cento).

O seu capital social é de 150 000 contos.

A zona franca, com uma área de 120 hectares, está situada no Caniçal (cerca de 30 quilómetros do Funchal), perto do aeroporto de Santa Catarina, e nela poderão exercer a sua actividade todos os sectores comerciais e industriais, à excepção das empresas poluentes ou que ponham em perigo a saúde pública ou a segurança nacional.

Francisco Costa salientou que na zona franca, aberta em circunstâncias de igualdade para empresas nacionais e estrangeiras, «a fiscalidade será zero» e não haverá restrições quer no acesso ao mercado externo quer à entrada e circulação de capitais.

Segundo o presidente da SDM, «as empresas apenas ficam obrigadas ao pagamento da segurança da SDM, «as empresas apenas ficam obrigadas ao pagamento da segurança social dos seus trabalhadores».

Paralelamente à criação da zona franca, foi constituída a «praça offshore», que irá transformar a região num «centro de baixo custo para as operações financeiras» — acrescentou.

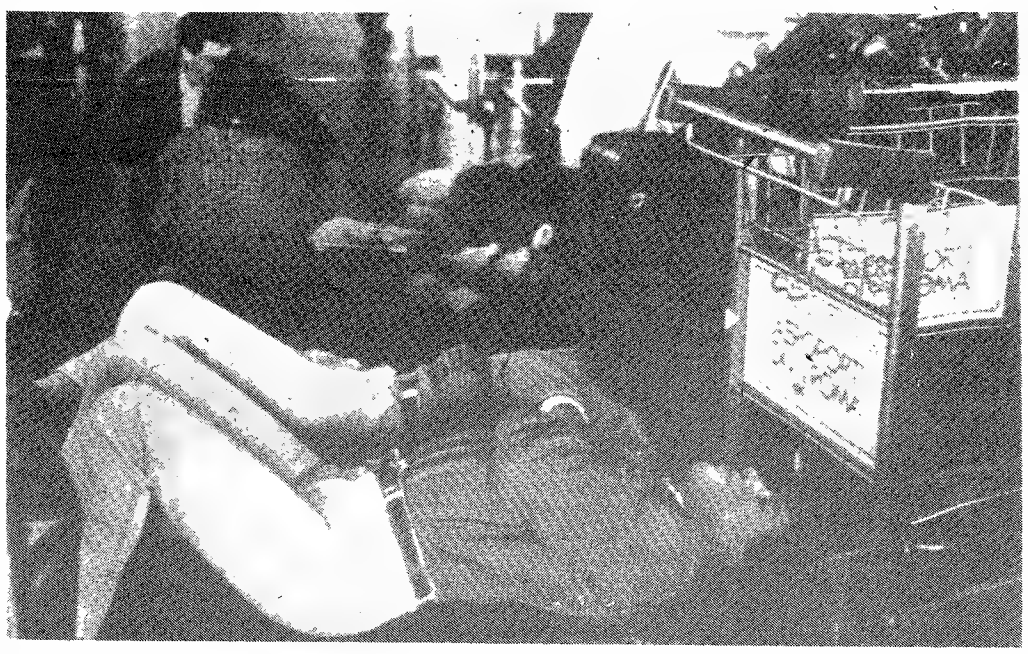
O presidente do Governo Regional da Madeira salientou, por seu turno, a «importância nacional» da zona franca, explicando que «o Estado foi co-responsável por este projecto, ao produzir toda a legislação necessária» à criação da zona e á instituição do sistema «offshore».

Alberto João Jardim disse também que a Comunidade Europeia deu todas as autorizações necessárias à criação deste projecto.

O líder madeirense recordou que 80 por cento do consumo madeirense é importado e que, com a zona franca, a região «está preparada para atrair investimentos».

«Como sempre disse, o desenvolvimento económico tem de passar pela iniciativa privada, embora com forte apoio do sector público» — disse, ao referir que o Governo Regional forneceu os terrenos, suportou os custos de energia e procedeu à abertura de vias de comunicação, para que se pudesse instalar a zona franca.

A verba gasta neste investimentos representa os 25 por cento da participação da Região Autónoma a SDM, esclareceu.



Passageiros dormem nos terminais do aeroporto de Roma devido à greve das linhas aéreas italianas

O dirigente do Partido Democrático dos Trabalhadores (PDT) e antigo governador do Rio de Janeiro (1982-1986), Leonel Brizola, afirmou que «os militares continuam a governar o Brasil na etapa democrática». Brizola, que lidera actualmente todos os resultados de sondagens realizadas pelos institutos de opinião pública governamentais e privados, fez esta afirmação num seminário político organizado pela Universidade de São Paulo. Brizola sublinhou que «os militares continuar a ter sob o seu controlo a 'vaca leiteira', mas já não a ordenham sozinhos, pois há um grupo de civis subservientes que mantêm a mesma estrutura ditatorial do passado». E acrescentou que a única solução é a realização imediata de eleições presidenciais directas para «reencaminhar o processo para a sua verdadeira essência, com o apoio do povo».

Um representante do «Solidariedade» polaco coloca um ramo de flores no monumento em memória dos trabalhadores mortos nos estaleiros de Gdansk, no 17º aniversário dos confrontos. Na cerimónia evocativa, Lech Walesa defendeu o diálogo com o governo polaco

Dirigentes da Mafia condenados a prisão perpétua

Um Tribunal de Palermo condenou ontem a prisão perpétua 13 dos principais dirigentes da organização mafiosa «Cosa Nostra», concluindo assim o maior julgamento da organização. Entre os condenados encontra-se Michele Greco, «o Papa»., considerado o chefe da operação internacional de tráfico de heroína no valor de milhares de milhões de dólares e líder da «comissão», a hierarquia da Cosa Nostra sediada em Palermo. Após 35 dias de declarações, o Tribunal condenou Tommaso Buscetta e Salvatore Contorno— os dois principais «arrependidos» da Mafia cujas revelações permitiram construir o processo judicial— a penas de três anos e meio e seis anos de prisão, respectivamente. A leitura dos veredictos respeitantes aos 460 réus envolvidos começou a meio da tarde e culminou um longo processo inciado há 22 meses. O julgamento, inciado em Fevereiro de 1986 foi emcarado por muitos italianos como um teste dificil ao compromisso do Estado em derrotar a Mafia. Os números relacionados com o processo e julgamento são esmagadores: 1.314 pessoas prestaram o seu testemunho na barra, incluindo 395 réus, os jurados escutaram 635 alegações finais pelos advogados de defesa, foram feitas 9.000 fotocópias de documentos. Durante o longo mês das deliberações, o júri (constitído por dois juizes, quatro mulheres e dois homens) retirava-se para pequenos apartamentos blindados para passar a noite, sendo vigiados 24 horas por dia.

Experiência da IDE no espaço

O Departamento norte-americano da Defesa fez, no princípio desta semana, as primeiras experiências com lasers e outros engenhos eléctricos de alta potência, provando que eles podem ser operados no espaço sem escudos ou insulação, foi anunciado na terça-feira. As experiências significam que o armamento da Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE) pode ser isnstalado no espaço sem toneladas de material de insulação, disse James A. Ionson, um dos responsáveis pelo programa de de investigação da IDE no Pentágono. O major Alan Feitag, também ligado à «guerra das estrelas», disse que a experiência foi feita domingo à noite com o lançamento de um pequeno foguetão das pistas de lançamento da Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA) na ilha Wallops, Virginia. O foguetão, de 18 metros, foi lançado às 20.45 de domingo e transportou uma carga especial de teste até cerca de 400 quilómetros de altitude durante um voo de dez minutos. Segundo as primeiras informações,disse Feitag, «o teste foi um êxito». O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, disse entretanto, em Londres que a NATO modernizará até 4.600 mísseis nucleares de curto alcance. Shultz chegou terça-feira à noite a Londres para a última de uma série de visitas a cinco nações europeias em que predominaram as conversações sobre os planos de segurança da NATO, na sequência da assinatura do tratado de eliminação dos mísseis de alcance intermédio. Em entrevista ao jornal «Pravda», o chefe de Estado-Maior das Forças Armadas soviéticas, afirmou, pelo seu lado, que a capacidade de defesa do seu país continua intacta apesar da concordância de Moscovo de destruir muitos mais mísseis do que os Estados Unidos no âmbito do acordo INF. Sergei Akhromeyev salientou que qualquer tentativa do Ocidente para aumentar a sua capacidade militar na Europa em compensação pelas perdas sofridas ao abrigo do tratado será inaceitável para a União Soviética.

Candidato governamental ganha eleições presidenciais

OPOSIÇÃO SUL-COREANA APELA À REVOLTA POPULAR

O candidato governamental Roh Tae- Woo proclamou hoje a sua vitória nas primeiras eleições presidenciais directas na Coreia do Sul em 16 anos, mas a oposição formulou de imediato acusações de fraude e apelou à resistência popular maciça, teno considerado que o sufrágio de ontem foi um «segundo golpe de Estado».

Kim Young-Sam, um dos dois candidatos da oposição cuja rivalidade contribuiu para a vitória de Roh, disse em conferência de imprensa: «o público não pode aceitar esta eleição viciada. Não posso trabalhar com um regime tão imoral que roubou os direitos do nosso povo».

Kim Young-Sam, que anunciou já a sua intenção de impugnar os resultados das eleições de quarta-feira, afirmou: «tenho de declarar que estas eleições são nulas e exorto o povo a erguer-se para pôr fim ao regime de Chun Doo Hwan (o actual presidente) e Roh Tae--Woo». «Isto não passou de um segundo golpe de Estado», disse ainda.

Por seu turno, a Coligação Nacional para a Democracia (CND), que reúne religiosos, intelectuais e estudantes, disse ter havido «muitas irregularidades nas votações», precisando que tem informações sobre milhares de casos de voto múltiplo, registo fraudulento de eleitores, ataques a observadores e subornos.

Este movimento, que distribuiu cerca de 100.000 observadores eleitorais pelo país, declarou que «as eleições sul-coreanas foram uma fraude» e divulgou já um documento contendo infracções praticadas por delegados do partido governamental, e que incluiam 25 casos de tentativas de roubo das urnas de voto.A CND ameaçou convocar manifestações de protesto em todo o país. Durante a noite, em Seul, corriam rumores de realização de diversas concentrações tanto na capital como noutras cidades.

A oposição acusa nomeadamente o partido governamental de ter aliciado com dinheiro milhares de eleitores para votarem em Roh Tae Woo.

Empresários satisfeitos

Creca de 83 por cento dos 25 milhões e 800 mil eleitores da Coreia do Sul participaram nas eleições presidenciais de quarta-feira. Quando estavam apurados cerca de 92 por cento dos votos, a diferença entre Roh e Kim Young-Sam era de cerca de dois milhões de votos. Nessa altura, o candidato governamental contava com cerca de 30 por cento dos votos; Kim Young--Sam, um moderado do Partido Democrático da Reunificação, tinha 27,1 por cento; Kim Dae Jung, maisradical, do Partido para a Paz e a Democracia, estava nos 26,2 por cento e o ex-primeiro-ministro Kim Jong Pil, com 8 por cento.

Em conferência de imprensa, Roh Tae-Woo considerou que a sua vitória nas eleições é «um triunfo da estabilidade e do crescimento do país». Roh agradeceu «ao povo que nele confiou e que deseja reformas democráticas, desenvolvimento e paz» e disse que a vantagem conseguida sobe os candidatos da oposição lhe permite «manter a segurança que prometeu».

A comunidade empresarial sul-coreana reagiu favoravelmente à eleição de Roh e os preços da acções subiram 15, 80 pontos na bolsa de valores de Seul na sessão desta manhã.

O Japão saudou a vitória de Roh nas eleições presidenciais, enquanto a Coreia do Norte classificou o acto eleitoral como uma «exibição dos ditadores militares». Em wWashington, aporta--voz do Departamento de Estado, Phyllis Oakley, disse apenas que as eleições «parecem ter decorddio de maneira ordeira».

As autoridades destacaram mais de 77.000 polícias para manter a ordem pública durante as eleições e todo o corpo da polícia foi colocado em estado de alerta.

Um ex-general na presidência

Roh foi general de quatro estelas, graduado pela Academia Militar de Taegu, sua cidade natal, em 1955. É casado e tem dois filhos universitários.

Durante a campanha eleitoral definiu-se a si mesmo como uma pessoa normal sendo. afirmou, o único candidato com capacidade para por cobro à influência dos militares na vida política do país.

Roh prometeu também reformas democráticas. O candidato oficial foi um dos quatros generais que participaram no golpe militar que pos Chun Doo Hwan no poder em Dezembro de 1979. Pouco depois foi nomeado comandante das forças de defesa e segurança da Coreia do Sul e renunciou ao posto de general em 1981 para iniciar a sua carreira política.

Desde então desempenhou os cargos de ministro dos Transportes, do Interior e presidente do comité organizador dos Jogos Olímpicos.

Roh é acusado de ter reprimido as revoltas de Kuangju, em Maio de 1980, quando a polícia matou mais de 200 manifestantes que exigiam a abolição da lei marcial, imposta após o último golpe de Estado. O futuro presidente começou a gozar de popularidade no país após a declaração de 29 de Junho de 1987, na qual o partido governamental aceitou as exigências da oposição, nomeadamente a realização de eleições directas para a Presidência, após semanas de grandes manifetações de rua.

Roh deverá suceder a Chun Doo Hwan em Fevereiro de 1988. O seu mandato é de cinco anos.

MURPI – Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos

REFORMADOS

TODOS À CONCENTRAÇÃO
no
ROSSIO, EM LISBOA, DAS 14 ÀS 16 HORAS

Sexta-feira – 18 de Dezembro
- CONTRA AS PENSÕES DE MISÉRIA
- NÃO AOS 10-13%: SIM ÀS REIVINDICAÇÕES DO MURPI
- CONTRA O AUMENTO DOS PREÇOS
- NOVA POLÍTICA SOCIAL • EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO

JUNTA-TE AO MURPI. PARTICIPA!

Confrontos com palestinianos prosseguem nas zonas ocupadas

ISRAEL ENVIA REFORÇOS PARA A FAIXA DE GAZA

Guerrilheiros palestinianos esfaquearam com gravidade um soldado israelita na faixa de Gaza, território para onde Israel enviou centenas de reforços, numa demonstração de força destinada a pôr fim aos tumultos registados na zona. Os confrontos entraram hoje no seu nono dia e funcionários do hospital de Gaza informaram que uma criança de oito anos e dois homens de 25 foram mortalmente feridos em protestos nos campos de refugiados de Jebaliya e Musseirat.

Os funcionários adiantaram que cinco residentes de Jebaliya ficaram feridos em consequência de espancamentos.

Entretanto, face às crescentes críticas internacionais pela actuação do Governo israelita, foram enviados mais contingentes para a faixa de Gaza, onde já morreram 13 palestinianos.

A exibição de força de Telavive, cujas tropas com canhões patrulham as ruas da cidade de Gaza, parece ter contido alguma violência nos últimos dias e segue-se aos motins de terça-feira em que soldados mataram pelo menos quatro palestinianos.

No primeiro balanço oficial sobre as vítimas, o exército informou que oito árabes morreram e 29 ficaram feridos desde o dia 9 de Dezembro, na faixa de Gaza.

Na margem Ocidental, outro dos territórios ocupados por Israel durante a Guerra dos Seis Dias contra os seus vizinhos árabes, quatro palestinianos morreram e 19 sofreram ferimentos desde o dia 8.

Os incidentes iniciaram-se há uma semana quando quatro residentes de Gaza faleceram numa colisão entre um automóvel e um camião do exército israelita que, segundo fontes palestinianas, teria sido lançado propositadamente contra o veículo em retaliação pela morte de um israelita.

A Imprensa de Israel começou entretanto a fazer eco das críticas internacionais condenando o seu Governo pela forma como está a solucionar o problema nos dois territórios.

Imprensa critica «violência»

Os editoriais de pelo menos cinco diários, desde o jornal de grande circulação «Yedioth Ahronoth» até ao liberal «Haaretz» denunciaram a ineficácia governamental e a violência dos seus métodos.

Os cinco periódicos criticaram o Primeiro-Ministro, Yitzhak Shamir, por afirmar que a agitação não passa de um problema temporário e por, ao mesmo tempo, se contradizer ao pretender proibir os jornalistas de se deslocarem ao local dos incidentes.

«Se o que se está a passar, na versão de Shamir, não é uma rebelião civil e não é mais sério do que tem acontecido nos últimos vinte anos, então o que é que há para esconder», perguntou o tabloide «Yedioth Ahronoth».

Os Estados Unidos, as duas Alemanhas, a União Soviética, França, China, as Nações Unídas, a Turquia e muitos Estados árabes têm responsabilizado Israel, pelos distúrbios e deplorado a perda de vidas.

Contudo, o ministro israelita da Defesa, Yitzhak Rabin, em visita dos Estados Unidos, considerou que as críticas de Washington (o maior aliado do Estado judaico) não são nada de novo.

«Existem certas diferenças entre nós e os americanos sobre os meios de controlar os motins - sublinhou - não há nada de novo nessas divergências. Creio que quando resolvermos o problema no campo ultrapassaremos as divergências aqui».

Correspondentes de jornais israelitas em Washington citaram Rabin como tendo dito que a violência continuará até ao 1º de Janeiro, dia em que o grupo Fatah, principal corrente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), assinala o 23º aniversário da sua fundação.

Ao mesmo tempo que rejeita a "perestroika"

Ceausescu admite que situação na Roménia é "complexa"

O Presidente romeno, Nicolae Ceausescu, mencionando os protestos públicos das últimas semanas, admitiu haver no seu país uma situação interna «complexa» mas insistiu na necessidade de manter a política económica anteriormente decidida.

Numa intervenção de 40 minutos para encerrar uma conferência de três dias do partido, Ceausescu disse que a reunião tinha produzido «centenas de propostas» para melhorar a gestão e o planeamento..

O Presidente romeno acrescentou serem necessárias «medidas decididas» para fortalecer aquelas áreas económicas, mas não deu outros pormenores.

Como de costume durante as suas intervenções públicas, o Presidente e dirigente do partido foi muito aplaudido pelos 50 mil delegados e convidados no Palácio de Congressos de Bucareste.

O Presidente romeno foi muito ovacionado quando afirmou que cada romeno poderá comer cerca de 15 quilos de carne no próximo ano o equivale a 290 gramas por semana.

Ceausescu disse que os fornecimentos de carne vão aumentar e que o programa de reformas previsto «assegura um bom fornecimento à população».

Na sua intervenção Ceausescu rejeitou para o seu país reformas das do tipo que estão a ser adoptadas pelo Kremlin na URSS.

Ceausescu é o único dos aliados da URSS no bloco de Leste que não segue nenhuma das reformas propostas pela «Perestroika» de Gorbatchev.

Ceausescu tem vindo a ser contestado de maneira crescente pela população romena, acusado de nepotismo e corrupção. Calcula-se em dezenas o número de parentes próximos do dirigente romeno que ocupam postos directivos e de responsabilidade na hierarquia do Estado.

Governo húngaro remodelado

O Primeiro Ministro húngaro, Karoly Grosz, procedeu a uma remodelação do seu Governo, rejuvenescendo-o e dando maior poder a uma destacada política, Judit Csehak, e ao antigo ministro das Finanças, Peter Medgyessy.

A remodelação inclui a criação de novos departamentos e a fusão de ministérios.

Foi ainda decidida a substituição do ministro do Interior Janos Kamara, de 60 anos, por Istavan Horvath, de 54, que perdeu também o título de vice-Primeiro Ministro.

Estão previstas novas mudanças no princípio do próximo ano.

Sismo no Japão: dois mortos e nove feridos

Dois mortos e nove feridos é o primeiro balanço oficial de vítimas provocadas pelo sismo que hoje sacudiu a zona central e Norte da ilha japonesa de Hondo, anunciou a Polícia.

As vítimas mortais, duas mulheres, ficaram soterradas nos escombros de uma casa na localidade de Chiba, Este de Tóquio.

O corpo de bombeiros de Tóquio disse que pelo menos nove pessoas sofreram ferimentos devido ao sismo.

A densamente povoada região de Tóquio sofreu os efeitos do sismo que, com uma intensidade de 6,6 graus na escala de Richter, se converteu no maior tremor de terra sentido nos últimos anos pelos habitantes da capital japonesa.

Os edifícios tremeram, os vidros partiram-se, o metro foi paralisado e o tráfego nas auto-estradas tornou-se caótico. Também o aeroporto de Narita, em Chiba, foi encerrado temporariamente enquanto as comunicações telefónicas sofreram interrupções na zona de Tóquio.

O epicentro localizou-se no fundo do oceano, a cerca de 70 quilómetros da costa da ilha de Hondo, próximo da capital.

Nicarágua:

URSS desmente suspensão da ajuda militar

Moscovo desmentiu ontem informações norte-americanas segundo as quais o líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, durante as suas conversações em Washington com o presidente Reagan, teria afirmado que a URSS iria suspender o auxílio militar à Nicarágua. Citado pela TASS, o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Boris Piadichev, descreveu como «inteiramente divergentes da realidade» as afirmações dos meios governamentais norte-americanos de que, presumivelmente no decurso da recente cimeira dos líderes das duas superopotências, Gorbachev teria anunciado a sua disposição de se «abster de toda a ajuda militar à Nicarágua».

De acordo com a mesma fonte, a União Soviética só deixará de fornecer armas à Nicarágua se os Estados Unidos cessarem os envios de equipamento militar aos rebeldes antisandinistas.

O embaixador nicaraguense em São Domingo anunciou, entretanto, que a segunda ronda de conversações entre o governo sandinista e representantes dos «contras» para discutirem um cessar-fogo na Niarágua decorrerá no dia 21 de Dezembro na capital da Repúblcia Dominicana.

SABE QUE O PARTIDO RADICAL...

... é o único partido no qual se podem inscrever militantes de outros partidos?

Você vai gostar de conhecer melhor o

Partido Radical Transnacional

Faça-nos as suas perguntas pelo telef. 52 72 55 - Luís H. 15-19, ou por escrito para: P. R. T. R. Salitre, 139-1.º J - 1200 Lisboa

Informe-se!

NOTARIADO PORTUGUÊS

14.º Cartório Notarial de Lisboa

a cargo do
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 12 de Novembro do ano em curso, lavrada de folhas 51 a 52 verso do livro de notas 833-B, deste Cartório, foi reforçado o capital da sociedade comercial por quotas, sob a firma "MENDES, GOMES & VENTURA, LIMITADA", com sede nesta cidade, na Avenida António Augusto de Aguiar, número quarenta e dois-A, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número trinta e sete mil cento e sessenta e dois, de sessenta mil escudos para seiscentos mil escudos, mediante o reforço de quinhentos e quarenta mil escudos foi integralmente realizado por incorporação de reservas de reavaliação do activo imobilizado e subscrito por ambos os sócios Alberto Gomes, e José Ferreira Dias Novo na proporção do capital de que já são titulares, ou seja: quatrocentos e cinquenta mil escudos, pelo sócio Alberto Gomes e noventa mil escudos, pelo sócio José Ferreira Dias Novos.

Que, em consequência do dito aumento, o artigo segundo, do respectivo pacto, passou a ter a seguinte redacção:

SEGUNDO – O capital social integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo é de seiscentos mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas, uma de quinhentos mil escudos, pertencente ao sócio Alberto Gomes, e uma de cem mil escudos, pertencente ao sócio José Ferreira Dias Novo.

Está conforme.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos quatro de Dezembro de mil novecentos oitenta e sete

Escrit. Sup.
M.ª Teresa Braéga

"D.L." 17/12/1987

De "ALMA BURRA", 16.º livro individual de poemas do

Poeta
FERNANDO GRADE

o começo do texto "O Verão em Falaga":

"Havia uma mulher que leva – para casa – todas as tardes – um pouco de anarquia.

"Estamos em Agosto, é o mês dos mortos ruivos, tempo de serpentes, é o mês perverso dos goivos. As minhas ideias estão a ficar, hoje, cada vez mais intrigantes. Sei que Marla pensa na outra Marla porque não a conhece (...)."

Fernando Grade:
agora a festejar

25 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

tem a sair dos prelos da Mic

"25 ANOS DE POESIA ANTOLOGIA 1962-1987 1.º VOLUME"

De [illegible] 1962 a Nov. de 1987 – [illegible] lo de sonho, revolta, [illegible] lho.
[illegible] PERCA:
[illegible] nais fascinantes [illegible] portugueses.
[illegible] nte
[illegible] Grade
n [illegible]
ctrica, [illegible]

COOPERATIVA DE ENSINO "OS PIONEIROS"

CALÇADA DOM GASTÃO, 21
• TELEFONE 38 21 59 • 1900 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao art.º 24.º Ponto 2 e nos termos do Art.º 25.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Cooperativa de Ensino "Os Pioneiros" para reunir em sessão ordinária, no dia 28 de Dezembro de 1987, pelas 21 horas, na sede social, em Lisboa, na Calçada D. Gastão, 21, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 – Apreciar e votar o Orçamento e o Plano de Actividades para o ano de 1988, propostos pela Direcção, bem como o Parecer do Conselho Fiscal.
2 – Assuntos de interesse geral.

Nos termos do n.º 2 do Art.º 26.º, se à hora marcada não estiver presente mais de metade dos membros com direito a voto, a Assembleia Geral reunirá com qualquer número de cooperadores meia hora depois.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1987
O VICE-PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(Ilegível)

Boavista vai confirmar liderança

O conselho geral do Boavista vai propor a recondução do major Valentim Loureiro na presidência do clube — revelou José Ramos, membro daquele conselho e vice-presidente do conselho fiscal do clube.

O conselho geral do Boavista vai realizar, amanhã, uma reunião com todos os seus elementos a fim de oficializar junto de Valentim Loureiro o anunciado pedido.

FIFA não perdoa

Dois futebolistas franceses foram castigados com penas entre seis meses e um ano de suspensão de todas as provas internacionais, depois de terem agredido um fiscal de linha nos jogos do Mediterrâneo, disputados na Síria — revelou a FIFA, em Zurique.

Eric Stefanini, do Nimes foi castigado em um ano, tendo Gilles Bourges, do Rennes sido punido com uma suspensão por seis meses.

Os dois jogadores foram ainda multados em cinco mil francos suíços (cerca de 500 contos).

●

A Federação de Futebol da Guiana foi multada em 10 100 francos suíços (cerca de 1000 contos) e enfrenta outros castigos por se ter recusado a jogar com o México na fase de qualificação para o torneio olímpico — informaram fontes da Federação Internacional (FIFA).

A Comissão Executiva da FIFA decidiu a multa e informou a Guiana de que deve pagar à Federação Mexicana os prejuízos pela não realização do encontro, o que se poderá elevar a outros 1000 contos.

Se a Guiana se recusar à pagar, poderá ser suspensa das competições internacionais de futebol, pondo em risco a participação nas eliminatórias para o Mundial de 1980.

A FIFA decidiu atribuir ao México uma vitória após a falta de comparência da Guiana, no passado dia 9, para um encontro do grupo «B» da fase regional de qualificação para Seul, grupo que também inclui a Guatemala.

Hóquei em patins: exibição nos "JO-92"

O hóquei em patins foi admitido pela Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional (COI) como modalidade de exibição nos Jogos de Barcelona, em 1992.

Valdo e Rijkaard continuam na berlinda

"O RIJKAARD É O ROQUE SANTEIRO DO FUTEBOL"

● *(o comentário vem de Alvalade)*

A confusão prossegue. Valdo assina pelo Benfica, mas do Brasil nega-se legalidade do acto; Rijkaard e o Sporting, continua o vem-não, vem do futebolista holandês. Quanto ao brasileiro que se deslocou a Lisboa para rubricar contrato com o clube benfiquista, diz o presidente do Grémio de Porto Alegre (Paulo Adoni) que **«enquanto for presidente, o Valdo não será vendido»** e acrescenta que **«o Valdo acertou com o Benfica mas o Grémio veta o negócio». Portanto, o imbróglio prossegue e há quem afirme que o caso irá passar por um «leilão» entre o Benfica e o Torino, que, como é sabido, teria demonstrado interesse na aquisição do futebolista.**

Quanto ao holandês Rijkaard o processo continua em aberto já que o Ajax insiste em receber «cash» não se contentando com a garantia bancária que, também, dizem da Holanda, ainda não chegadou a Amesterdão. Dois casos a aguardar de?sfecho e o «ponto da situação» é mais ou menos como a seguir se refere.

O presidente do clube Grémio de Porto Alegre, Paulo Odoni. negou a transferência do futebolista internacional Valdo para o Benfica.

Paulo Ribeiro assegurou aos meios de Comunicação Social que não negociará a venda do jogador enquanto for presidente do Grémio e qualificou a atitude do Benfica, ao anunciar a contratação de Valdo, como **pouco recomendável e aceitável.**

Por seu lado, o jogador, que se encontra em Lisboa, assegurou a uma emissora de radiodifusão de Porto Alegre que a oferta do Benfica «é irrecusável».

Segundo a Imprensa brasileira, o clube de Lisboa ofereceu um milhão de dólares (134 mil contos) ao Grémio de Porto Alegre e pagará ao jogador mais de 20 000 dólares mensais de salário, além de casa, automóvel e viagens ao Brasil.

O Sporting apresentou junto da Federação Portuguesa de Futebol um pedido para esta contactar a sua congénere holandesa e obter a carta internacional do jogador Frank Rijkaard.

O pedido foi executado, mas o Sporting Clube de Portugal não apresentou a documentação necessária relativa ao jogador holandês do Ajax. Esta é a informação prestada pela FPF.

Para o presidente do clube de Alvalade, Amado de Freitas, o jogador internacional holandês faz já parte do Sporting após ter sido dada a garantia bancária que o Ajax exigira e que orçou em cerca de 350 mil contos.

Entretanto, o departamento de futebol profissional do Sporting afirma desconhecer a situação presente do jogador pois **tudo o que sabemos é através dos jornais, Rádio e Televisão,** afirmou à Lusa um dos seus elementos.

O Rijkaard é o Roque Santeiro do futebol, comentou a mesma fonte, insistindo que no departamento **não sabemos de nada.**

Selecção voa para Malta

A selecção portuguesa de futebol partiu hoje (15 horas) para Malta, fazendo escala em Roma, de onde sairá às 14 horas de amanhã com destino a La Valetta, onde, pelas 14.15 horas de domingo, realizará o derradeiro encontro da fase de apuramento para o campeonato europeu.

Cartão jovem abrange jogo do Restelo

Os possuidores de «cartão jovem» e adeptos do futebol podem assistir no próximo domingo — beneficiando de um desconto de 50 por cento no preço dos bilhetes — ao jogo Belenenses/Académica a contar para o campeonato nacional da primeira divisão.

O desconto aplica-se aos bilhetes para a bancada superior, send postos à disposição 500 lugares especiais ao preço de 300 escudos.

«Esperanças»: sorteio

A Inglaterra defronta a Escócia, num dos confrontos dos quartos-de-final do Campeonato Europeu de Futebol na categoria de «esperanças» (jogadores até 21 anos), segundo o sorteio realizado em Zurique. Eis os jogos:

A: França-Itália
B: Espanha-Holanda
C: Escócia-Inglaterra
D: Grécia-Checoslováquia

Meias-finais: Vencedor do jogo A — Vencedor do jogo C e Vencedor do jogo D — Vencedor do jogo B.

Os quartos-de-final disputam-se em duas «mãos» e deverão estar concluídos até 4 de Abril.

As meias-finais disputam-se até 30 de Abril, também em duas mãos, e a final até 31 de Maio.

Na final, emduas «mãos», o vencedor do jogo D-B joga o primeiro encontro em casa.

Colectividades

Estoril em assembleia

Para analisar a situação económico-financeira do clube e resolver outras importantes questões que afectam a colectividade canarinho, realiza-se, pelas 21 horas de hoje, uma sessão da assembleia geral do GD Estoril Praia.

GNR em comunicado

Violência continua a alastrar nos recintos desportivos

Os agentes da Guarda Nacional Republicana, em serviço de policiamento nos vários campos desportivos localizados na sua zona de acção, registaram 14 incidentes que ocorreram quase todos em jogos de futebol (13) e um durante uma partida de basquetebol.

Nos campos do distrito de Aveiro ocorreram o maior número de incidentes registados neste fim-de-semana (4), seguindo-se Viseu e Porto (2 cada) e 1 caso em cada campo dos distritos de Braga, Leiria, Lisboa, Setúbal, Beja e Faro.

As agressões ou tentativa de agressão a árbitros e juízes de linha foram o tipo de ocorrência em que maior número de casos ocorreram (8). Os outros verificaram-se com arremesso de objectos (3), ameaças ao árbitro, injúrias a um juiz de partida e agressões entre jogadores, um caso em cada tipo.

As forças da GNR presentes nos recintos intervieram em todas as situações para efeitos de manutenção da ordem e identificação de intervenientes (possíveis) para efeitos de elaboração das participações para as instâncias respectivas.

Resumo das ocorrências:

- **Braga:** Assistentes ao jogo Merelinense - FC Arcos de Valdevez arremessaram pedras para o interior do recinto e manifestaram-se ruidosamente contra uma decisão do árbitro.
- **Porto:** Por acção da força da Guarda em serviço durante o jogo ADS Pedrofins - GD Águas Santas, foi evitada a concretização duma agressão ao árbitro da partida.
- Durante o encontro ARS Martinho - CD Cinfães foi lançado um objecto (isqueiro) vindo da assistência que atingiu, sem gravidade, um juiz de linha.
- **Viseu:** O árbitro da partida GD Aves - SC Arguedeira foi agredido com guarda-chuva junto da linha de campo por espectador não identificado.
- O juiz da partida de juniores GD Oliveira de Frades - UD Sampedrense agredido por espectador não identificado a caminho das cabinas.
- **Aveiro:** No final do jogo Recreio de Águeda - União de Santarém, quando recolhiam aos balneários, alguns dos jogadores agrediram-se mutuamente.
- Terminado o encontro Valonguense - Mortoense alguns assistentes entraram no campo e agrediram o árbitro.
- Arremessada pedra para o interior do recinto do jogo Torreira - Cucujães por indivíduo não identificado.
- Um dos jogadores da partida S. Jorge - SCR Nogueirense agrediu o árbitro e foi notificado pela Guarda para comparecer em Tribunal. O árbitro deu o jogo por terminado.
- **Leiria:** Decorria a primeira parte do encontro A. Beneditense - CD Benfica C. Branco quando o árbitro mostrou o cartão amarelo a um dos jogadores. Este agrediu o juiz com um soco, foi expulso e notificado pela Guarda para o julgamento em tribunal.
- **Lisboa:** Ao ser ameaçado de agressão pelo capitão duma das equipas do jogo Montemorense - Bairro da Cruz Vermelha, o árbitro da partida deu o jogo por terminado decorridos 40 minutos.
- **Setúbal:** Um indivíduo (identificado) espectador do encontro Arrentela - Banheirense tentou agredir os elementos da equipa de arbitragem. O seu acto foi impedido pelos militares da força presentes.

Beja: Indivíduo, desconhecido, assistindo à partida FC Vale Vargo - FC Despertar, lançou uma pedra para o recinto do jogo que atingiu, sem gravidade, um dos fiscais de linha.

- **Faro:** No final da partida de basquetebol entre as equipas do Imortal e do Benfica, o árbitro solicitou a intervenção da GNR para identificar um indivíduo que o havia injuriado.

Modalidades

Xadrez: Decisão dentro de horas

Alguns especialistas consideram mais favorável a posição de Anatoly Karpov na altura do adiamento, ao 41.º lance da 23.ª e penúltima partida, iniciada ontem, do Mundial de Xadrez, a decorrer em Sevilha.

Durante os primeiros 19 movimentos o relógio esteve contra Karpov, que para as seguintes 21 jogadas dispunha apenas de 50 minutos, enquanto Kasparov podia utilizar 1 hora e 20 minutos.

Para os analistas não surge clara a maneira como Karpov poderá trocar algumas das suas peças «pesadas», já que na última fase da partida Kasparov conseguiu melhorar a sua posição, logrando dissipar a forte pressão a que estava a ser submetido.

O «Match», jogado ao melhor de 24 partidas, está empatado a 11 pontos.

Hipismo: «Jumping» de Cascais

O II «Jumping» de Cascais, provaternacional de hipismo que conta com a participação de cerca de 100 conjuntos nacionais e estrangeiros, inicia-se amanhã, no pavilhão do Dramático de Cascais, prolongando-se até domingo.

A Soténis, empresa organizadora da prova, conta com a colaboração de diversas entidades, entre as quais a Sociedade de Propaganda de Cascais e a Sociedade Hípica Portuguesa, dando a Federação Equestre Portuguesa o seu indispensável apoio técnico.

O II «Jumping» de Cascais distribui um prémio monetário global de cerca de 2000 contos, dividido pelas seis provas que integram a competição, e promete ser novamente a gala do hipismo nacional, à semelhança do que aconteceu com a sua primeira edição, realizada em Dezembro do ano passado..

Golfe: Torneio da Aroeira

Os irmãos Henrique Paulino e Augusto Paulino ganharam «ex-aequo», com 78 pancadas, a segunda volta do torneio de qualificação dos últimos 10 profissionais portugueses para o Circuito Nacional de Golfe de 1988, a decorrer na Aroeira, Costa da Caparica.

Augusto Furtado, com 79 pancadas, ficou na terceira posição, seguido de António Dantas e Manuel Pardal, ambos com 80.

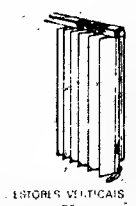
Participam na competição um total de 28 golfistas.

Após a 2.ª volta, a classificação geral está assim ordenada: 1.º, Manuel Pardal, 153 pontos; 2.º António Dantas, 156; 3.º, Augusto Paulino, 157 e 4.º, Henrique Paulino, 161.

Hóquei em patins: Benfica empata (na Luz) com o Paço de Arcos

Em jornada correspondente à 8ª jornada do «nacional» defrontaram-se, ontem à noite, no Pavilhão da Luz o Benfica e o Paço de Arcos, que terminou com o «nulo» a 4 golos.

ESTORES ARMILAR, LDA.


ESTORES VERTICAIS DE PLÁSTICO ORIENTÁVEIS

Estores Verticais ● Metálicos ● Plásticos
Palhinhas e Tabuinhas ● Marquises
Estores para Automóveis ● Fabricação
● Decorações ● Reparação e Montagem

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua do Montepio Geral, 15-B – 1500 LISBOA (Benfica)
Telefones: 741878 — 740024

Pinto da Costa e Valentim Loureiro deram as mãos

A bela jogada

Jorge Nuno Pinto da Costa e o major Valentim Loureiro fumaram na tarde de ontem o «cachimbo da paz» em casa de Pinto de Sousa, dirigente supremo do sector da arbitragem. Trata-se de um acontecimento que, com total agrado, se regista, já que ele dá por terminada a tendência belicista que opunha os dois prestigiados dirigentes das mais populares colectividades da cidade do Porto, desde o dia 25 de Janeiro de 1985 quando, em assembleia geral do FC Porto, fora decidido cortar relações com o Boavista.

José António Pinto de Sousa desenvolveu esta importante «missão diplomática» à partir da sua presença em Tóquio e, o encontro, entre os presidentes das colectividades do Bessa e das Antas, decorreu ontem, em sua casa de ondee os três saíram com a satisfação de haver chegado o momento histórico de restabelecer o desejável entendimento e, fincados no bordão da compreensão e da tolerância, o abraço selou a reconciliação que há muito se reclamava.

Para que este importante acto possa ser testemunhado pelos adeptos de ambos os baluartes do desporto português, vai realizar-se no próximo sábado, na Maia, um encontro entre as duas principais equipas de futebol com receita a reverter a favor da Casa do Gaiato, de Paços de Sousa. Um gesto relevante pelo altruísmo que encerra, e, estamos cientes de que tal atitude será testemunhada por muitos e apoiada por todos. O nosso aplauso já aqui fica.

As divergências havidas entre Pinto da Costa e Valentim Loureiro estão já esquecidas e, a partir de agora, fica a certeza de que as relações vindouras serão pautadas pela cortesia, dignidade e respeito que, diga-se, nunca vimos serem sentimentos desviados da linha de comportamento e acção de ambos os «desavindos».

A José António Pinto de Sousa coube o encerramento de um conflito que ninguém aplaudia e todos censuravam. Como «mestre da arbitragem», o respeitado dirigente Pinto de Sousa soube desempenhar com pleno rigor das normas da convivência a missão deste importante confronto, e os intervenientes souberam actuar em pleno respeito pelas regras da concórdia, da paz e da dignidade.

Que bela jogada e que excelente árbitro!

Alves Henriques

Sorteio das competições da UEFA

DEPOIS DE ELIMINAR O NÁPOLES E O PORTO REAL MADRID ENCONTRA OUTRO GIGANTE

O confronto entre o Real Madrid, «carrasco» do campeão europeu (FC Porto) e o Bayern de Munique, quase faz esquecer os restantes jogos dos quartos de final das competições europeias de futebol, a disputar em 2 e 16 de Março.

O Real Madrid, que já ganhou por seis vezes a Taça dos Campeões Europeus, tem visto pela sua frente, por capricho do sorteio, todos os clubes que lhe podem fazer sombra na próxima final da competição.

Primeiro, os «merengues» vulgarizaram o campeão italiano (Nápoles), do todo-poderoso Diego Maradona, para na segunda eliminatória afastarem o FC Porto, acutal detentor do troféu.

Como se isso não fosse suficiente, os madrilenos «escolheram» agora o Bayern de Munique, batido pelo FC Porto na última final da prova, em Viena, e uma das mais poderosas formações europeias, com três vitórias na Taça dos Campeões Europeus.

«Meu Deus... é de arrepiar» — exclamou Jupp Heynckes, treinador do Bayern de Munique, adiantando que o **«Real Madrid é de longe a melhor equipa ainda em prova».**

O sorteio realizado em Zurique entristeceu igualmente o presidente do clube germânico, Fritz Scherer, segundo o qual **«o Bayern não foi feliz».**

«Os espanhóis estão muito mais fortes do que quando os eliminámos no ano passado e nós, devido á paragem do campeonato apenas faremos dois jogos antes de os defrontarmos« — lamentou-se Fritz Scherer.

O «duelo» Bayern-Real é uma repetição de uma das meias finais da época transacta, ganha pelos alemães-federais com um total de 4-2 desfecho que os espanhóis confiam não se repita este ano.

«Azar...? só para o Bayern« — disse, ironicamente, o presidente do Real Madrid, Ramon Mendoza, ao ser-lhe pedida uma reacção ao sorteio.

Postos de lado, pelo menos para já, os dois «gigantes», ao Benfica caberá defrontar o Anderlecht, da Bélgica, com o senão de jogar a primeira mão em Lisboa.

O Anderlecht atravessa um momento menos bom e, segundo os responsáveis pela formação da turma lisboeta, está ao alcance dos benfiquistas, havendo boas perspectivas de o Benfica prosseguir em prova.

Os quartos de final da Taça dos Campeões Europeus completam-se com os confrontos Bordéus (França) - PSV Eindhoven (Holanda) e Steaua Bucareste (Roménia) - Glasgow Rangers (Escócia).

No primeiro deles, o favoritismo recai inteiramente sobre o PSV Eindhoven, guia incontestado do Campeonato holandês, só com vitórias, enquanto no despique entre romenos e escoceses, o Steaua, ex-campeão europeu, parece ter ligeira vantagem.

•

Quanto à **Taça dos Vencedores das Taças,** o Ajax de Amesterdão, actual detentor do troféu e adversário do FC Porto na Supertaça eruropeia de futebol, não deverá ter grandes dificuldades em ultrapassar os suíços do Young Boys.

Idênticas facilidades estão em princípio reservadas ao Olympique de Marselha (França), que vai defrontar o Rovaniemi, da Finlândia, país cujo futebol está alguns furos abaixo do praticado em França.

Despiques mais equilibrados poderão ser os encontros entre o Sporting e o Atalanta, e os jogos entre o Mechelen, da Bélgica, e o Dínamo Minsk, da União Soviética.

•

Na **Taça UEFA,** repete-se o «tira-teimas» entre espanhóis e germânicos, mas desta vez os intervenientes são o Bayern Leverkusen e o Barcelona, realizando-se a primeira «mão» na Alemanha Federal.

Menos «explosivos» mas igualmente atractivos deverão ser os jogos em que intervêm o Espanhol e o Panathinaikos, as duas grandes revelações da Taça UEFA na presente temporada.

O Espanhol vai defrontar os checoslovacos do Vitkovice, que afastaram o Guimarães nos oitavos de final, e o Panathinaikos jogará com o Bruges, da Bélgica.

Os quartos de final da menos importante das três competições da UEFA completa-se com o Verona-Werder Bremen, em que os alemães-federais, actuais líderes da Liga Germânica, são, em princípio, favoritos.

Europeu: mais dois jogos

Com a realização dos encontros Grécia - Holanda (0-3) e Turquia - Jugoslávia (2-3) concluíram-se os jogos correspondentes aos grupos 5 e 4 para a fase de apuramento. Estes confrontos apenas se destinavam a «cumprir calendário» uma vez que a Holanda e a Inglaterra eram já os vencedores dos respectivos grupos.

Sporting joga primeiro em Bergamo

Três confrontos foram alterados pela UEFA, após o sorteio para os quartos-de-final das Taças Europeias de Futebol.

Além do encontro do Sporting, que joga primeiro em Bergamo com o Atalanta, em virtude de o Benfica disputar o seu primeiro encontro em Lisboa, mais dois foram alterados: Mechelen (Bélgica) - Dínamo Minsk (URSS) e Espanhol (Espanha) - Viktovice (Checoslováquia).

Assim o sorteio definitivo é o seguinte:

Taça dos Campeões:
Bayern Munique (RFA)-Real Madrid (Espanha)
Bordéus (França)-PSV Eindhoven (Holanda)
Steaua Bucareste (Roménia)-Glasgow Rangers (Escócia)
Benfica (Portugal)-Anderlecht (Bélgica)

Taça dos Vencedores de Taças:
Mechelen (Bélgica)-Dínamo Minsk (URSS)
Atalanta (Itália)- Sporting (Portugal)
Young Boys (Suíça)- Ajax Holanda)
Marselha (França)-Rovaniemi (Finlândia)

Taça UEFA:
Espanhol (Espanha)-Viktovice (Checoslováquia)
Panathinaikos (Grécia)-FC Bruges (Bélgica)
Bayer Leverkusen (RFA)-Barcelona (Espanha)
Verona (Itália)-Werder Bremen (RFA).

A primeira mão disputa-se emm 2 de Março e a segunda em 16 desse mês.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 51/87 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1987

Jornal 1X2: 2XX 121 X21 2X11; Penalti: 212 121 111 2111; O Algarve: XX2 121 X2X 2X12; Jornal de Amarante: 211 1X1 111 2111; Jornal da Beira: 2X1 121 1X1 2111; Correio de Coimbra: 211 12X 22X X111; Correio do Vouga: X11 111 111 1111; A Defesa: 2X1 1XX 11X 22XX; Defesa de Espinho: X1X 111 11X 111X; Folha do Domingo: 211 121 111 1111; Ecos de Cacia: 1X1 1X1 111 211X; Eu Sei Tudo: 2X1 1X1 121 2112; Jornal de Felgueiras: XX1 1X1 11X X11X; Jornal do Fundão: 2X1 121 XXX X11X; Gazeta das Caldas: 211 1X1 111 21X1; Rádio Totobola: 221 X21 1XX X11X; Linhas de Elvas: 221 121 11X XX11; Maria da Fonte: 21X 121 111 X111; O Mensageiro: XX1 121 1XX 1X2X; No E?stúdio e no Estádio: 22X 12X 111 X211; Notícias do Douro: X21 1X1 111 X11X; Notícias de Felgueiras: 2XX XX1 11X X1X1; Notícias de Guimarães: 221 121 11X 111X; Notícias de Viana: 2XX 1XX 1X1 XX1X; Reconquista: 211 121 111 211X; Semanário da Região Bairradina: 2XX 11X 212 X112; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 2X1 121 X11 211X; Clube da Manhã/RDP Comercial: 22X X21 11X XXX1; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 2XX 1X1 1X1 1X1X; Secção Desportiva/RDP Comercial: 211 121 1X1 XX11; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 2XX 1X1 12X 21X1; Fora de Jogo/RDP Comercial: 1X1 1X1 1X1 X111; Grande Sábado/RDP Centro: 1X1 121 1X1 X111; Diário de Coimbra: XX1 121 1XX X11X; Diário de Lisboa: 22X 121 X11 X211; Litoral: 221 121 X21 211X; Jornal da Lixa: 2X1 12X 111 1111; Notícias de Gouveia: 2X1 12X 111 2112; Ponto de Mira/RDP Centro: X21 121 X2X 2112; Sintonia Desportiva/RDP Centro: X21 1X1 X2X 2111; Fotogramas/RDP Centro: 121 1X1 XXX 2112; Bola ao Centro/RDP Centro: XX1 121 XX1 2112; Programa da Manhã/RDP Centro: XX1 121 X2X 2111; Canal Mais/RDP Centro: 121 1X1 X21 211X; Boomerangue/RDP Centro: 1X1 121 XX1 2112; RR/Desporto: 221 12X X11 2111; RR/Bola Branca: 2X1 121 1XX XX11; RR/Frente Desportiva: 22X 1X1 111 22X1; Jornal de Sintra; 11X 2X2 111 11X2; Jornal do Sul: 2X1 1X1 11X 1X11; A Voz do Domingo: 21X 121 X11 2111; Voz de Lamego: 211 X11 21X 1212; Quatro Linhas/Rádio Altitude: 211 111 111 21X1; Panorama Desportivo/RDP Rádio Guarda: 2X1 XX1 X21 211X; Rádio Guarda: X11 1X2 X2X 11X1; Gente Gira/RDP Antena Um: 112 11X 1X1 1221; Pista de Dança/Rádio Altitude: 2X1 121 1X1 2111; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 122 111 111 11X1; Disco e Daquilo/Rádio Altitude: 2X1 121 21X 111X; Tarde Desportiva/RDP Antena Um: 1XX 1X2 1X1 X221; Livre e Directo/RDP Antena Um: X22 11X X21 11XX; De Tudo Um Pouco: 2X1 1X1 11X 1X11; Comércio de Leixões: 2X1 121 1X1 2111; Jornal de Gaia: 22X 1XX 111 X21X; Jornal da Graça: XX2 12X 121 X1XX; Primeiro de Janeiro: 2X1 111 1XX 211X; Rádio Sports: 2X1 11X 111 1X11; Alvo Desportivo: XX1 111 111 X1X1; Rádio Alvo: 221 1X1 XXX X121; Alvo: 1X1 121 1X1 2111; Alvo Suplemento: 221 111 111 1111; Voz do Ave: 211 1X1 111 X112; A Voz dos Ridículos: 211 1X1 111 2111; Rádio Placard: 211 111 X12 X12X; Panorama: 221 221 1XX X121; Música e Desporto: X21 X21 X11 1112.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Malta-Portugal	11	16	49	2	3	7
2. Ermesinde-Famalicão	19	36	21	3	6	3
3. P. Ferreira-Gil Vicente	54	16	6	8	3	1
4. Aves-Tirsense	68	6	2	10	1	1
5. U. Lamas-Leixões	13	26	37	2	4	6
6. Guarda-Marinhense	60	13	3	9	2	1
7. O. do Bairro-Mangualde	51	21	4	8	3	1
8. U. Santarém-Estarreja	40	22	14	6	4	2
9. Peniche-U. Coimbra	47	27	2	7	4	1
10. U. Madeira-Nacional	13	26	31	2	4	6
11. Atlético-Olhanense	56	12	8	9	2	1
12. E. Amadora-Louletano	57	13	6	9	2	1
13. Sacavenense-Estoril	41	23	12	6	4	2

*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
2X1 121 111 2111

EFEMÉRIDES

1531 O Papa Clemente VII impõe o Tribunal da Inquisição em Portugal.

1538 O Papa Paulo III excomunga o rei de Inglaterra, Henrique VIII.

1718 Inglaterra declara guerra à Espanha.

1819 Simon Bolivar assume as funções de presidente da Colombia.

1830 Morre Simon Bolivar, líder da independência de várias colonias espanholas na América do Sul.

1903 Os irmãos Wright (Orville e Wilbur) levam a cabo o primeiro voo a motor, dão inicio à era da aviação.

1906 Nasce o maestro e compositor **Fernando Lopes Graça.**

1925 A União Soviética assina com a Turquia um Tratado de Defesa.

1939 O couraçado alemão «Graff Spess» é afundado voluntariamente ao largo da costa do Uruguai com o objectivo de evitar que caia em poder dos britânicos no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1941 Tropas japonesas iniciam a invasão do norte de Borneo, durante a Segunda Guerra Mundial.

1965 A Grã-Bretanha impõe um embargo petrolífero à Rodésia.

1969 A Argélia e a Tunisia põem termo às suas dispustas fronteiriças e assinam um tratado de amizade por um periodo de 20 anos.

1971 Termina a Guerra entre a India e o Paquistão, ficando a União Indiana com o controlo da zona oriental do Paquistão.

1973 Guerrilheiros Árabes assaltam um avião dos Estados Unidos estacionado no aeroporto de Roma, matando 31 passageiros.

1974 Extinção da Real Comissão de Censura aos livros e publicações em Portugal.

1980 A Comissão Militar do Senado dos Estados Unidos apela para a renegociação do tratado SALT II com a União Soviética.

1981 As autoridades polacas confirmam a ocorrência de sete mortos quando a polícia abriu fogo sobre mineiros grevistas em Katowice.

1982 Os EUA advertem a URSS de que uma eventual decisão, que permita que tropas soviéticas e governamentais afegãs persigam rebeldes **afegãos** refugiados no Paquistão, poderão ter graves repercussões internacionais.

1983 Uma bomba de grande potência explode nos Armazens Harrods, em Londres, numa altura em que decorriam as habituais compras natalícias, matando cinco pessoas e ferindo 80.

1984 A Indonésia admite a ocorrência de combates esporádicos entre as suas forças e guerrilheiros da Fretilin e Timor-Leste e considera que a pacificação da colonia portuguesa deverá demorar, ainda «algum tempo».

1986 Médicos num hospital em Cambridgeshire, Inglaterra, executam a primeira transplantação mundial simultanea de coração, pulmões e figado, numa mulher de 35 anos.

HÁ 20 ANOS

Manifestações de «Pais Natal» contra a guerra do Vietname

Cinco «Pais Natal» que se manifestavam contra a guerra no Vietname, junto das montras de brinquedos de um armazém parisiense, foram detidos, ontem à noite, e conduzidos sem contemplação num carro da Polícia. Tinham correspondido a um apelo lançado pelo Movimento contra o Armamento Atómico.

Mostrando à multidão uma espingarda de material plástico, um «Pai Natal», com longas barbas brancas, calcou-a aos pés, dizendo: «Não deveis comprar aos vossos filhos brinquedos que representem armas». A montra de brinquedos mais próxima exibia precisamente carros de assalto, aviões de guerra e minibombas atómicas. Houve aplausos entre os assistentes. Em breve, porém, apareceu um carro da Polícia que levou os cinco «Pais Natal», enquanto as crianças manifestavam o seu desapontamento, deixando aflorar lágrimas.

Desapareceu o primeiro-ministro da Austrália

O primeiro-ministro australiano, Harold Holt, foi oficialmente dado como desaparecido — anunciou o secretário de Imprensa, Tonu Eggleton. O desaparecimento ocorreu durante um mergulho, quando o estadista praticava a pesca submarina, em Portsea, a 64 quilómetros ao sul de Melbourne.

Três minutos depois de a estação de rádio «BUZ» ter dado a notícia do desaparecimento de Harold Holt, chegaram ao local helicópteros com homens-rãs da Armada, que realizaram intensas buscas, numa vasta área, junto a Portsea, onde o primeiro-ministro tem uma vivenda. As buscas, porém, resultaram infrutíferas.

Entretanto, sabe-se que na zona onde Holt desapareceu costumam aparecer tubarões e que quando o estadista mergulhou não levava qualquer arma para se defender.

Holt, que contava 59 anos, ocupou uma série de cargos no governo, incluindo os de ministro do Trabalho, do Interior, do Ar, da Imigração e do Tesouro. Fez parte ainda do Conselho de Administração do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

Portugueses em Espanha

De cerca de 120 mil estrangeiros que residem oficialmente na Espanha, os portugueses constituem o maior grupo, com 23 224 pessoas — anunciou o Instituto de Estatística espanhol.

Em 1962 residiam na Espanha cerca de 60 mil estrangeiros. É em Madrid que vive o maior número, 24 286, seguindo-se Barcelona, com 23 054. Depois dos portugueses, estão os franceses, os alemães da República Federal, os cubanos, os ingleses e os norte-americanos. Em último lugar, com 24 pessoas, figuram os neozelandeses.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	–	–	0,0	—
V. Castelo	16	16	0,0	Nevoeiro
Vila Real	14	14	0,0	Aguac.
Porto	16	16	0,0	Neblina
Coimbra	16	16	0,0	Neblina
C. Carvoeiro ..	16	16	0,0	Enconb.
C. Branco	15	15	0,0	Neblina
Portalegre	14	14	0,0	Nevoeiro
Lisboa	16	16	0,0	Chuvis.
Évora	15	15	0,0	Chuvá
Beja	15	15	0,0	Encob.
Faro	16	16	0,0	Encob.
Sagres	16	16	0,0	Encob.
P. Delgada	16	14	0,0	P. nub.
Funchal	19	18	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 18, Faro 19, Ponta Delgada 18, Funchal, 25.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

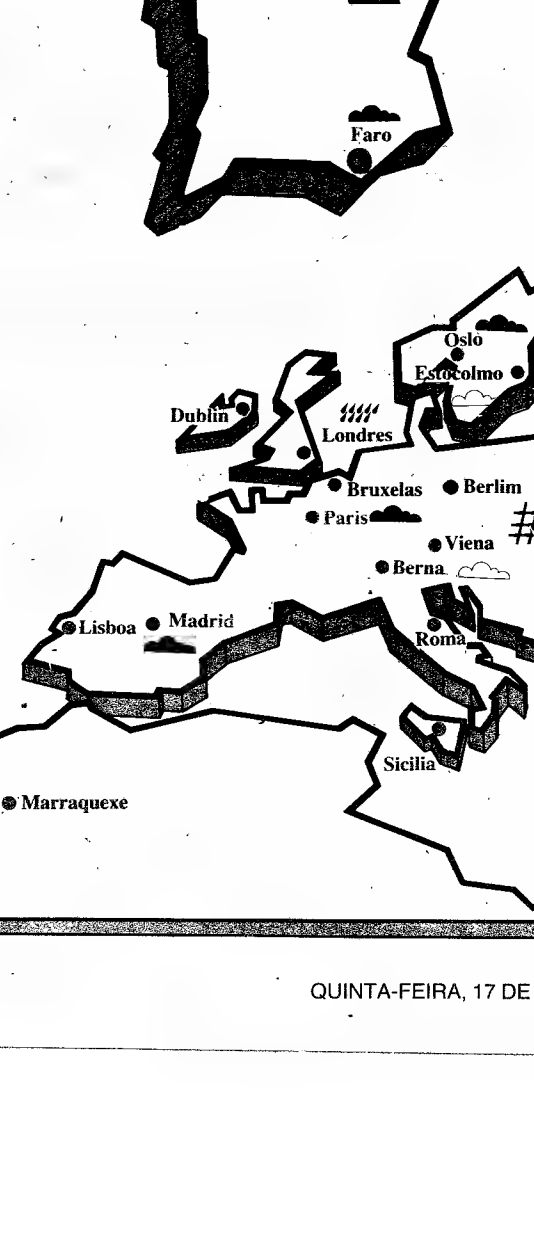
	Min.	Máx.	Às 18 h.
Madrid	10	9	Neblina
Londres	11	10	Muito nub.
Paris	11	11	Chuva
Bruxelas	10	10	Chuva
Amesterdão. ...	10	8	Chuvisco
Genebra	9	9	Chuva
Roma	9	9	Neblina
Oslo	-15	-15	Limpo
Copenhaga	2	2	Muito nub.
Estocolmo	-11	-11	Pouco nub.
Berlim	2	1	Chuvisco
Viena	0	-1	Chuva e neve
Varsóvia	-4	-5	Neblina
Atenas	10	9	Muito nub.
Moscovo	-8	-8	Aguac. de nev.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	27	Nublado
Joanesburgo ...	16	23	Nublado
Los Angeles	5	12	Nublado
Montreal	5	0	Nublado
Nova Deli	7	24	Limpo
Nova Iorque	2	8	Nublado
R. de Janeiro ..	18	30	Limpo
S. Francisco ...	7	10	Nublado
São Paulo	16	29	Nublado
Tóquio	4	16	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte – Céu muito nublado. Vento moderado de sul. Períodos de chuva fraca. Neblina ou nevoeiro matinal.

Estado do mar: — Mar cavado. Ondulação oeste de quatro a cinco metros.

Regiões do Centro – Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante sul. Períodos de chuva fraca nas Beira Litoral. Neblina ou nevoeiro matinal.

Estado do Mar – Mar de pequena vaga. Ondulação oeste de quatro metros.

Regiões do Sul – Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco de sueste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Estado do mar – Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação oeste de quatro metros. ***Costa Sul:*** Mar encrespado. Ondulação sudoeste de dois metros.

Nos Açores:

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento oeste moderado a fresco. Aguaceiros. Condições favoráveis a ocorrência de trovoadas.

Estado do Mar — Mar cavado. Ondulação sudoeste de cinco metros, passando a noroeste de três a quatro metros a partir da manhã.

Grupos Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento sudoeste muito fresco, tornando-se fresco a moderado a partir da tarde. Períodos de chuva passando a aguaceiros e trovoadas.

Estado do mar: Mar grosso a cavado. Ondulação sudoeste de quatro a cinco metros, passando a noroeste de três a quatro metros para o fim do período.

Na Madeira:

Céu muito nublado. Vento moderado de sul. Períodos de chuva fraca.

Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de três metros.

Funchal: Céu muito nublado. Vento moderado de sul. Períodos de chuva fraca.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
		5.46	1,6 m
12.19	3,6 m	18.10	1,5 m

Amanhã

0.48	3,7 m	6.35	1,4 m
13.11	3,7 m	18.56	1,3 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• *Informação da agência Lusa*

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e nos autos de Acção Especial de Recuperação de Empresas com o n.º 3210, requeridos por COMPONAVE – C.ª Portuguesa de Navegação, Ld.ª, com sede na Travessa do Corpo Santo, 10-3.º B, em Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS que se começarão a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da requerente, para no prazo de SETE DIAS, findo o dos éditos, deduzirem oposição, justificarem sumariamente o seu crédito ou requererem alguma providência para recuperação da empresa, nos termos previstos no art.º 6.º, n.º 1 do Dec. Lei n.º 177/86 de 2 de Julho.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1987

O Juiz de Direito,
(Maria Valentina Paiva Sousa Leite)

O Escrivão-Adjunto,
(Vítor Fernandes Dias)

"D.L." 17/12/87 – 1.ª Pub.

"LUSERG – CONSULTORES DE ENGENHARIA, LDA"
(X)

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que por escritura de 18 de Novembro em curso, lavrada a folhas 58 do livro número 1.221-A, do 15.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária Licenciada em Direito, Amélia Josefina de Queiroz Lopes, "SEBES – CONSULTÓRIO TÉCNICO E COMERCIAL, LIMITADA" cedeu a quota que possuía no capital social da sociedade em epígrafe, com sede em Lisboa, na Av. do Brasil, n.º 200, rés-do-chão, e renunciou à gerência em que se encontrava investida. Pela mesma escritura Roger Louis Paul Beerten, Alec Antoine Edmond Beerten e António Lousada dos Santos, únicos e actuais sócios da referida sociedade, alteraram os artigos 4.º e 8.º do pacto social, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 4.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos demais valores que constituem o activo da sociedade, é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, distribuído por três quotas: uma no valor de duzentos mil escudos, pertencente ao sócio Alec Antoine Edmond Beerten, outra no valor de trezentos mil escudos, pertencente ao sócio Roger Louis Paul Beerten e outra, no valor de quinhentos mil escudos, pertencente ao sócio António Lousada dos Santos.

ARTIGO 8.º

A administração da sociedade e a sua representação serão exercidas por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, obrigando-se a sociedade com a assinatura de quaisquer dois deles.

Está conforme ao original.

Lisboa, vinte e sete de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete

O Escriturário Superior,
(Maria Manuela Pelado Rocha)

"D.L." 17/12/1987

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19 º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3 º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/39, arquivo 95-C, para o estabelecimento de uma linha aérea a 30 KV, com 278 metros, do apoio n º 13 da linha para o PT da Argipor-Portalegre: ao PT de Jornal de Cima — Portalegre, freguesia da Sé, concelho de Portalegre.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 4 de Dezembro de 1987

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

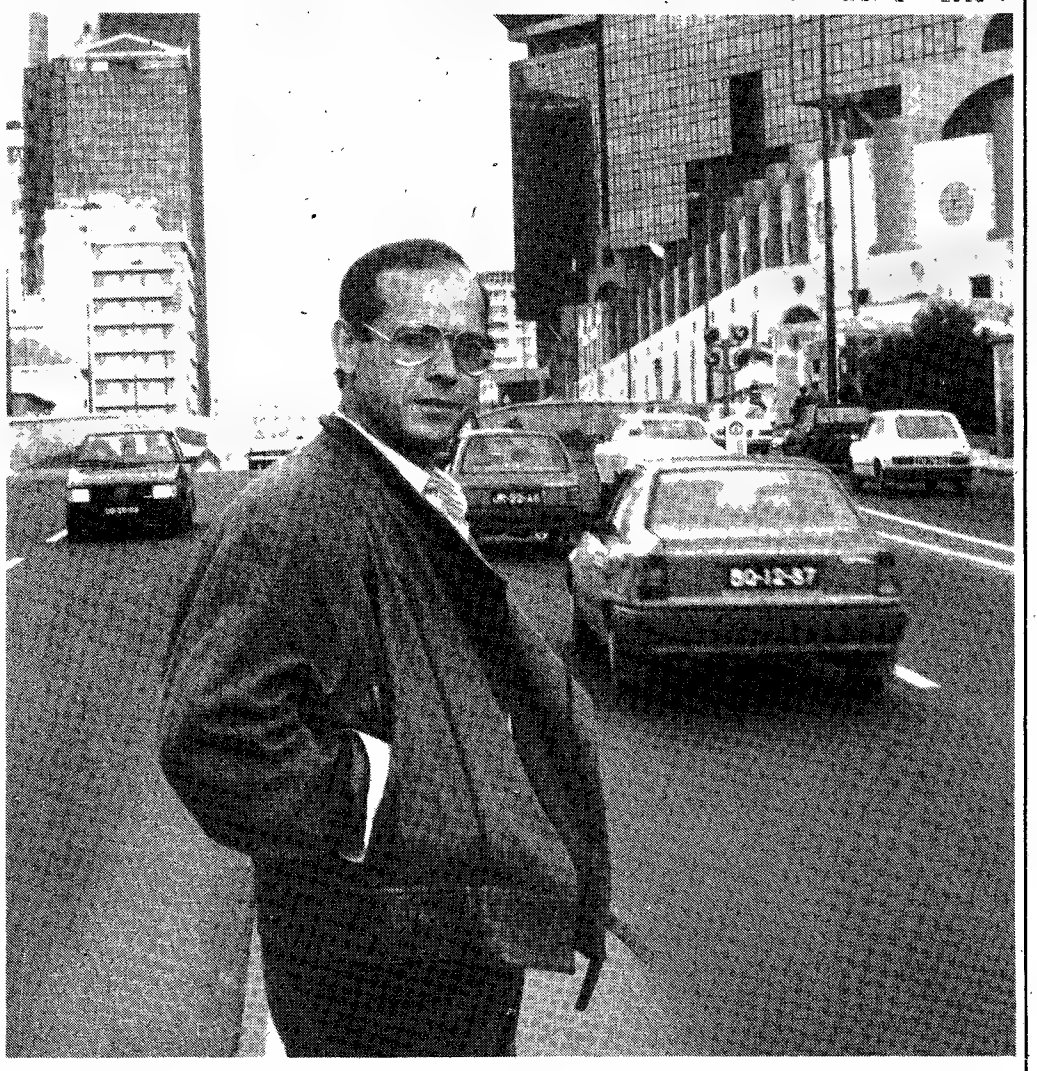
(assinatura ilegível)

"Com Sequências" quase no mercado

PACO BANDEIRA: DISCO Nº20 EM 18 ANOS

Rodrigues Borges

Paco Bandeira tem, prestes a aparecer por aí no mercado, mais um album discográfico. O vigésimo, se a memória não me atraiçoa. Motivo, mais que suficiente, para um «bate-papo». Onde se fala do novo disco e do que a talhe-de-foice acaba por vir. Costumes a que dificilmente se consegue fugir...



Em cerca de dezoito anos de carreira, a gravação de vinte LP´s significa o quê ? Que o Paco Bandeira é um cantor popular, que soube manter–se fiel a um estilo que desde o princípio «caiu no gosto» das maiorias ? Que soube evoluir adaptando–se às mudanças da última década ? Ou, muito simplesmente, considerar–se–á o Paco Bandeira um homem de sorte ?

Sorriso aberto, com aquele ar que é mesmo muito dele e não reserva apenas para as plateias, Paco é rápido na resposta:

A verdade é apenas esta: se atingi os vinte LP´s em menos de vinte anos, não foi por milagre. As minhas canções têm agradado, segundo todos os indicadores. Os meus discos têm–se vendido, senão as editoras não estariam interessadas. Também acho que tenho evoluído, não para seguir modas mas pela mais elementar preocupação em não defraudar os que em mim sempre acreditaram. Quanto à sorte, admito que a tenho tido. Mas, como diz um fado muito conhecido, «a sorte só favorece, quem...».

Alguma intenção especial na escolha do título do disco ? Porquê «Com Sequências» ?

Paco Bandeira, com ar de quem estava à espera desta: «Com Sequências», que também poderia ser «Consequências», quer dizer isso mesmo, penso que é claro como água. Este meu último trabalho surge em consequência - ou na sequência - das minhas anteriores composições. Fiel a um certo estilo, mas não escravo. Por isso, procuro sempre colher ensinamentos, adaptar ao meu modo de estar e de cantar tudo o que de positivo me parece estar a acontecer no mundo da música. Como resultado, acho que o meu disco é um espelho fiel de uma certa evolução: repare–se, por exemplo, nos arranjos musicais, que considero diferentes dos anteriores, para melhor...

E já que estamos com «a mão na massa», como vai a música portuguesa, ela tem evoluído mesmo para melhor ?

Mas disso não tenhamos a menor dúvida. A nossa música está como nunca. Ultrapassado que foi aquele período (necessário, por tantos motivos..) em que reinou uma incontrolável indefenição, hoje em dia faz–se uma música que, na generalidade, pode competir vantajosamente com o que de melhor se produz na Europa.

Uma questão que eu gostava de pôr em «pratos limpos» pode abranger estes vectores: o Paco Bandeira considera–se um cantor popular? Na afirmativa, o que prefere, discos ou espectáculos ao vivo ?

Se ser cantor popular é simultaneanente ser entendido e apreciado pelas camadas ditas populares e ser acolhido com entusiasmo e simpatia onde quer que me apresente, então eu sou mesmo um cantor popular. Interpretada esta resposta como afirmativa, completo a ideia com a afirmação de que nunca poderei passar sem os espectáculos ao vivo. Essa é a minha forma superior de comunicação com o público. Mas os discos são absolutamente necessários, porque constituem uma forma complementar de comunicação. Ou seja, posso chegar através dos discos (ou qualquer outro tipo de gravação, via Rádio ou TV incluída), onde fisicamente me é impossível chegar. Mas não tenho dúvidas: para mim, o contacto directo é fundamental.

«Com Sequências»: como é esse disco ?

Conversemos agora sobre o seu disco nº 20: o que pensa o Paco Bandeira dele ? E sobre o conteúdo ?

Bom, já dei a entender que me agrada imenso. Honestamente, afirmo que se trata de um trabalho bem estruturado. Produzido e editado pela editora Discossete, foi gravado nos Estúdios Angel (técnico Rui Novais e José Fortes na gravação de vozes e mistura). Quanto ao reportório, posso adiantar que as músicas são todas minhas e as letras, com excepção da faixa «Eras Marinheiro», que foi especialmente feita por Rosa Lobato Faria, são o resultado duma amigável e frutuosa colaboração que tenho mantido no domínio das letras com o Pedro Bandeira Freire. Os temas são dez, cinco em cada lado: «Uma Canção de Natal», Velha Amiga», «Sequências», «Canção do Artista», «Mar Amar», «Eu Não Era Quem Sou», «Honoris Causa», «Amor Não é Pecado», «Vai Passear (Má Língua)» e «Eras Marinheiro». Os arranjos e direcção de orquestra são de Luís Duarte, colaborando ainda: no piano e sintetizadores José Marinho, na guitarra Luís Oliveira, no baixo Luís Duarte, nas percussões João Nuno Represas, no sax e flautas Rui Cardoso, no trombone José Oliveira, nos trompetes Rui Gomes e Nelson, na trompa Adácio Pestana e na bateria André Sousa Machado.

E neste preciso momento, como vai a vida artística do Paco Bandeira ?

Vai bem, muito obrigado. Espectáculos programados já para esta quadra, com destaque para uma actuação no Olimpya de Paris, no próximo dia 26. Também se encontra em fase de preparação mais uma participação num programa da RTP... Enfim, depois da saída do disco os espectáculos voltarão a animar a minha vida profissional.

Pintura portuguesa no Palácio das Nações em Genebra

A comemoração do Dia dos Direitos do Homem, que decorreu no Palácio das Nações, em Genebra, teve como um dos principais pontos do programa a inauguração de uma exposição de pintura portuguesa.

A exposição inclui 30 quadros de pintores portugueses que ilustram os 30 artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 10 de Dezembro de 1948.

A exposição foi organizada pela secção portuguesa da Associação Europeia de Professores (AEE) e foi levada a Genebra por iniciativa do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal.

Os pintores representados são: Júlio Resende, Rocha de Sousa, Isabel Sousa Ribeiro, Carlos Marques, Gil Teixeira Lopes, Manuel Aguiar, Luís Demée, Avelino Rocha, Matilde Marçal, Armanda Passos, Zulmiro de Carvalho, Mário Bismark, Dourdil, Francisco Trabulo, Tiago Manuel, Laranjeira Santos, Zita Magalhães, Luís Gonçalves, Rui Paes, Carlos Carreiro, Henrique Silva, Sobral Centeno, Joaquim Machado, Vítor Costa, Helena San Payo, Rodrigo Cabral, João Antero, Domingos Pinho, Manuel Dias e Francisco Laranjo.

A inauguração da exposição foi antecipada de uma sessão solene em que foi lida uma mensagem do secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar.

Os oradores da sessão destacaram sobretudo o papel das Nações Unidas no sentido da promoção da aplicação dos Direitos do Homem e da necessidade de um maior respeito pelos valores neles contidos.

No momento da inauguração da exposição, em que esteve a secretária-geral da AEE, Zita Magalhães, usou da palavra o representante permanente de Portugal junto das Nações Unidas, em Genebra, embaixador António Costa Lobo, que afirmou que esta iniciativa tem o mérito de lembrar a dimensão da noção dos Direitos do Homem e a multiplicidade de formas através das quais estes direitos se podem manifestar.

O embaixador António Costa Lobo, referindo as obras expostas, lembrou ainda que um dos direitos humanos é o exercício da actividade criadora, direito que nesta exposição se colocou ao serviço da promoção e do reforço dos direitos humanos no seu conjunto.

A comemoração do 39.º aniversário da proclamação da Declaração Universal dos Direitos do Homem marca também o início do Ano Comemorativo da Adopção da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que para Portugal tem um significado especial na medida em que dentro de algumas semanas vai iniciar um mandato de três anos como membro da Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, o mais alto órgão sobre este tema.

Um livro de Aida Sousa Dias e Rogério Machado

RAFAEL BORDALO PINHEIRO ATRAVÉS DA VIDA, DO MEIO E DAS SUAS OBRAS

Sobre Rafael Bordalo Pinheiro, escreveu Ramalho Ortigão, não certamente de amigo para amigo (que o foram): «Foi a obra mais genuína mais bela, mais comovente e mais expressiva da arte do século XIX». É um entusiasmo felizmente vulgar, este, agora condensado numa obra de grande qualidade, não só pela biografia que traça do artista, como pelas excelentes reproduções, muitas de colecções particulares, não acessíveis, a não ser pela imagem.

Escrevemos sobre «A cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro», uma obra de Aida Sousa Dias e Rogério Machado, editada pela Lello & Irmãos, com o propósito expresso de definir «uma imagem global das actividades cerâmicas do artista multifacetado que foi Rafael Bordalo Pinheiro».

Mas, por detrás desta biografia está obviamente todo um sector como é o da cerâmica que nas Caldas da Rainha tem dos elos mais importantes e das raízes históricas mais vincadas entre nós. E ainda no caso de Bordalo Pinheiro, a sua actividade que se espelhou pela Imprensa com o inevitável zé- povinho como ponto alto (por mais popular).

A esse nível, da obra gráfica de Rafael Bordalo Pinheiro, os autores do livro salientam na nota introdutória: «Eram desenhos irónico-satíricos, as caricaturas e as personagens do seu quotidiano que retratava humoradamente o criador do imortal zé-povinho — símbolo do Povo».

O livro, porém, para além dos aspectos relacionados com a vida e obra do biografado, leva-nos também de passeio pelo tal «centro histórico» da cerâmica que é Caldas da Rainha, com os seus pormenores de pitoresco, como o da explicação dos símbolos fálicos, que, afinal, ainda hoje, constituem uma atracção e um dos pólos de venda da terra.

A propósito, lembra-se no livro que «o mito fálico é apanágio de civilizações muito antigas em que o falo é símbolo de virilidade e fecundidade... o sentido que vulgarmente lhes é atribuído, aliás o verídico, é o de paródia».

No caso do das Caldas lá está explicado o como, o quando e porquê: D. Luís foi de visita à fábrica de Manuel Cipriano Gomes (O Mafra) e pediu-lhe que inventasse um «objecto divertido que faça distrair os seus amigos».

Incumbido um operário do encargo nasceu o falo monocromático tendo na base aplicações que lembram a técnica de imitação do musgo —**et voilá.** Por sua vez, o livro cita o jornalista José Gutierrez que situou em 1930 a primeira substituição da rã que se alojava no fundo das canecas pelo tal símbolo fálico.

Uma obra de grande valor, esta, que nos leva pela mão através de uma vida complicada, difícil, atribulada que foi a de Rafael Bordalo Pinheiro; mas também pelo seu legado cerâmico, hoje disperso por colecções a que nós não temos acesso e por isso muitas vezes o afastam da necessária divulgação e conhecimento.

«Hoje, quando se festeja o centenário da fundação da fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (1884-1984), procuramos dar um contributo para o conhecimento da cerâmica das Caldas (nos seus aspectos histórico, cultural e artístico) anterior, contemporâneo, e posterior a Bordalo e mostrar o seu enquadramento estético através da recolha bibliográfica, fotográfica e local, que fizemos de um modo objectivo», eis a síntese encontrada pelos dois autores para explicarem o seu trabalho. Está tudo dito...

R. V.

Hoje na Universidade Nova

Concerto de música kwela com Donald Kachamba

Donald Kachamba, último músico–compositor da cultura Kwela (Africa Austral), aliás internacionalmente muito conhecido, apresenta–se **hoje** pelas 18 horas, no anfiteatro nº1 da Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, à Av. de Berna, num concerto em que tocará flauta kwela, acompanhado por alguns dos seus alunos portugueses e em que também participa o Prof. Doutor Gerhard Kubik, da Universidade de Viena.

O concerto realiza–se à margem de um seminário sobre tradições musicais de Angola, promovido pela Departamento de Ciências Musicais daquela Faculdade e orientado pelo Prof. Kubik, autor de numerosos e marcantes trabalhos no domínio da Etnomusicologia das culturas africanas, que apresentará a música de Kachamba e será também, ele próprio, executante.

Nascido em Blantyre, no Malawi, Donald Kachamba é considerado actualmente um dos mais proeminenyes músicos/compositores da nova geração do Sudeste da África. Nascido no seio de uma família musical, Kachamba contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da tradição «kwela». Começou a tocar flauta aos seis anos de idade, especializando–se desde logo nesse estilo, difundido pelo seu irmão Daniel – famoso guitarrista — num período em que toda a família se radicou em Harare, no Zimbabwé (finais dos anos cinquenta).

Num seminário realizado há poucos anos no Museu de Etnologia em Lisboa, o Prof. Kubik referiu–se à sua personalidade artística nos seguintes termos:

«O músico e compositor Donald Kachamba, responsável pela parte da demonstração musical desta palestra, foi «classificado» por observadores externos como intérprete duma música **moderna africana,** porque utiliza na sua própria música instrumentos de introdução europeia, tocando com técnicas africanas. Falando a língua Chichewa com Donald —e só através deste canal de comunicações se descobre o seu pensamento profundo musical — notamos que tais distinções estrangeiras como «música tradicional», «música moderna», «folklore», «música erudita», «música ligeira», etc., todas produtos da história social europeia, não se encontram na sua conceptualização.

Kuimba banque (tocar a cítara de tabu), **kuimba mângolongondo** (tocar o xilofone), **Kuimba gitala** (tocar o violão), **Kuimba futuli** (tocar a flauta de tipo «penny-whistle») são para ele categorias paralelas. Não é contradição para ele, do seu ponto de vista intracultural que ele seja ao mesmo tempo provavelmente o mais importante representante vivo da música **kwela** (com muitos elementos de jazz) e um membro com altas funções na sociedade de máscaras **nyau,** onde toca vários tipos de tambores: música «tradicional. São só diferentes aspectos da mesma personalidade musical».

Mikhalkov leva à cena em Roma peça tchekoviana

«Peça Inacabada para piano Mecânico», com encenação de Nikita Mikhalkov, e tendo como principal intérprete Marcello Mastroianni, deverá subir à cena, ainda este mês de Dezembro, num teatro de Roma. A obra, baseada no drama «Platonov», de Tchekov, já foi tema de um filme daquele realizador que assina, agora, a sua versão dramática.

A montagem de «Peça Inacabada para Piano Mecânico», na capital italiana deve-se a Mastroianni. Segundo declarou Mikhalkov numa entrevista ao «Sovietskaia Rossia», desde que o filme apareceu nos ecrãs, em 1977, tem recebido de personalidades do cinema e do teatro de diversos países propostas para se encarregar da sua encenação.

«Acabou por ser Marcello Mastroianni, que tanto admiro, o vencedor», sublinhou o realizador recordando que «em tempos, Mastroianni desempenhou o papel de Platonov, numa encenação da autoria de Visconti e há muito desejava desempenhá-lo, novamente, numa versão russa assim como sonha representá-lo um dia, na Rússia».

A estreia do cineasta no teatro com «Peça Inacabada para Piano Mecânico», que, como filme, o projectou mundialmente ao receber a «Concha de Ouro», em S. Sebastian, e o prémio «David Donatello», em Itália, é o prosseguimento da colaboração Mikhalkov/Mastroianni iniciada com a realização em Itália, de «Olhos Negros», que valeu ao actor italiano o prémio de Cannes/87 para o melhor intérprete masculino.

A prolongada estada de Mikhalkov fora do seu país já suscitou rumores sobre um alegado desinteresse pelas mudanças que ocorrem na União Soviética e discordância com a actual direcção da União dos Cineastas, presidida por Elem Klimov.

Tchekov beneficia Tchekov

Parece, no entanto, não haver grande fundamento para tais rumores. O regresso do cineasta à pátria está para breve. No próximo Verão, dará início às filmagens, na Sibéria, de uma película inspirada na novela «Tsar Fish», de Victor Astafiev, que terá Meryl Streep como principal protagonista.

Quanto ao desinteresse pela «perestroika» há a assinalar que os ganhos com a encenação de «Peça Inacabada para Piano Mecânico» reverterão, na sua totalidade, para o «Fundo de Cultura Soviético» com o objectivo específico de financiar as obras de restauro das casas-museu dedicadas a Tchekov.

Este gesto é considerado por Mikhalkov como «absolutamente normal, ditado, antes de mais, pelo desejo profundo e sincero de dar um contributo possível para uma causa nobre: a tentativa de começar a reparar o que foi destruído nos anos anteriores devido à má gestão e irresponsabilidade».

Sublinhando que, «numa altura em que difíceis tarefas de ordem económica se colocam à URSS, não chega ajudar com palavras, são necessários obras e actos», o cineasta precisa que «os ideais filantrópicos sempre tiveram eco no povo russo» ainda que a partir de certa altura a filantropia tenha passado a ser encarada como «algo injurioso e humilhante».

«Discordo absolutamente dessa ideia», frisa Mikhalkov, afirmando que o seu contributo «é uma ajuda sincera e desinteressada» e seria triste se alguém interpretasse o seu «impulso espontâneo» de outra forma.

O «Fundo de Cultura» é uma organização social criada em Novembro de 1986 para dinamizar as artes e defender o património nacional, ao dar apoio financeiro aos artistas e a iniciativas de carácter cultural promovidas por colectivos ou individualmente.

Numerosos cineastas, músicos, escritores e artistas plásticos têm feito chegar ao Fundo as receitas provenientes da participação em espectáculos, venda de obras de arte e direitos de autor.

«Para além do aspecto moral», salienta Mikhalkov, «o que está a despertar o sentimento filantrópico dos cidadãos soviéticos é o facto de poderem ver os resultados concretos de uma contribuição pecuniária ou em trabalho; é muito importante as pessoas saberem para onde vai o seu dinheiro».

A escolha dos museus dedicados a Tchekov para beneficiários dos lucros com a peça montada na capital italiana foi ditada pela grande admiração que a obra e a própria personalidade do escritor inspiram a Mikhalkov, que, «se tivesse tempo e forças para isso, montaria peças de Tchekov em todo o lado», e pelo facto de as casas onde o autor russo viveu, nomeadamente em Tanganrog e Lopasna, transformadas em casas-museu, estarem praticamente votadas ao abandono.

teatro da Cornucópia

Edward Bond

GRANDE PAZ

TRILOGIA DA GUERRA

SEGUNDA PARTE

Texto admirável/ um trabalho a que apetece chamar perfeito/ Alda Rodrigues – uma das grandes criações do teatro português dos últimos anos/ o colectivo funciona admiravelmente – **Carlos Porto – «DL».**

Desempenho notável de Alda Rodrigues/ profundo saber teatral/ um espectáculo de profunda reflexão e de chamada de atenção – **E. Vasques – «Expresso».**

Imperdoável perder/ um trabalho excepcionalmente interessante/ um excelente naipe de actores/ impressionante a interpretação de Alda Rodrigues.

J.V. Lemos – «D.N.»

"Alda Rodrigues tem uma interpretação de assombro."

TITO LÍVIO — «Capital»

"um espectáculo que dignifica o teatro em Portugal e o teatro em geral / um triunfo."

RIO DE CARVALHO — "Jornal de Letras"

"um momento de elevadíssima qualidade artística / espectáculo de grande fôlego / genial interpretação de Alda Rodrigues / perfeição do conjunto / magnífica orquestração do desespero e do amor."

M. HELENA SERÔDIO — "O Diário"

ATENÇÃO: Nos dias 22, 23, 24 e 25 não se realizam espectáculos.

DESCONTOS A JOVENS E A GRUPOS

3.ª, 4.ª e 5.ª-feira às 20.30 h

6.ª e sábado às 21 h

domingo às 16 h

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A

1200 Lisboa — Tels. 66 15 15/66 92 05

Sub. SEC

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
TRINITÁ – COWBOY INSOLENTE
(maiores 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Alfa 3
O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
A MAIS LOUCA ODISSEIA NO ESPAÇO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 1
CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, e 24.00 h

Amoreiras 4
O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5
OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70
CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
ANGEL HEART (NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098
AS MINAS DE SALOMÃO – PARTE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio
— T. 372358
GAROTA APETITOSA
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O HARÉM
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso
O ANJO NEGRO DO SEXO
(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194
O DRAGÃO ATACA
(Int. m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253
CROCODILO DUNDEE
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
A CÂMARA SECRETA
(n/acons. m. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anjosha
ROBOCOP – O POLÍCIA DO FUTURO
(maiores 18 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
NASCIDO PARA MATAR
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
O PODER DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
A SEITA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
ENCONTRO INESQUECÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
FUZILEIRO IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
A MAIS LOUCA ODISSEIA DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
HUMILHAÇÃO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
OS RAPAZES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
(para todos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
A SEITA DO MAL
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
AS MINAS DE SALOMÃO – PARTE II
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ELENI – A GUERRA SELVAGEM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Sala 2
HOMEM CERTO, PRECISA-SE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
ARIZONA JÚNIOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
CRIMES DO CORAÇÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Sala 3
O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
NADINE, UM AMOR À PROVA DE BALA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
LOUCA ACADEMIA DE RECRUTAS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
VERÃO ERÓTICO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— T. 821933
CLUB DA MEIA-NOITE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
TRINITÁ – COWBOY INSOLENTE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
ISHTAR
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O CLUBE
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 2
KAOS
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Sala 3
MELO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS AMANTES DE MARIA
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 4
O SACRÍFICIO
(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
ALTA ANSIEDADE
(maiores 12 anos)
24.00 h

Roma
T. 889192
O QUERIDO LILÁS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
PLATOON
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
O CAÇA POLÍCIAS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
HARÉM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.00 h

7.ª Arte
— T. 730715
LA BAMBA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
O CAÇA POLÍCIAS – PARTE II
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 h

Terminal
— T. 371573
OS VIGARISTAS DO TOTOLOTO
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
(Para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
FX – EFEITOS MORTAIS
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
PERSEGUIÇÃO ESCALDANTE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Homem certo precisa-se», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Cinestúdio — «O segredo do deserto», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

AMADORA — Babilónia — «Ishtar», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Anjo Vingador», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Crocodilo Dundee», às 15.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Grande Assalto», às 21.30 h (maiores 16 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Humilhação», às 17.00, 21.15 h (maiores 18 anos).

ALGÉS — Cinema 2000 — «Robocop – O Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Selvagem e perigosa», às 18.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os Intocáveis», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «O 4.º Protocolo», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30 e 21,30 h (maiores 12 anos).

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Os Intocáveis», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «As Bruxas de Eastwick», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Os Intocáveis», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O casamento de Maria Braun», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18 anos).

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Nas Portas do Inferno», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 18 anos).

ALMADA — Incrível Almadense — «Blue City — Cidade Corrupta», às 15.30 e 21.30 h (n/acons. m. 18

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Quem era aquela garota», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Os Intocáveis», às 15.45 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Nascido para Matar», às 16.15 e 21.45 h (maiores 16 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Força Delta», às 15.00 e 21.15 h (maiores 16 anos).

MARGARIDA VAREJÃO:"ADEUS LISBOA"

Convidando–nos para uma viagem por «outra Lisboa», uma viagem que mate a «nos - sa saudade» de figuras e lu- gares que o tempo inexora- velmente destrói, Margarida Varejão expõe, desde sexta - –feira, e até 23 do corrente, na galeria Ariarte (Largo do Contador–Mor, Alfama), vin - te e cinco gouaches subordi- nados ao tema «Adeus Lis - boa». Pintora naíve, 31 anos, com presenças em mostras colectivas na Holanda(1978), nos I e II Salão Ibérico de Pintura Naíve, na Bienal do «Avante» (1981) e na Casa de Imprensa(1986) e uma pri - meira exposição individual há dois anos, na Sociedade Na - cional de Belas Artes, Marga- rida Varejão evoca, num «ter - no embalar de outros tons», espaços e seres duma cidade já quase ancorada nos barcos da sua (nossa) memória.

The Bolshoi: hoje às 18 no aeroporto, amanhã à noite ao vivo no Metropolis

MÚSICA

GRÉMIO LITERÁRIO (sala da Biblioteca): às 22 horas, recital de canto e piano com Filomena Amaro (soprano) e Filipe de Sousa (piano). Obras de A. Dvorak, V. Bellini, G. Donizetti, F. de Sousa, C. Porter, G. Gershwin e «Negro Spirituals».
LOUCURAS: noite especial de Adelaide Ferreira com a Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória (dirigida pelo maestro Jaime Oliveira). Esta excelente orquestra despede-se desta discoteca com a participação da maior parte dos artistas que por ali passaram ao longo de todas as «quintas-feiras tranquilas».
DISCOTECA METROPOLIS (R. Francisco Sanches): amanhã às 22 horas, primeiro concerto ao vivo do grupo londrino «The Bolshoi». ATENÇÃO: hoje, às 18 horas, eles chegam ao aeroporto da Portela...

LIVROS

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (auditório - Av. Duque de Loulé): 2º lançamento do último livro de Fátima Murta «Coisa Talvez Amada», às 18,30. Depois de várias peripécias por que passou este livro, as quais conduziriam à interdição pela autora da respectiva distribuição da edição inicial, é a vez do livro aparecer a público em edição de autor e integrado na Colecção Mirto.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): às 18 horas, lançamento do livro de José Almeida Pavão «O Fundo do Lago».

CINEMA

FORUM PICOAS: Ciclo América Latina: em Cima do Vulcão - «Os Rapazes da Guerra» de Bebe Kamin, com Hector Alterio e Carlos Carella. Sessões às 19 e 22 horas.
CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Alain Tanner - «A Cidade Branca» com Bruno Ganz e Teresa Madruga. Às 21,30.

EXPOSIÇÕES

GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): «A Fonte Nova Marca/87», uma colectiva com trabalhos de Augusto Cabrita, Carlos Lança, Danilo Gouveia, F. Gaia, Figueiredo Sobral, F. Oliveira, Germano Santo, H. Morato, José Belém, Kira, Sam e Zita. Patente até 6 de Janeiro, todos os dias das 10 às 24.
GALERIA DA VINCI (R. de Belém, 75): colectiva de artistas gráficos checoslovacos, organizada pelo «Art Centrum» com o apoio da Embaixada da Checoslováquia em Lisboa. Até 5 de Janeiro, nos dias úteis das 13,30 às 19, sábados e domingos das 15 às 19.
MERIDIEN LISBOA: até 29 de Dezembro, exposição de Estanho e Tapetes de Arraiolos, de Alfredo Osório Mora e Rosinda dos Santos. Todos os dias, das 9 às 23 horas.
SEC (Delegação Regional do Norte-R. António Cardoso, 175, Porto): até 26 de Dezembro, uma exposição de arte postal, incluindo trabalhos de doze artistas homenageantes de Amadeo de Souza Cardoso. Em simultâneo foi lançada uma serigrafia realizada em colectivo pelos mesmos doze - 50 exemplares assinados pelos 12 autores: Angelo de Sousa, Augusto Canedo, Carlos dos Reis, Emerenciano, Emília Alírio, Fernando Osório, Isabel Cabral, José Paiva, Luisa Gonçalves, Rodrigo Cabral, Rui Pimentel e Zulmiro de Carvalho.
GALERIA DA A A COIMBRA (R. Padre António Vieira-Coimbra): Colecção de Fotografia Contemporânea do Centro de Estudos de Fotografia, até 31 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20.
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição «O Natal», numa iniciativa da secretaria de Estado da Cultura e do Museu de Grão Vasco, de Viseu.
GALERIA ARTEMIXTA (R. de S. Domingos à Lapa, 6): exposição «Trabalho Marginal do Artista».
GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): exposição comemorativa do 1º centenário da Associação Académica de Coimbra. Temas e Artistas de Coimbra: Mário Silva, Pedro Olaio, Rui Cunha, Pedro Madeira, Cunha Rocha, Vasco Berardo, Michel Barrett, Celestino André, Heitor Chichorro, Lucia Maia, Hebil, Nunes Pereira e Silva Palmeira; Exposição da Galeria: Álvaro Perdigão, M. Cargaleiro, Artur Bual, Maria Viana, Rico Sequeira, Ribeiro Farinha, Hogan, António Carmo, José de Azevedo, Rogério Amaral, Louro Artur, Kira, Agostinho Nogueira Lopes, Manuel Branco e Carlos Viseu. Até 31 de Dezembro.
MÓDULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º): até 15 de Janeiro, Pintura de José Luís Perez Navarro, patente todos os dias (excepto domingos e feriados) das 16 às 20.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): no 3º aniversário desta galeria, «Biombos Pintados» por Helena Almeida, Ana Marchand, Teresa Lacerda e Pedro Calapez. Patente de terça a domingo, das 15 às 19. Hoje, às 22 horas, lançamento da nova serigrafia de Jorge Martins «Verde que te quiero verde» - 50 exemplares, numerados e assinados pelo autor.
ACADEMIA DE MARINHA (R. do Arsenal, Porta H): até 18 de Dezembro, uma exposição de Pintura de Carlos Alberto Santos sobre o tema dos Descobrimentos. Patente das 14 às 17,30.
GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris, 68-Porto): até 30 de Dezembro, duas exposições - desenhos a carvão, cerâmica e escultura de José Rodrigues e (na sala Atlântica) os mais recentes trabalhos de pintura de Pedro Tudela.
CENTRO COMERCIAL VISCONDE DA LUZ (Cascais): até 31 de Dezembro, todos os dias das 10 às 20, óleos e aguarelas de Michael Barrett.
CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 27 de Dezembro, nos dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17,30, a exposição «Hiperbanalidade - fragmentos picto-gráficos de uma arqueologia contemporânea», de Eurico Coelho.
CASA DE ANTÓNIO GIÃO (Reguengos de Monsaraz): até 24 de Dezembro, aguarelas e guaches de FernandoAnçã, uma exposição organizada pela Sociedade Portuguesa de Autores.
GALERIA HALMA (Parque do Estoril, frente ao Casino): exposição de design em pedra e escultura de Gilles Kalisvaart, escultor holandês radicado há vários anos em Monsaraz, no Alentejo. A exposição está patente até meados de Janeiro.
CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 13 de Janeiro, Desenhos de Carlos Martins Pereira subordinados ao tema «As Lágrimas das Coisas»; até 24 de Dezembro, Ourivesaria Contemporânea de Filomeno Pereira de Sousa. Ambas as exposições patentes de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20 horas.
ATLANTIS (Restaurante-Bar-Concerto, em Paivas, Fogueteiro): Exposição de Arte-87 com os artistas convidados Albino Moura, António Apóstolo, António Sem, Artur Bual, Ernesto Neves, Gordillo, H. Mourato, Helena Justino, Louro Artur, Manuel Cargaleiro, Kira e Victor Ferreira.
GALERIA DE ARTE DA CERVEJARIA TRINDADE: até 31 de Dezembro, pintura de Angela Vimonte, patente ao público das 15 às 23 juntamente com a exposição anterior, «Motivos do Alentejo» de José Manuel Soares.
GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 30 de Dezembro, a 6ª Exposição do ARTEVER- Associação de Artes Plásticas da Amadora. Diariamente das 15 às 23 horas, trabalhos de Abílio Febra, António Galvão, Conceição Ramos, Eduardo Abrantes, Eduardo Nascimento, Helena Matta, Isabel Pena, Joaquim Lourenço, José Mourão, Luís Vasconcelos, Maria Garnel, Maria Soares, Marina e Vítor Π.
MÓDULO (Av. da Boavista-Porto): até 12 de Janeiro, pinturas e esculturas de José de Guimarães e objectos de Xana. Todos os dias (excepto domingos e feriados) das 16 às 20.
GALERIA FORUM (Viseu): até 3 de Janeiro, a exposição de pintura «Tábuas Pintadas» de Alberto Péssimo.
O TEMPLO DO GATO- Escritório de Arte (R. Sousa Viterbo, 38-2º-Eq.): Pintura de Isabel de Sá e Manuel Gantes até 19 de Dezembro, de terça a sexta das das 16 às 20 horas.
INTERNI - Design Arte e Décor (R. Rodrigo da Fonseca, 51): colectiva de Pintura e Escultura até 23 de Dezembro, de segunda a sábado das 15 às 20, com obras de Ana Maria Galvão, David de Almeida, Eurico Gonçalves, Ilda Reis, Isabel Laginhas, João Antas, João Duarte, João Vieira, Larangeira Santos, Paulo Cardoso, Sérgio Pinhão, Sérgio Pombo, Victor Belém e Virgílio Domingues.
GALERIA ARCADA (Parque do Estoril): exposição com obras (da colecção da antiga Galeria Buchholz), de António Areal, Álvaro Lapa, Jorge Martins, Joaquim Rodrigo, e Malangatana. Exposição patente ao público até 14 de Janeiro, todos os dias (excepto terças-feiras) entre as 11 e as 20 horas.

GALERIA 111 (Campo Grande, 113): Pintura de Menez.

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

Manuel Luís Goucha à conversa com Simone de Oliveira. Actor é o que ele é. A graça com que elabora uma história, a ingenuidade infantil com que ele conta uma piada um bocadinho... picante ! Sem agredir ninguém, aliás. Actor é o que ele é ? Um actor que afinal já não é. Mas como diz o outro, é o destino. A triste vida. O meio teatral não dá meios para que os actores atinjam os melhores fins... artísticos. E hoje, poucos serão os que se lembram de Manuel Luís Goucha como actor. Ele é hoje um dos mais afamados gastrónomos da nossa praça, cronista disputado em tudo quanto é imprensa, televisão, rádio. Agora, ele acha-se realizado. Por ganhar mais dinheiro ? Por poder pagar uma renda de casa para a qual não chegaria o dobro do vencimento de um actor ? Acho que não. Sente-se realizado, antes de mais, porque encontrou uma forma «gostosa» de comunicação, de convívio, de humanidade. Ele não dá receitas: ele conversa. Põe sabor, simultaneamente, nos cozinhados e nas palavras. Para ele, vale tanto o bom cheirinho de um sorriso como um bom cheirinho de hortelã. Obrigado, Manuel, por não seres um gastrónomo burocrata. Ou seja, um cozinheiro indigesto.

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AREEIRO: Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (T. 885543); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **CALVÁRIO: Monge**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto Carvalhão, 5 (T. 651721); **JANELAS VERDES: Reis Garrido**, R. das Janelas Verdes, 90 (T. 662327); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS: Jaime Matos**, R. Álvaro Coutinho, 8-10; **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **TELHEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 2-I (T. 7584144); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **BAIXA: Americana**, C. de Santana, 1-3 (T. 863984); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Veral**, R. Morais Soares, 109-111 (T. 821732); **ESCOLA POLITÉCNICA - SÃO BENTO: São Marçal**, R. de São Marçal, 100-102 (T. 325318); **ESTADOS UNIDOS - À CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRAZERES: União**, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643); **REGO: Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 772728); SALDANHA: Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7 (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243720). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Mira**, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira**, R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121). **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Permanente; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paços de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**«, de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone deOliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de São Bento, 75-B — Tel. 60 18 66

De 4.ª a sábado, às 21.30, até 12 de Dezembro

«**A BELA CALÍGULA**«, de Augusto Sobral. Encenação de Rogério Vieira. Interpretação de Silvina Pereira e Fernando Nascimento.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De quarta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**A DAMA DO MAXIM'S**«, de George Feydeau. Pelo **Novo Grupo**. Tradução: Luiz Francisco Rebello, Vera San Payo Lemos e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenários: Nuno Carinhas. Figurinos: Vera Castro. Música: Eduardo Paes Mamede.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A
(Telef. 66 15 15)

De 3.ª a Sáb., às 21.00; Domingos e feriados, às 16.00

«**GRANDE PAZ**», de Edward Bond. Cen. de Luís Miguel Cintra. Interps. Alda Rodrigues, Maria Breia, Raquel Maria, Laurinda Ferreira e Miguel Guilherme.

TEATRO DA CANTINA VELHA

Cidade Universitária

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30)

A Espuma dos Dias, de Boris Vian, pelo grupo IBIS. Adap/Enc.: Paulo Filipe

TEATRO DE BOLSO

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9
Tel. 2 91 30
(Quinta e sexta, às 21.30); sábados e domingos às 16.00 e 21.30)

O Médico à Força, de Molière, pelo TAS. Enc. Carlos César/Asdrúbal Teles.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E DA MANJERONA**«, de António José da Silva. Com encenação de Carlos Avilez.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

«**LENDAS DE AMOR E MORTE**«, de Yukio Mishima. Encenação de Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Interpretação de Adelaíde João, António Filipe, Francisco Soromenho, Maria José Baião, Teresa Corrte-Real, Artur Mendonça, Ana Rita e António Liza.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97

Todos os dias, às 21.30; quintas, sextas e sábados, às 16.00; domingos e feriados, às 14.30 e 17.30

CIRCO DO NATAL — companhia internacional.

Circo Chen

Instalado no Campo Pequeno

Todos os dias, às 21.30; quintas e sábados, às 16.00; domingos e friados, às 15.00 e 17.30

CIRCO E GELO. 2 pistas.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**METRO CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes. Música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Sociedade Voz do Operário

R. Voz do Operário, 13 — Tel. 86 21 55

Sábados e domingos, às 11.15 e 18.00

«**ERA UMA VEZ UM DRAGÃO**«. E ainda espectáculo de ilusionismo, palhaços, etc.

Novo Espaço Teatral

R. de Santiago, 19 (ao Miradouro de Santa Luzia)

De 25 Nov. a 20 Dez., às 21.30; aos domingos às 16.00 h.

«**À PROCURA DO PRESENTE**«. Texto e encenação: Adolfo Gutkin. Interpretação de Ruy Furtado, Glicínia Quartin, João Lagarto, José Lopes, Ávila Costa e Diogo Dória. Assessor literário: José Triana. Cenógrafo: José Castanheira. Figurinista: Vera Castro. Música e direcção musical: Carlos Gutkin.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

Tel. 267 03 20

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O BALCÃO**«, de Jean Genet. Com encenação de Carlos Avilez.

Forum Picoas

Av. Fontes Pereira de Melo — Tel. 54 10 37

A partir do dia 4. De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA**«, de Kafka. Encenação de Durval Lucena. Interpretação de João d'Ávila.

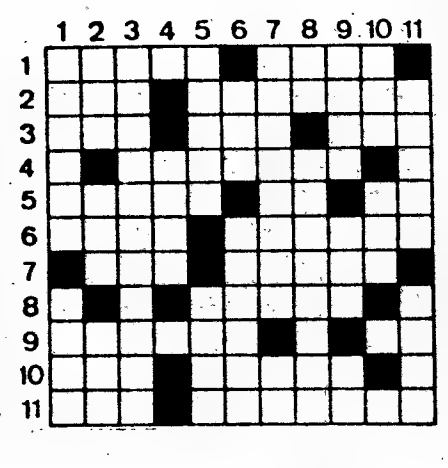
Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

LISBOA, TEJO E TUDO
3.ª a sáb., às 20.30, 22.45
Sáb. dom. e feriados, 16.00, dom. 21.30 h.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17210



HORIZONTAIS:

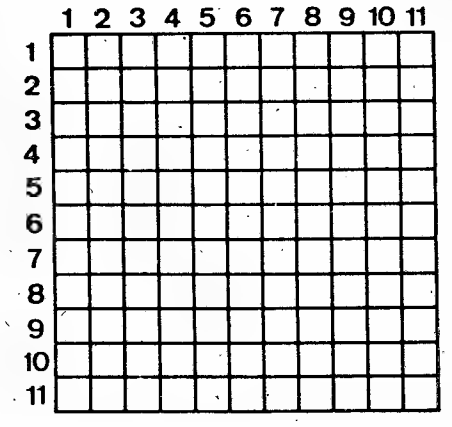
1 Caminhar. Lago de Itália.
2 Afecção caracterizada por distúrbios intestinais e por aumento anormal do volume do ventre. Aguçais.
3 Oásis. Solitários. Calote.
4 Passatempo.
5 Indignada. Prefixo de negação. Deus dos pastores.
6 Tecido forte. Sais.
7 Mediana. Ralé (prov).
8 Unir pelo casamento.
9 Aturdes. Letra grega.
10 Tanto. Flancos.
11 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Guarnecessem de asas.

VERTICAIS:

1 Porto do Sul de Marrocos, sobre o Atlântico. Grampo.
2 General de Napoleão. Coisa (ant). Rio da Escócia.
3 Últimos.
4 Cidade dos Camarões, nas margens do Sanaga.
5 Quinhão (pop). Guarda segredo.
6 Preposição. Carvões incandescentes.
7 Inquilinos. Concede.
8 Sufixo que designa estado. Sacrificados.
9 Ave africana. Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. Abreviatura de Santíssimo.
10 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. O sustento.
11 Adições. Dão mios.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 035



HORIZONTAIS:

1 Estimas. Desenruga.
2 Tornam morno.
3 Concede. Recuas. Miriare.
4 Freguesia do concelho de Alenquer. Patrão. Caminhei para cá.
5 Movia os remos. O mesmo que alburno.
6 Montão. Chameça.
7 Mana. Móvel sobre o qual se come.
8 Recusa. Tanto. Pátria.
9 Clima. Retruca. Senhor.
10 Falha. Ilha do Pequeno Belt.
11 Abertura no alto da muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo. Metal precioso de cor amarela.

VERTICAIS:

1 Adória. Inerente (fem).
2 Desceram em terra (os aviões).
3 Ruim. Acaricio. Rénio (s.q).
4 Governanta. Deseja. Tomba.
5 Esmurrava. Basta!
6 Pilha. Romance de Emílio Zola.
7 Homem de baixa estatura. Moeda da Grécia antiga.
8 Pêlos de certos animais. Figura que simboliza o povo americano. Sapo do Amazonas.
9 Prefixo de negação. Cozinheiro (fig). Sufixo que designa estado.
10 Favoritas.
11 Caio à cama. Apre!

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17209

HORIZONTAIS:

1 QUEM. TEM. Sá.
2 Uri. Ne. Ecos.
3 Estranha. PS.
4 Ião. Orar. Ra.
5 Amarar.
6 Og. Am.
7 Rena. Dar.
8 Balançarias.
9 Olinda. Cas.
10 Saamona.
11 Aras. Acasos.

VERTICAIS:

1 Queiro. BOCA.
2 Ursa. Gral.
3 Eito. Elisa.
4 Bananas.
5 NÃO. MANDA.
6 Tenra. Cama.
7 Hamadã. OC.
8 Meara. Ar. Na.
9 Ricas.
10 SOPRAR. Aa.
11 Assar. Assis.

PROVÉRBIO: Quem tem boca não manda soprar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 034

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Acaba. Catar.	1 Alagar. Quem.
2 Lave. Mago.	2 Cai. Curro.
3 Aiara. Porás.	3 Aval. Traíra.
4 Lãs. Ela.	4 Beras. Al. Ad.
5 Au. Sarna. Vi.	5 Asais. Asi.
6 Ida.	6 Rd. IV.
7 Crás. Riem.	7 Penar. Era.
8 Qual. Ocos.	8 Amola. Io. Ar.
9 Uri. Ave. Oso.	9 Tara. Recose.
10 Erras. Rasca.	10 Agá. Mosca.
11 Moadi. Arear.	11 Rossio. Soar.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Mial; **20.30**: A viver também se aprende;22100: Diálogo; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.45: Duas sonatas, para violino e piano, de Mozart e Grieg; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Correspondências; **17.40**: Trechos de ópera; **18.40**: «Coroa da Índia», suite, de Elgar; **19.00**: Integrais; **19.34**: Música, de Chopin; **20.40**: Música, para harpa, de Eichner; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: Trio, em sol menor, op. 17, de Clara Schumann; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Conjuntos instrumntais; **01.50**: Último andamento; **02.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**:ock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal-Rede Nacional de OM e FM

13.00: Todos à uma; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim de tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Nove e tal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00:Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Minho

15.00: Boas tardes; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação religiosa.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Voz de Viseu

15.00: Tardes da Beira; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Viseu magazine.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

TELEVISÃO

RTP 1

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«Vem Lá Filme», «As Aventuras de Punqui» e «Teddy»

18.35 -Gira Mundo
5ª Programa

19.00 - O Império de Carson
48º Episódio: Quando a campanha para a eleição de Tommy entra em fase final, Jay Donnegan tenta extorquir-lhe dinheiro, prometendo-lhe uma futura ajuda em negócios ilegais.

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.08 - Direito de Antena
«Confederação da Indústria Portuguesa»

20.20 - Roque Santeiro
48º Episódio: Marilda ameaça Tania dizendo-lhe que se vai arrepender de continuar o namoro com Roberto. Flô pede à filha que dactilografe o alvará que vai permitir a reabertura da boite. Mocinha recusa, tem um ataque de histerismo e demite-se do seu cargo na Perfeitura. Lulu descobre Roque em casa de Porcina e começa a ficar desconfiada. Lulu decide consultar o Beato Salu e pergunta-lhe quem é o homem que veio a Asa Branca para a ajudar. Salu responde-lhe que é o demónio que tomou o aspecto de Roque Santeiro o que confunde Lulu ainda mais.

Malta manda Terencio ocupar-se de Beatu Salu... Marilda ameaça Roberto com uma arma.

21.15 - Uma Canção Para Si
21.20 - Primeiro Andamento
«Mozart por Maria João Pires

21.50 - Telemundo
22.20 - Se o Amanhã Chegar
5º Episódio

23.15 - 24 Horas
23.50 - Remate

Maria João Pires em «Primeiro Andamento», no 1º canal às 21.20

«Já Está!» com Ana Bela Chaves, às 21.35 no 2º canal

RTP 2

15.45 -Horizontes de Glória
2º Episódio

16.35 - Trinta Minutos Com...
José Augusto Seabra

17.10 - Os Imigrantes
149º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula Um
19.55 - Hitchcock Apresenta...
141º Episódio: Uma mulher decide pôr-se a caminho de Paris, apesar dos conselhos das suas amigas.

Na sua primeira noite em Bordéus, Millicent fica num pequeno hotel e, no meio da sua confusão, vai ter ao quarto de um francês com quem tem de passar a noite — uma noite cheia de suspense, terror e até alguns sorrisos.

Realização de Robert Stevens

20.20 - O Sol aos Quadradinhos
10º Episódio: Durante o fim de semana os prisioneiros são autorizados a dedicarem-se aos seus hobbies ou passatempos preferidos. Alguns, como o mais antigo ocupante da cela 24, apenas querem ficar sossegados e tranquilamente a ler, aproveitando um pouco de solidão. O pior é que não falta quem o queira distrair.

21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
Francisco Avelar Soeiro, Vera Nobre da Costa, Manuela Serrão e Américo Ramalho serão os intervenientes no debate sobre relações públicas e publicidade. Na parte musical participam «Da Fonseca», Julio Pereira. Entrevista com Ana Bela Chaves. Auto-retrato (computador) — António Vitorino de Almeida.

23.35 - As Teias da Lei
9ª Episódio: Grace Van Owen é confrontada com perguntas embaraçosas de jornalistas sobre o rompimento do seu noivado com Kevin, ao passo que Sifuentes é acusado de ter feito desaparecer a cocaína apreendida ao seu cliente Sullivan, conseguindo desse modo a absolvição por falta de corpo do delito. Para se defender da ofensa apresenta queixa por difamação contra o procurador da República que o acusara. Entretanto, Kelsey discute com os testamenteiros da Meriwell Trust. O legado fora deixado aos pobres de Beverley Hills, mas o problema é que em Berverley parece não haver pobres... mas Kelsey consegue um sucesso tão grande que acaba por ser convidada a defender o Trust nos futuros processos e ganha direito a ser sócia da firma.

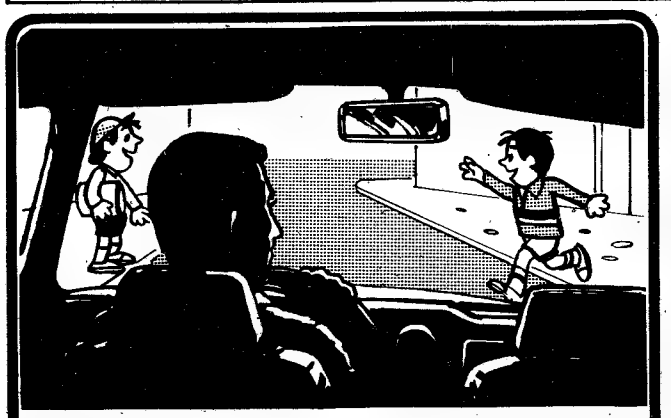
Produtor Executivo: Steven Bochco

AMANHÃ

RTP-1

10.00 - Às Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - O Comboio da Arvore de Natal
14.00 - Não Basta Chorar
15.30 - Odisseia
17.05 - Max, o Computador
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - Os Anos Não Contam
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Uma Canção Para Si
21.15 - De Um Natal ao Outro
22.25 - O Programa das Festas
23.00 - 24 Horas
23.35 - Remate
23.45 - Pela Noite Dentro

RTP-2
13.16 - Totally Live
14.10 - Agora, Escolha!
15.40 - O Mundo é Um Palco
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
19.55 - Hitchcock Apresenta...
20.20 - O Sol aos Quadradinhos
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Mancha na Paisagem
23.00 - Troféu



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Se o Amanhã Chegar

RTP 2 — As Teias da Lei

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

«Roque Santeiro»

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira: 55$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O Estado deve 16 milhões de contos aos agricultores em subsídios concedidos pela CEE este ano e cujo pagamento já deveria ter sido efectuado. A acusação foi feita pela CAP que sublinha que este valor deveria ter sido integralmente pago, mas que os agricultores continuam à espera devido a atrasos constantes. Dificuldades junto do Instituto Nacional de Garantia Agrícola e do Instituto Regulador e Orientador dos Mercados Agrícolas, bem como do IFADAP, estariam na origem desta situação, segundo a CAP.

CAVACO SILVA ENCERROU DEBATE SOBRE ORÇAMENTO

A única excepção à moderação do discurso visou a proposta do PS para diminuição das taxas dos impostos directos e aumento das dotações para o Poder Local e, como modo de financiamento destas dotacões, o ajustamento para cima das previsões das receitas dos impostos e para baixo das taxas de juro. «A vida política não pode esquecer elementaridades técnicas e um Orçamento na base de raciocínios deste tipo serio, no mínimo, desastroso», comentou o Primeiro Ministro que concluiu esta excepção ao seu tom moderado com a afirmação: «o PS o propôs, o PS que fique com ele: não o compramos nem a preço zero».

O Primeiro Ministro repisou a tecla da confiança e do optimismo, dizendo dispôr,Portugal, neste momento, de um conjunto de condições de que há muito não disfrutava e que permitem dar o grande salto em frente, convidando, por isso, todos os portugueses a empenharem–se com patriotismo e «em liberdade», nas tarefas instantes do desenvolvimento, da justiça e da solidariedade.

A Assembleia da República entrou na recta final prévia à votação perto das 10h30, após despachar dois diplomas menores já aprovados na generalidade em sessões anteriores.

Raul de Casrtro pela ID, Maria Santos dos Verdes, Nogueira de Brito do CDS e Hermínio Martinho pelo PRD gastaram os dez minutos de que dispunha cada um destes partidos para confirmar o que já se sabia: o voto contra o OE e as GOPs para 1988. Carlos Carvalhas e João Cravinho, como porta–vozes da declaração final dos partidos comunista e socialista, reafirmaram também, em dez minutos cada, as razões do seu conhecido voto contra. Logo, concluiu–se o debate na generalidade do Orçamento de Estado para 1988, com a oposição em bloco a rejeitar o diploma, que só passou porque os votos do PSD constituiem maioria mais que suficiente.

A conclusão do debate na especialidade e as respectivas votações estão agendadas para quarta–feira, dia 30 de Dezembro.

Espanha não protestou contra acordo Portugal/NATO

Espanha não protestou contra acordo de Portugal com a Nato, antes se limitou a apresentar a sua proposta de integração no sistema da aliança de defesa e controlo aéreo, apurou o «DL» junto de fonte do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Segundo um matutino lisboeta, o Executivo de Madrid teria apresentado um protesto ao secretário–geral cessante da NATO, Lord Carrington, pelo acordo recentemente estabelecido pelo Governo português para integração do nosso país no sistema europeu de alerta, controlo e defesa aérea, acordo esse que poderia afectar as propostas apresentadas por Madrid de integração no mesmo sistema.

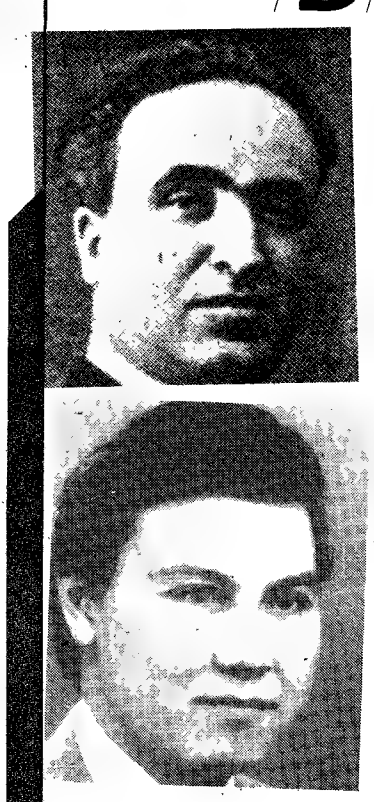
A mesma fonte consultada pelo «DL» indicou ainda que o referido acordo feito por Lisboa visou apenas a actualização do sistema com que Portugal há muito participa no âmbito da aliança atlântica.

Extinção dos Amigos da Terra proposta por Joffre Justino

O presidente da Mesa da Assembleia Geral da associação ecologista Amigos da Terra, Joffre Justino, vai propôr a extinção da organização na próxima assembleia, marcada para meados de Janeiro.

A proposta vem no seguimento de vários meses de debates internos que versaram sobre a situação interna, a relação com o exterior e o poder e, também, de um «relativo cansaço das pessoas», segundo disse ao «DL» Joffre Justino.

DECARAS

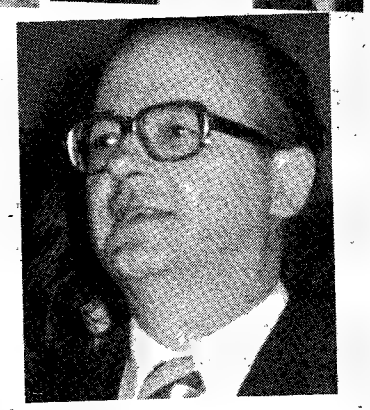


EDUARDO COELHO, um dos pioneiros da Cardiologia moderna, foi evocado pela Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, em simultâneo com o assinalar do quadragésimo aniversário da introdução do cateterismo cardíaco (técnica de diagnóstico) em Portugal. Eduardo Coelho, cientista que determinou o progresso da cardiologia, introduziu Portugal, em 1925, na era da electrocardiografia. Regressado um ano antes de berlim, trouxe consigo o primeiro electrocardiógrafo e pô–lo a funcionar no Hospital Escolar. Em 1952 Eduardo Coelho demonstrou, pela primeira vez, que as artérias coronárias podiam ser visualizadas no homem.

MÁRIO SOARES e a Raínha Margarida III da Dinamarca foram eleitos as «Personalidades do Ano» em França, no sector dos «Chefes e Homens de Estado». Esta distinção internacional é independente de qualquer grupo de interesse ou de pressão, privado ou oficial, e não comporta qualquer contrapartida financeira.

SALVADOR DALI viu um quadro seu, datado de 1936 e avaliado em mais de seis milhões de francos (cerca de 150 mil contos) ficar sem comprador num leilão realizado ontem, em Paris. A obra, «Composição surrealista com personagens invisíveis», pintada sobre cartão e assinada por Dali, voltou para as mãos do seu proprietário.

ROBERTO CARNEIRO, ministro da Educação, enviou uma mensagem de felicitações ao Futebol Clube do Porto pela conquista da Taça Intercontinental, que o ministro considera representar «organização, luta, empenhamento para a conquista de objectivos precisos e concretos». Na mesma mensagem Roberto Carneiro salienta a vitória como «a união entre direcção, associados, jogadores e corpo técnico, a trabalhar no mesmo sentido».



ANTÓNIO CAMPOS, figura de destaque da organização do PS ao longo de nove anos, vai abandonar os orgãos nacionais do partido no próximo Congresso, afirmou o próprio a um semanário. Convidado tanto por Vítor Constâncio como por Maldonado Gonelha para integrar as respectivas listas, recusou, porque «este Congresso não é a favor do PS: é contra a 'Carta Aberta' do mesmo modo que o anterior foi contra a direcção de Mário Soares», justificou. Na mesma entrevista, António Campos afirma que, depois do resultado de Cavaco Silva nas últimas eleições, «seria hoje importante para o PS negociar com toda a esquerda democrática, desde os movimentos ecologistas à esquerda liberal, um compromisso de unidade na acção política. Em vez de tentar penalizar os movimentos dissidentes, a direcção do PS devia acarinhá–los e pulverizá–los».

COIMBRA MARTINS, antigo embaixador de Portugal em França, foi condecorado pelo Presidente francês, François Mitterrand, que lhe impôs as insignías de Grande Oficial da Legião de Honra, a mais antiga e prestigiosa condecoração francesa. «Lutou durante muito tempo em condições difíceis a favor dos direitos da democracia. A França deve–lhe muito», disse Mitterrand ao entregar a condecoração a Coimbra Martins, actualmente deputado ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, onde integra as listas do PS.

Freitas anuncia candidatura via Lusa

Através de uma declaração política de cerca de 50 linhas, a ser distribuída pela agência Lusa, Freitas do Amaral anunciará publicamente, ainda hoje, a sua decisão de se candidatar à liderença do CDS no Congresso que este partido realizará em fins de Janeiro.

Assim, não acontecerá a propalada conferência de imprensa, e Freitas do Amaral não terá necessidade de responder a perguntas dos jornalistas. Isso acontecerá somente — a acreditar em fontes próximas do professor — quando, daqui a uns dias, anunciar a sua moção de estratégia que apresentará no referido Congresso.

De acordo com o Diário Noticias, que cita «fonte segura», a moção de estratégia de Freitas do Amaral propõe uma política de «oposição ao Governo, mas sem o hostilizar». Tal documento define as grandes linhas de orientação, que pressupõem a «unidade e a renovação» do partido, e é claro quanto à necessidade de se acabar com as facções dentro do partido — deixará de haver freitistas, adrianistas e piristas...

A mesma «fonte segura» citada pelo DN garante ainda que Freitas do Amaral vai propôr a abolição do cargo de vice–presidente (neste momento há três), passando a existir apenas o Presidente e vogais na direcção centrista.

Dois funcionários alfandegários acusados de tráfico de cocaína

Jerónimo Silva, funcionário alfandegário, e Carlos Lobão Peixoto, administrador-adjunto da Direcção-Geral dos Assuntos Alfandegários da Comissão da CEE, em Bruxelas, foram detidos em Lisboa sob a acusação de estarem implicados numa rede de tráfico de droga.

Jerónimo da Silva terá sido surpreendido no aeroporto da Portela com 30 quilos de cocaína, no valor de 700 mil contos, e Carlos Lobão Peixoto foi chamado a Lisboa, onde acabou por ser também preso. Jerónimo da Silva já teria funcionado como «correio» de droga pelo menos sete vezes.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 333

Trabalhos e dias de Baltazar Lopes

Baltazar Lopes, figura maior da literatura de Cabo Verde, acaba de lançar, aos 80 anos, o seu primeiro livro de contos com o título «Os Trabalhos e os Dias». A edição é do Instituto Cabo-Verdiano do Livro e foi produzida em Lisboa pela ALAC — África, Literatura, Arte e Cultura, uma editora que pertence ao director da revista *África*, Manuel Ferreira.

Com «O Trabalho e os Dias» é finalmente possível aos leitores cabo-verdianos e a todos os de língua portuguesa conhecer, em obra de conjunto, os contos de Baltazar Lopes que, ao longo dos anos, foram aparecendo, desgarrados, em jornais e revistas como *Vértice, Claridade, Cabo Verde* e *Raízes*.

Trata-se, pois, da possibilidade de apreciar uma faceta menos conhecida da personalidade literária de Baltazar Lopes que, no domínio da ficção, apenas tinha publicado o romance *Chiquinho*, obra-prima da literatura do arquipélago que, surgido em 1947, conheceu já cinco edições em português e várias noutras línguas.

Neste *«Os Trabalhos e os Dias«* a prosa de Baltazar Lopes aparece em todo o seu esplendor — literário e social. É Cabo Verde inteiro que se encontra ao longo das quase noventa páginas, com contos vários, dos quais destacamos *«Caderneta«*, esse pungente monólogo posto na boca de uma mulher de meia-idade que se vê obrigada a recorrer por vezes à prostituição, dando-nos público e comovido testemunho da vida de Cabo Verde colonial, com a fome, a diáspora, a prostituição «legalizada», a estratificação social...

Baltazar Lopes, homem de 80 anos de vida muito vivida, continua a escrever, como disse na sua recente passagem por Lisboa. Tem na gaveta uma mão-cheia de trabalhos não publicados, e na cabeça muitos projectos de edição. Resta esperar para ver aquilo de que é capaz este «velho» professor, advogado, poeta, ensaísta, romancista, contista, filólogo e etnólogo para nos continuar a surpreender. **RC**

A Caderneta

Ó senhor doutor, foi Deus que me trouxe para esta rua! Já o procurei hoje por toda a parte, senhor doutor! Fui à sua casa, disseram-me que o senhor estava no Liceu, fui ao Liceu, disseram-me que o senhor tinha ido para o Tribunal. No Tribunal disseram-me que o senhor tinha acabado de sair.

Vim aflita, à sua procura, por estas ruas. É que o caso é urgente, senhor doutor...

Eu lhe conto. Deus, felizmente, estava de meu lado. O senhor doutor foi um Deus que encontrei. Espero em si, espero em si, senhor doutor! Estava sentindo a sua falta, como a maior necessidade que uma criatura pode sentir na vida.

O senhor doutor vai com pressa? Mas o senhor doutor vai atender à minha razão: Não é verdade? Senhor doutor, o senhor não me deixe desamparada! Eu lhe conto. Aquela gente aí no portão da Companhia? Não faz diferença. Sabe, senhor doutor, eu já não tenho idade para comprometer ninguém. Palavra! Por esta luz divina! Nem idade, nem força, nem gagê...

Vamos parar um bocadinho nesta sombra. Eu preciso explicar o meu caso com sossego.

O senhor conhece aquela família na Rua Suburbana que mora duas portas abaixo da casa de nhâ Concha de José Português? Ah, sim senhor, agora me estou a recordar que foi o senhor que conseguiu que a Bia Viana desse assinatura no divórcio. Pois, senhor doutor, aquela casa é uma casa de xungaria. O senhor não calcula, senhor doutor, as cenas que lá fazem com os estrangeiros. Moro num quarto pegado e de lá dou fé de tudo o que se passa na casa de nhâ Vina. Foi aquela gente que me intrigou com o Sr. Administrador. Vou-lhe contar tudo, senhor doutor, que a minha boca fique entortada se a verdade não é do tamanho do que lhe vou dizer.

Não nego, senhor doutor, não posso negar. Naquele dia recebi um homem. Era um estrangeiro, creio que era sueco, ou noruega, dum vapor que tinha chegado ao porto.

O senhor doutor, que vergonha, que vergonha que eu sinto ao dizer-lhe isto! O senhor doutor já não está a lembrar-se do Lela de Tita! O senhor deve recordar-se... Lembra-se, pois não se lembra? Bem me queria parecer, porque, era ele ainda muito tamanhinho, falava sempre no senhor. O senhor morava então no Alto da Companhia, e mesmo em frente tinha aquele largo onde a Câmara fez a avenida que dá para a Esplanada da Doutora. Lela contava-me que o senhor doutor se entretinha horas e horas a vê-los jogar futebol e «cricket». O senhor não deve estar esquecido (Lela falava sempre dos seus companheiros), era Lela, Ciríaco, Marcelo, sobrinho do Chuche, que está hoje na Argentina, Venâncio de nhâ Inácia do Madeiralzinho — aquele que esteve prisioneiro na Alemanha —, Mané Pretinho e tantos outros... Ah! Tinha também outrum, manquinho, mas quíper lá-fora. O senhor doutor vê bem que conheço o seu interesse pelo meu filho.

Foi isto que me deu coração de o procurar, para me socorrer nesta necessidade.

Como? Não sabe que foi feito do Lela?

Poi é como lhe digo, senhor doutor, aquele rapaz é amigo da sua mãe a valer. O senhor não calcula como passei amargurada quando correu aquele boato de que Lela tinha morrido no torpedeamento do vapor em que ele fugiu. O que eu chorei, sozinha, sem ninguém que me corresse a sua mão, só eu e Deus! Fui ao cônsul grego, mas o cônsul disse-me que não tinha nenhuma notícia. Até que um dia recebi uma carta de Lela, da Inglaterra, dizendo que tinha escapado da guerra, e ia fazer todo o possível para me mandar sempre algum dinheiro, porque ele sabia bem como eu devia estar passando, com a pobreza desta terra.

Senhor doutor, a gente quer a vida, mas a vida não quer a gente. O senhor não leva a mal eu falar-lhe como estou falando, mas a minha aflição pôs a minha cabeça fora do seu lugar.

Eu já nem sei o que lhe estava contando, mas tenho confiança em si, tenho a certeza de que o senhor doutor tratará deste assunto. Ah! Eu estava falando do meu filho embarcado. Lela, bom Lela, bom filho! Não tenho outro, mas não imagina, senhor doutor, a grandeza que tenho com aquele menino. Mandou-me dinheiro a princípio, depois disse-me numa carta que o seu vapor ia sair em viagem para lugares muito longe. Ele só chegaria a Cardiff quase seis meses depois. Desde então, até agora, nunca mais. O meu coração dá-se sentido duma desgraça, e não sei o que será feito do meu filho.

Não posso negar, senhor doutor, fui o que o senhor deve saber. Não tive juízo. Encontrei um homem que me dava tudo. Mas eu não podia matar a minha sede no senhor Silva, aquele português que foi empregado da casa Ferreira. Ah! O senhor doutor conheceu? Mas depois que Lela se fez rapaz entendido, nunca mais eu quis envergonhar a sua cara. Ó senhor doutor, pelo fim da minha alma!

Eu estava tratando de compor qualquer coisa para jantar, nisto bateu à porta o Joza Cicerone. Não lhe disse ainda que Joza foi amigo de Lela, andaram na escola juntos. Até, lembro-me bem, no dia do exame do primeiro grau, foram companheiros na festa de bolo-e-vinho, com os outros meninos.

Joza chegou, bateu à porta, e veio com um grande rodeio. Falou-me de um estrangeiro chegado num vapor, que o estrangeiro tinha desembarcado, que o vapor só sairia no dia seguinte, e ele queria passar parte da noite em terra, em casa de mulher limpa. Eu compreendi logo. Isto parece esquisito, mas não fiquei zangada com Joza.

Fiquei com um nó na garganta, uma tristeza cá dentro, que só Deus sabe, uma vontade maluca de fazer mal ao Joza e de lhe deitar a minha bênção, fui lá dentro e dei-lhe uma batanca que eu tinha para completar a minha comida daquele dia. Ainda poucos dias antes, Joza me tinha falado de uma cartá que em tempos recebera de Lela, até me mostrou um retratito, desses de bilhete de identidade.

Garanto-lhe, senhor doutor, que só Deus sabe a necessidade que eu tinha então. O senhor sabe, o meu trabalho é lavar e engomar, mas quando a tropa estava cá em S. Vicente eu tinha sempre que fazer. Não me faltava trabalho de roupa. Agora nem dinheiro para a cachupa se aparece direitamente. Há dias a fio que passo a perentém. Mesmo quando pego dinheiro para comprar um litro de milho, dondê recurso para a lenha, o carvão e a gordura? É só que torrar o milho crã, sem mais nada. Tem que ser. Sem remédio, senhor doutor...

O senhor doutor vê-me limpa? Pois, olhe aqui: é só esta combinação que tenho. Veja, veja, senhor doutor... O senhor vê este remendo? Olhe: deste lado outra chapa, outra mais. Não mostro mais acima porque estamos na rua. Ando limpa porque me fecho em casa, lavo a minha roupa e seco-a logo a ferro de vapor.

Bom, é hora de nós irmos andando, porque o Sr. Administrador não deve tardar de chegar ao Comissariado. Mas não acabei de lhe explicar o que me aconteceu no dia em que Joza Cicerone me levou o estrangeiro. Aquela gente de xungaria ficou-me com raiva. Com certeza pensaram que eu lhes ia fazer concorrência.

Que gente amiga de dizer banalidades, senhor doutor! Onde posso eu fazer concorrência às raparigas novas que elas dão aos estrangeiros dos vapores? Onde, onde, senhor doutor? Aquela gente não via que foi a minha necessidade que me fez receber o noruega naquele dia? Não viram, senhor doutor, não podiam ver. Aquela gente anda avassalada. Lá tem coisa no meio deles...

O senhor doutor conhece o Mário de nhâ Pimpa? Aquele é que é um cagoete, homem como aquele, soberba de fora, não serve nem para soprar o lume do meu fogareiro. O que ele quer é viver à custa da Bia Vina. Por isso, zela os interesses da casa. Ele mesmo vai a bordo, serve de cicerone aos estrangeiros, e leva-os à casa de nhã Vina. Quando viram que havia um estrangeiro em minha casa, pensaram logo que lhes ia tirar fregueses. Coitada de mim! Se eu fosse ainda o que fui nos outros tempos, então sim, eles tinham razão de ter medo! Mas, agora, agora, senhor doutor...

E depois, você sabe, eu tenho aquele filho a respeitar.

Quantas horas tem no seu relógio? Jesus! Um quarto para as onze! Vamos depressa, para o senhor doutor poder encontrar o Sr. Administrador na Estação. Mas espere, ainda não acabei de lhe contar a minha razão.

O Mano de nhã Pimpa e aquela gente de xungaria intrigaram-me no Comissariado. Foram dizer ao Sr. Administrador que eu era mulher de pouca vergonha, e o resultado é que me puseram caderneta na mão. E agora tenho de ir todos os sábados ao Hospital, para ser inspeccionada. Que vergonha, senhor doutor! Que vergonha! Só quero que o senhor doutor me livre de ir ao Hospital. O senhor doutor diga por favor ao Sr. Administrador que eu sou mulher da minha casa. Faça-me este favor. Só Deus lhe poderá pagar. Confio em si, como num bom de Deus.

O senhor doutor recorda-se de um dia à noite, aí há anos, em que o senhor estava passeando na Salina e me cheguei ao pé de si? Naquele dia eu tinha andado o mundo todo à procura de um tostão. Creia, senhor doutor, eu estava bem precisada de dinheiro. Ninguém diria, porque naquela altura eu ainda vivia com o Sr. Silva, e ele me dava tudo o que ganhava. A família dele, em Lisboa, passava necessidades. O Sr. Silva não lhes mandava nada, tudo vinha para mim. Mas eu ainda tinha força no corpo, e não calcula o desperdício que o velho fazia por minha causa.

Pois, o senhor doutor passeava no esteirado de «cricket» (lembra-se do sítio: antes de a Câmara fazer a Praça da Estrela), o senhor doutor passeava de cá para lá no esteirado, com um ar maluco... O senhor desculpa, não é? Maluco — foi o que me veio à cabeça naquela ocasião. Também, não era maluqueira aquilo de um rapaz novo e de tanta prenda estar sozinho naquele lugar deserto e sem luz, em vez de ir conquistar raparigas no Grémio ou no Rádio Clube? Eu disse-lhe que precisava expressar consigo uma razão. O senhor parou, olhou, olhou para mim, olhou, olhou... Disse-lhe uma palavra. O senhor doutor pensou um bocado, meteu as mãos na algibeira e deu-me uma nota de dez escudos. O senhor não quis ir comigo. O senhor não quis ir comigo... Não tenha dúvidas, senhor doutor, fiquei-lhe desde então muito agradecida.

Vamos mais depressa. Hoje é quinta e este assunto precisa ficar arrumado antes de sábado. Sabe, senhor doutor, o meu coração é que me deu para o procurar nesta conjuntura. Desculpe ir assim tão depressa. Não o tinha procurado antes porque sei que o senhor doutor anda muito ocupado. Se calhar, naquele dia em que o senhor me deu o dinheiro na Salina, estava a pensar numa sentença muito importante no dia seguinte, no Tribunal.

Agora eu fico ali naquela loja, para o Sr. Administrador não me ver. Bem, então entendido. Fico lá e reparo quando o senhor sair do Comissariado. Para não desconfiarem, se o senhor doutor estiver de acordo, o senhor vai pela Rua de Coco e eu vou pela Rua da Luz. A gente encontra-se no largo da Estação Rádio, e o senhor doutor dá-me ali a resposta. ■

Baltazar Lopes

As dedicatórias de "La Familia de Pascual Duarte"

1.

Da Dedicatória diz um *Dicionário de Narratologia* (1) que o seu «estatuto funcional não pode ser considerado à margem da sua condição de existência, em dois planos distintos: o plano *intradiegético* e semionarrativo (...) e o plano *extradiegético* ou sociocultural que, no entanto, se projecta no primeiro».

«No plano *extradiegético* — ainda o mesmo Dicionário — (a Dedicatória) constitui um componente por assim dizer facultativo e historicamente motivado pelas circunstâncias económico-sociais e ideológico-culturais em que se desenha a comunicação literária.»

Exemplos disto dir-se-ia que incontáveis, tanto no Classicismo (motivado quase sempre por dependências de mecenas ou outros) como no Romantismo e depois até hoje, e ainda e sempre, por razões diversas, particulares, avultando, por certo, as caracterizadamente sentimentais.

Dedicatória, num plano *extradiegético,* isto, fora da história, do espaço da história que na narrativa se conta, não fazendo parte dessa história, do seu espaço, do seu universo. Dedicatória como pequeno expediente social, estranho ao texto e à sua confecção, posteriormente inserida no aparato do livro sob a forma do qual se faz a sua apresentação. Tem a ver com a privacidade, não raro, quase sempre com particularismos destituídos de qualquer motivo de interesse fora dos bastidores da literatura.

E dedicatória agora noutro plano, o *intradiegético:* faz parte intrínseca, estrutural, da diegese, da sua elaboração, entra muito nos âmbitos da significação e do sentido. É «aquela que se encontra no corpo textual da narrativa, normalmente a anteceder o desenvolver da história», diz o referido Dicionário, a pensar na epopeia, *Os Lusíadas,* entre outros exemplos (como o *Camões* de Garrett).

É nos clássicos que há mais exemplos deste tipo de dedicatória. Mas não quer dizer que ela tenha entrado em desuso. E não pensamos apenas nos casos inúmeros de epigonismo ou imitação mais ou menos (ou absolutamente) destituídos de motivos de interesse, pelo menos poético, estético ou literário (e outro tanto não se diria atendendo à sociologia da literatura, da sua produção). O Dicionário cita um exemplo, duplo exemplo: *La Família de Pascual Duarte,* de Camilo José Cela. E cita-o para ilustrar os dois tipos de dedicatória. É que o livro de Cela tem duas dedicatórias, — no que, se não é caso único, é pelo menos caso raro. Vamos ver.

2.

Não cabe aqui falar de Cela. Supõe-se que é nome facilmente referenciável da novelística espanhola contemporânea. O romance (ou novela) *La Família de Pascual Duarte,* a primeira edição data de 1942. A que aqui consideramos é a 15.ª, datando de 1986 (2).

3.

Numa descrição necessariamente apressada — que se pode fazer através do índice — pode-se dizer que o romance (ou novela) se compõem de sete peças. São as seguintes, pela ordem por que a construção do livro no-las propõem:

1 — a dedicatória (do autor, dir-se-ia, ou do transcritor, se preferimos), de que falaremos;
2 — uma nota do Transcritor (ou do Autor, se preferimos, embora pareça mais apropriado outra denominação: a de editor, isto é, responsável pela edição — do original, dado como escrito por Pascual Duarte);
3 — uma carta anunciando o envio do original, assinada por Pascual Duarte, e endereçada ao Senhor Don Joaquin Barrera Lopez;
4 — uma cláusula do testamento outorgado por este e respeitante ao destino a dar ao manuscrito de P.D.
5 — a dedicatória de P.D., de que falaremos;
6 — a narrativa de *La Família* de Pascual Duarte, narrador (P.D.) da qual se assume o próprio P.D.;
7 — outra carta do transcritor (ou editor, novamente) incluindo dois testemunhos acerca dos últimos dias de P.D. e das condições e da forma como ele morreu.

4.

Interessam-nos aqui especialmente as dedicatórias.

Diz a primeira: «Dedico esta edição aos meus inimigos, que tanto me têm ajudado na minha carreira.»

Não está assinada, sequer por iniciais, mas parece que não se lhe pode fazer outra atribuição autoral além da de Camilo José Cela, autor, entidade aqui posicionada, e assumidamente, fora do universo diegético, por muito que se insinue uma mais do que íntima relação com o transcritor. E é o próprio autor que nos impede de estabelecermos (a não ser especulativamente) tal relação, ao propor a figura do transcritor por duas vezes em outras tantas notas, uma antes e outra depois da narrativa de que P.D. se assume como narrador.

A propósito desta dedicatória, o atrás citado Dicionário fala de *ironia.* Ela é evidente nos termos em que se propõe, e parece justificar-se no conteúdo e no teor da narrativa — memórias e confissões dum criminoso arrependido, condenado e em apertadas vésperas da execução. A narrativa tem um narratário, que ela própria institui. A carta do narrador P.D. «anunciando o envio do original» só confirma a existência deste narratário, ordenando, nada menos, que o manuscrito, um «maço de papéis» algures, «seja queimado sem ser lido e sem demora, por ser dissolvente e contrário aos bons costumes. Porém — acrescenta — se a Providência fizer com que, sem o intermédio de alguém, o referido maço se livre da pena que lhe dou, ordeno a quem o encontre que o salve da destruição, o tome como sua propriedade e disponha dele segundo a sua vontade, se acaso não estiver de acordo com a minha».

O manuscrito vem a ser encontrado por alguém — que decide publicá-lo depois daqueles preliminares próprios deste trabalho: traduzir, ordenar, corrigir (e suprimir, no caso de excessos ou «intimidades demasiado repugnantes»).

Como sabe quem conhece o livro de Cela, e facilmente se pode calcular a partir somente que seja da indicação de que se trata de memórias e confissões dum criminoso, um assassino, pode-se dizer: um marginal, a narrativa impressiona facilmente o bom senso, o moralismo, os valores mais enraizados na sociedade espanhola contemporânea.

Certo que o transcritor, na sua primeira nota, (se) prevenia em relação a isso.

Para além da supressão de passagens porventura de maior crueza, fica o relato de alguns (concretamente, dois) assassinatos e a autojustificação, por parte do narrador, em relação a eles, e não só: a justificação (ou explicação) extensiva a todo um comportamento caracterizado não muito (nada, radicalmente) por uma submissão à ordem social e às suas inerências.

Diz o transcritor: «A personagem, segundo o meu modo de ver as coisas, e talvez seja essa a única razão por que a trago à luz, é um modelo de comportamento: não um modelo para imitar, mas para evitar; um modelo perante o qual apenas se pode dizer: Vês o que fez? Pois fez o contrário do que devia.»

Apesar desta nota, Cela corria o risco de ver o seu livro mal interpretado. Não conhecemos a história da literatura espanhola recente o bastante que nos habilite a falar disto, — os efeitos, as reacções provocadas pelo livro de Cela, logo em 1942, ano da primeira edição. Já então, porém, ele era autor alguma coisa conhecido e parece que com dificuldades em fazer aceitar a sua literatura, pelo menos nos sectores mais conservadores da recepção. A este respeito é evidente que a dedicatória faz sentido.

5.

Vejamos agora a dedicatória de P.D. É assim: «À memória do insigne conterrâneo Don Jesus González de la Riva, Conde de Terremejía, que, no momento em que o autor desta narrativa o ia matar, lhe sorria e lhe chamava Pascoalzito.»

Da narrativa de P.D. não consta este assassinato. Num depoimento colhido pelo transcritor e divulgado no final, na segunda nota, diz-se (o depoimento diz) que P.D., «antes de confessar, tudo se passou bem. Mas, quando se decidiu a falar, vieram-lhe escrúpulos e remorsos e quis pagá-los com penitência; o caso é que, às segundas-feiras, dia em que tinha morto a mãe, e às terças, porque era o dia em que assassinara o senhor de Torremejía (...), o desgraçado passava metade da semana sem meter qualquer coisa na boca, e tão depressa lhe mirravam as carnes que me parece que não deve ter dado muito trabalho ao verdugo para lhe lançar a corda em volta do pescoço».

Ficamos, pois, a saber que P.D. matou o seu «insigne conterrâneo» numa terça-feira, pormenor sem algum motivo de interesse especial, certamente. O importante é a informação de que houve mais do que os dois assassínios que constam do relato do próprio P.D. Houve uma série de assassinatos na qual a do «insigne conterrâneo» se situa.

Os motivos (pessoais, particulares, especiais) da dedicatória parecem óbvios, aliás, explícitos. Só falta a P.D. dizer que o comportamento de Don Jesus González de la Riva se distinguiu (pelo sorriso, pelo paternalismo) do de todas as restantes vítimas. Nos domínios da especulação — razoavelmente fundada, como vimos — pode-se dizer que P.D. guarda desta vítima uma recordação particularmente grata, ou, pelo menos, não perturbada pelo ódio — sentimento mais comum em relação às demais vítimas.

Que o herói-narrador se assuma com, segundo ele próprio diz, o estatuto de autor, eis uma ousadia, ou, pelo menos, um procedimento muito pouco comum nos bastidores da literatura. Tem um valor simbólico de transgressão, se considerarmos de quem se trata o narrador-herói e os valores sociais e sobretudo morais que o enquadram (e com fundamento nos quais ele é condenado à morte).

6.

Veríamos porém, e entretanto, que ao narrador, como tal, assiste o direito de dedicar a sua narrativa. Assiste-lhe inquestionavelmente o direito de assumir-se como autor. E é ainda menos questionável o direito que lhe cabe de fazer a sua dedicatória, seja ela qual for.

O significado da dedicatória, aliás, não implica minimamente contra esse direito, pelo contrário, parece dar-lhe maior legitimidade do que ela teria se acaso o seu destinatário fosse outro, menos implicado na narrativa, e principalmente não pertencente ao universo da narrativa. (Na realidade, este destinatário não aparece, ou aparece uma só vez, mas apenas citado por uma testemunha, e já fora da narrativa de P.D. Todavia os termos da dedicatória são suficientemente significativos acerca da ligação que ele teve e ainda tem o herói e narrador.)

Que o narrador ouse dirigir-se à memória de alguém que, enquanto herói da sua narrativa, matou — eis uma ousadia maior ainda do que a auto-atribuição do estatuto de Autor.

Tem a ver com o arrependimento e a estratégia do arrependimento que advertida ou inadvertidamente o narrador aplica, vai aplicando, na sua narração. Veríamos que esta estratégia falha, por vezes, por contradições próprias dum espírito certamente pouco forte como é o do herói, e por ausência de valores e orientações superiores para a vida e a existência próprias. Das fraquezas (e das forças) do herói falam as testemunhas — a que o transcritor recorre para evitar, ele, por ele, juízos de valor ou apenas apreciativos.

A dedicatória atravessa de sentido a confissão de P.D. e compensa das suas falências parciais. E o sentido que ela propõe pode tornar-se extensivo à vida e à existência do herói, ou, pelo menos, à memória delas que neste legado perdura.

Luís de Miranda Rocha

Notas

1) *Dicionário de Narratologia,* de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, Almedina, Coimbra, 1987
2) Ediciones Destino, Barcelona

«ROMA», de Filippo Coarelli

«ROMA» é, pela pena de Filippo Coarelli, um dos estudos inclusos em «O Mediterrâneo — o Espaço e a História», obra publicada sob a direcção de Fernand Braudel. O seu objecto é, sobretudo, a origem, o como se terá processado a formação dessa cidade sobre todas famosa, centro nevrálgico de um Estado que passaria por profundas transformações económicas, sociais e políticas — Roma.

Um principal desiderato norteia Coarelli: o de supreender, no entretecer das malhas históricas, as grandes linhas de força que terão concorrido para o aparecimento da nova urbe.

À medida que o ensaio se vai desenvolvendo, dois aspectos há que se tornam progressivamente mais claros: o porquê da localização de Roma no ponto em que a lenda e a história têm visto nascer a pátria dos Césares, e o peso que no processo de formação de Roma terá exercido a legendária, e por excelência criativa, civilização helénica. De aldeias, de diversas aldeias, entre as quais se estendiam «espaços vazios» inspiradores de conflitos, se terá passado para o progressivo estabelecimento de uma estrutura urbana, isto é, de uma «polis», adentro da qual a «guerra de palavras», da essência da «política», substituirá, ou tenderá a substituir, a guerra das armas. Assim avultam, lógicos, o «forum» e o «comitium», depois de se fazer também luz sobre a fundação ritual da cidade, a um «pomerium» se sucedendo um «mundus»...

No desenvolvimento do seu estudo, e, muito especialmente, na pesquisa das motivações que terão conduzido à localização de Roma no sítio em que esta justamente se ergue, Coarelli faz apelo a pertinentes dados da arqueologia, nomeadamente os obtidos de necrópoles, dados esses que vêm, muitas vezes, corroborar os procedentes das fontes literárias.

Debruçando-se sobre o acervo de achados arqueológicos provenientes das necrópoles, o autor faz judiciosas considerações sobre a diferenciação de classes que foi operando em Roma, na sequência do desenvolvimento da produção e das técnicas agrícolas, e da constituição, daí decorrente, de novas relações de propriedade fundiária.

Abordados, em páginas densas de interesse, os primórdios históricos de Roma, o autor, depois de se referir ao salto cultural representado pela introdução da escrita, entra a analisar as fases posteriores da evolução da urbe, a propósito tecendo, aí também, juízos de extrema acuidade, como o de que o período de retrocesso que foi o século V a.C. não diz respeito unicamente a Roma, antes tendo caracterizado toda a Itália, da Etrúria à Magna Grécia; ou os que emite sobre a génese da grave crise que, pelo II a.C., se abate sobre o conjunto do Estado Romano, ou com relação ao facto de os tribunos revolucionários desse mesmo século pertencerem, como os Gracos, à classe dominante...

Manuel Alexandre Alvim

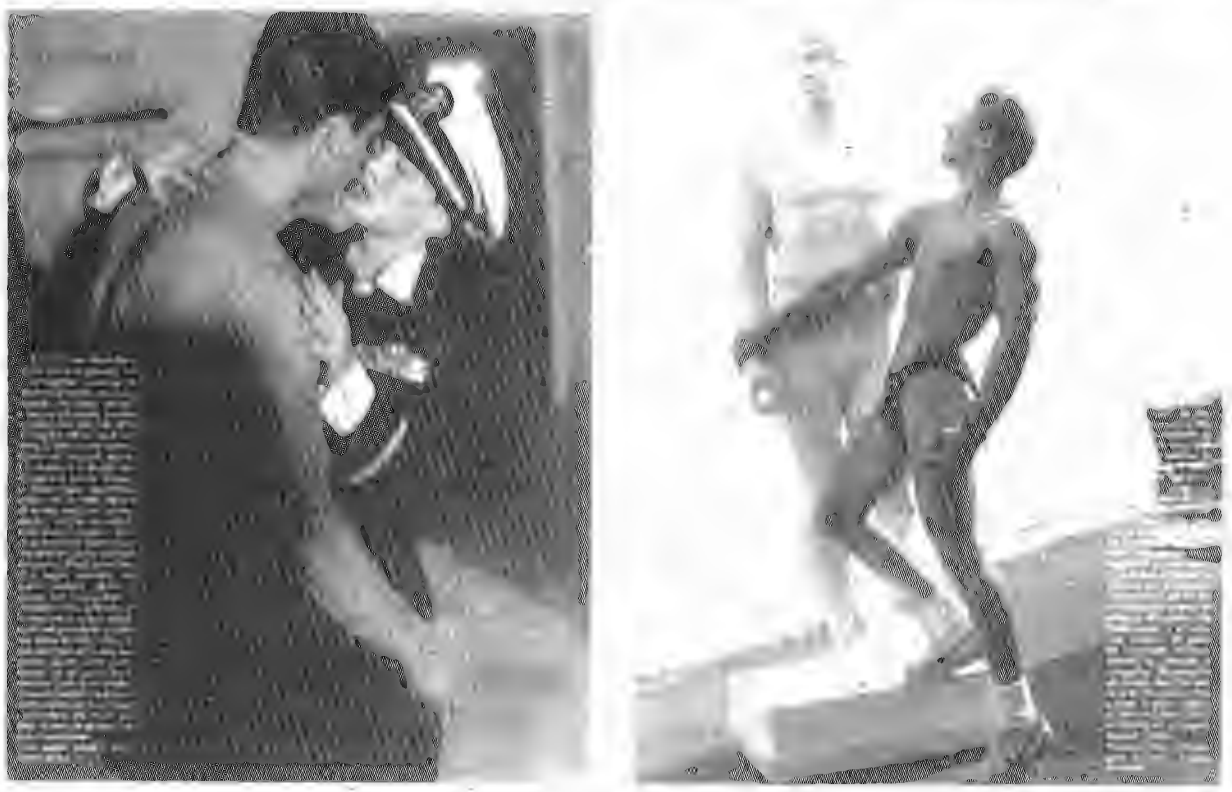
Notas

(1) Publicada, entre nós, pela Editorial Teorema, Lisboa, 1987.

O estilo como culto

2-Ralph Lauren por Bruce Weber

Publicidade, Ralph Laurenos



Série Hollywood, Per Lui

Na fotografia de Bruce Weber para Ralph Lauren trata-se, antes de mais, da construção (social) de uma imagem-i.e., de um *teatro* no qual as roupas como acessórios (sempre prontas a ser revestidas, disponíveis) (co-)existem. Daí o carácter *encenado* desta série de fotografias: o convite é para entrar nesse teatro, re(in)vestir os seus apetrechos, utensílios. Falamos em *teatro,* mas talvez fosse preferível referirmo-nos ao cunho *cinematográfico* desta fotografia. Referência ao cinema não em nada que tenha que ver com a introdução de um elemento de acção, de dinamismo (toda a acção é simultaneamente uma acção *parada* e *suspensa),* mas pelo tipo de *projecção* (a projecção como desencadeador de mecanismos ao mesmo tempo de apetência, adesão e *substitutivos)* que, por meio desta fotografia, se realiza. Os personagens são suportes que estão lá, como manequins, «simulacros» (actores: ou hologramas se cons.derarmos o efeito tridimensional hiper-realista deste puro ilusionismo), para que os seus *papéis* sejam re-investidos. Daí, note-se, o carácter relativamente *comum* destes actores: dos seus gestos, rostos. Eles estão lá para serem o mais possível *típicos* — e reconhecíveis. As próprias situações são des-privatizadas (é evidente o contraste, p. ex., com a fotografia de Wayne Maser para Giorgio Marciano, a que já nos referimos); elas próprias situam pequenas-encenações (ou narrativas), isto é, funcionam e significam como *(arque-)tipos*.

E contudo é o próprio lado funcional, (arque-)típico deste trabalho que acaba tal como sucede com o cinema americano de massas dos anos 30/40 — por socializar e naturalizar (ou seja, apagá-lo no que nele poderia haver de corte, de dissonância) aquilo que no «parti-pris» de encenação (teatralidade) desta fotografia poderia ser sentido como mais descontínuo. Quero eu dizer que no seu próprio mecanismo alusivo, projectivo, a foto enquanto *artificialidade* (descontinuidade) apaga-se, (ela dá-se — é esse mesmo o seu objectivo último — como «espontaneidade», com a dupla falsa inocência quer do *amadorismo* — instantâneos numa festa — ou do *documentarismo* — cenas típicas tomadas ao vivo).

É por este desvio (o carácter malicioso, perverso deste desvio) que reencontramos Bruce Weber e o seu outro mais reconhecido trabalho.

O apagamento da expressão, do rosto, de tudo o que singulariza (ou privatiza) a figura apenas acentua o valor do corpo (e menos o da roupa), também ele considerado como suporte (manequim), i.e., como *estrutura.* O corpo, podemos dizê-lo, é o suporte (o «conteúdo») anónimo do tipo. Ou seja, um excesso (um *mais)* de formalização (de homologia entre o corpo e a roupa) redunda num excesso (num *mais)* de evidenciação do corpo como *«échaffaudage»* (como *armadura,* suporte, alicerce, estrutura. Cf., deste ponto de vista, o nosso texto «O nu masculino em fotografia»).

Recordaremos outro exemplo deste trabalho que procura sistematicamente revelar o corpo como estrutura ou como o *lugar* da estrutura: o volume da revista *Por Lui* (n.º 29, Julho/Agosto de 1985), sobre a América, concebido e realizado por B. Weber.

Aí, por exemplo, na sequência *Cinema: Hollywood* toda a cena é a da des-estrutura. Ou seja, o cenário (o campo) da Representação nunca se coloca suficientemente como cena, nem adquire a homegeneidade que o constitua, e configure, como estrutura. Essa *des-estruturação* do campo de Representação (e do fundo da cena — ao contrário do que precisamente caracteriza a campanha para Ralph Lauren) é conseguida através do recurso a diversos processos/formas: efeitos conjugados de *amalgama* e de *anacronismo* (elementos que remetem para o quotidiano — a contemporaneidade — surgem no mesmo plano de outros que aludem a um pretenso historicismo), acentuação deliberada da *conflituosidade de registos* (o discurso/cenário histórico *vs* a trivialidade dos gestos comuns) — e tudo isto num fundo que é ele próprio menos a crítica do que a constatação do *cataclismo* do que o desestrutura (os bastidores das grandes superproduções históricas, indecisas entre Hollywood e a Cinecitta).... Ao fim e ao cabo, o que sobressai (resulta) deste processo de falência da Representação (dos cenários da representação) e da estrutura é o próprio corpo: o corpo, entendido como o último resistente, como aquele que, com a sua própria excelência (resistência) leva ao colapso da(s) estrutura(s).

De uma série de fotografias para a outra podemos detectar, contudo, um mesmo projecto de conjunto: se na sequência de Ralph Lauren o lugar do corpo é colocado como um *vazio* de estrutura (ou da tipicidade — índice do grau mais elevado de funcionalização da Representação — das figuras), na sequência americana de *Per Lui* (nomeadamente em «Hollywood») é o próprio corpo que, como materialidade/referancialidade, esse vazio *ocupa* (fazendo, nesse seu acto de possessão, *estalar* as próprias configurações acomodatícias, segundas, das estruturas).

Fernando Guerreiro

Asas no Poente
Teresa Bernardino

NUMA escrita clara aparece-nos este conjunto de poemas. Um livro que, em meu entender, tem o mérito da limpidez. Para já não falar da ousadia de alguns dos seus versos. Cito: «Aí estás Alma, irmã da minha, / Virgem Santa / forte, / mais resoluta que nunca. / Em vós espero o milagre / que só o Amor puro / dá consistência e forma. / A Vossos pés deponho a flor da espera, / sempre renovada e frágil, / A Vós dedico a vida atormentada / A Vós canto hinos de glória / A Vós louvo, sem que a voz / se perca ou adormeça.» De poemas como este está repleto «Asas no Poente». O que me agrada, embora reconheça o quanto se expõe quem assim escreve. É que tão cristalinamente cantar a fé cristã vem sendo invulgar no mundo poético. Por ideologia, modismo? Não sei!

Religião e ética parecem ser as preocupações existenciais desta poética onde o Eu, assumidamente cristão, se interroga, expandindo o seu pendor filosofante. Cito: «Na chama sôfrega do viver / não se vive senão uma parcela / da centelha do universo esfomeado. / Sem bem saber porquê improvisa-se / um viver de molécula estupefacta, / de estrela boquiaberta pelo medo, / de planeta abstracto sem rumo certo, / de homem parcamente consentido. / Onde procurar o homem sem o homem? / Onde lutar pelo homem sem a vida? / Onde...? / Encontrar a vida sem a vida?» Ou: «Naquela virgem floresta / ouvem-se as aves reais: / Que alegria transmitem! / Solitárias são alegres, porque os homens não conhecem.»

Lêem-se estas palavras e óbvia se torna a não concretização formal do seu conteúdo. Como se as ideias amadurecidas não se soubessem mover no corpo / poema. Contudo, algumas excepções há neste livro. Cito: «Neste horizonte fechado e sem vontade / constelações de espanto e de ternura / balançam nas arestas dos meus dedos / disformes / contorcidos, apagados. / Constelações feitas de brasas / queimam sem aquecer os corpos mudos / em espaços nebulosos, sem respostas, / sem verdade, bravura ou egoísmo.»

De «Asas no Poente» fica-nos a sensação de um projecto inacabado. De alma sedenta de corpo. De forma sedenta de matéria. Daí a não plena satisfação que se experimenta ao percorrê-lo...

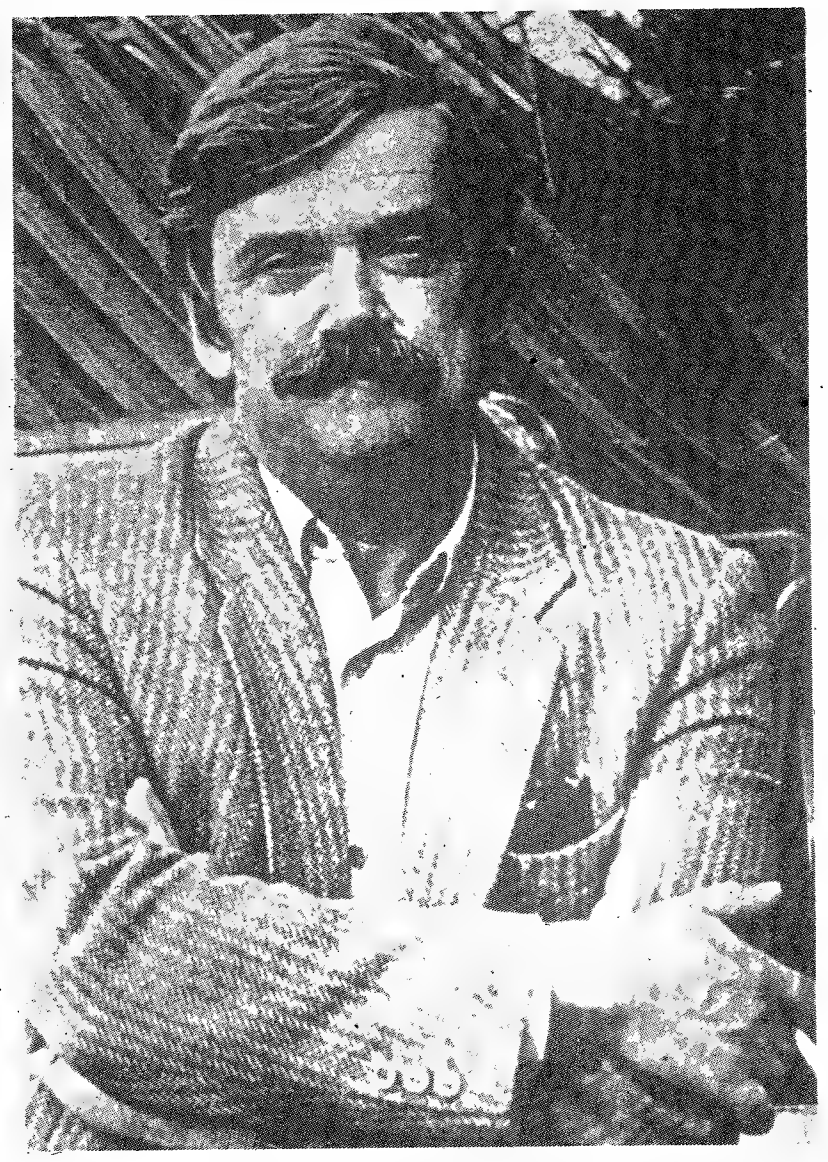
Ana Paula Portugal

Salazar e a Guerra Civil de Espanha

A Imprensa portuguesa ao serviço de Franco

Por César Oliveira

César Oliveira acaba de publicar, nas edições «O Jornal», *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, ensaio de historiografia contemporânea que estuda a evolução das relações entre o «Estado Novo» português e o franquismo emergente. Do texto, publicamos hoje o capítulo sobre o papel da Imprensa e da Rádio portuguesas na guerra espanhola.



AO inicar-se a Guerra Civil de Espanha a imprensa portuguesa estava submetida ao regime de censura prévia havia já dez anos. Com efeito, desde Junho de 1926 que a censura prévia fora imposta à imprensa e abrangia as publicaçõs periódicas, qualquer que fosse a sua natureza, os manifestos e folhas volantes, cartazes, boletins ou relatórios que tratassem matéria política, circulares e livros, neste último caso por indicação expressa do Governo. Definia-se a necessidade da censura porque ela seria «o meio indispensável a uma obra de reconstrução e saneamento moral...» E indicava-se aos responsáveis das publicações que não seriam permitidas referências a «assuntos que se liguem directamente à ordem pública, notícias de atentados de carácter político, notícias de julgamentos por carácter político, notícias que originem o alarme e a intranquilidade ou o entravar da marcha dos negócios públicos...» A interdição de matérias, enumeradas de um modo vago e ambíguo, permitia, de facto, aos censores dependentes da Direcção-Geral de Censura, que funcionava em conexão directa com a Presidência do Conselho dos serviços e em estreita colaboração com o Secretariado da Propaganda Nacional, SPN, dirigido por António Ferro, o uso discricionário das prerrogativas de que estavam investidos. Dificilmente um qualquer órgão de informação a publicar notícias, comentários ou reportagens que não fossem desejadas pelas autoridades. E utiliza-se aqui o termo *desejadas* porque muitas vezes foi autorizada a publicação de reportagens e entrevistas que, aparentemente contrárias à orientação do Estado Novo, acabavam por servi-lo na exacta medida em que forneciam a prova da necessidade de tomar esta ou aquela medida ou corroborar determinada orientação prosseguida pelo Governo, como aconteceu por diversas vezes durante a vida da II República de Espanha ou durante a Guerra Civil.

A imprensa portuguesa, em meados dos anos trinta, fosse qual fosse a sua origem, natureza e orientação político-ideológica ou reflectia, directa ou indirectamente, as posições das autoridades do Estado Novo, ou estava impedida de publicar matérias que de algum modo pudessem contraditar aquelas posições. Foi a imprensa política republicana que sofreu, mais directamente, as consequências não apenas da existência de um regime autoritário mas da prática dos serviços de censura prévia e, pouco a pouco, foram-se extinguindo órgãos de informação como *O Mundo, O Rebate, A Batalha,* para citar apenas alguns exemplos.

No que respeita a imprensa regional, fora das cidades de Lisboa e Porto, a conjugação de acção da censura prévia com medidas diversas de tipo administrativo levou a um rápido declínio dos órgãos de informação desafectos do Estado Novo. Assim, um relatório referente aos anos 1933 e 1934 mostrava que, em apenas um ano, a «imprensa de província» desafecta à situação política vigente passou de 81 órgãos de informação para 56. O controlo apertado da informação escrita ou oral através dos serviços de censura foi um dos instrumentos relevantes do autoritarismo do Estado Novo e funcionou num duplo sentido: impedia todo o tipo de crítica que pudesse abalar os princípios orientadores da acção do regime e servia para a manipulação da opinião pública fornecendo-lhe, apenas, a informação que as autoridades consideravam adequada aos seus próprios objectivos, fossem eles a curto ou médio prazo.

A imrensa portuguesa, ao eclodir a Guerra Civil em Espanha, era, de facto, dominada por três grandes matutinos — *Diário de Notícias, O Século* e *Primeiro de Janeiro* — que constituem a «espinha dorsal» da imprensa publicado em Portugal. Destes três grandes diários, que se definiam como independentes, *O Século* era, na verdade, aquele que menos se preocupava em tomar distâncias face aos acontecimentos que se vinham desenrolando em Espanha desde 1931. No Porto, publicavam-se ainda dois outros matutinos, que se situavam na zona da imprensa independente — *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias* — sendo o primeiro o de maior difusão e prestígio, devido a um rico historial assinalado pela acção desenvolvida por Bento Carqueja como seu director. A Igreja possuía oficialmente um matutino, o *Novidades,* e publicou, a partir de 1937, a revista *Lumen* definida como «revista de cultura para o clero», enquanto que *A Voz,* situando-se também na zona da imprensa católica, não representava, todavia, as posições oficiais ou oficiosas da Igreja; o conselheiro Fernando Sousa, director de *A Voz* (que usou também o pseudónimo de Nemo), afirmou-se católico e monárquico e o jornal foi sempre um dos esteios do apoio ao Estado Novo e a Salazar. Dos dois jornais, *A Voz* tinha um pendor mais popular e veiculava um discurso político menos elaborado do que o do *Novidades* que se dirigia mais ao clero e aos quadros da Igreja nos quais tinha, de resto, grande influência.

O *Diário da Manhã* era o mais oficial dos órgãos da imprensa portuguesa, vinculado a Salazar e à União Nacional e foi apoiado, económica e financeiramente, não apenas pelos dirigentes e apoiantes do Estado Novo, mas pelo próprio Ministério do Interior.

Os dois mais importantes vespertinos que se publicavam em Portugal eram, nos anos trinta, sem sombras para dúvidas, o *Diário de Lisboa* e o *República;* este último, único órgão da grande imprensa diária claramente desafecto ao Estado Novo e a Salazar e que, pelo seu posicionamento político, via incidir sobre o seu conteúdo a particular atenção dos serviços de censura prévia.

Havia pois dez grandes órgãos de imprensa em Portugal, ao iniciar-se a Guerra Civil de Espanha, com tiragens e difusão desiguais, dos quais apenas um, *República,* assumia, nas condições do regime de censura prévia, a defesa da II República de Espanha, muitas vezes de um modo ingénuo e superficial e sem poder contar com os meios de que dispunham os outros jornais para a cobertura da vida política espanhola e da Guerra Civil.

As emissões de rádio davam, nos anos trinta, os primeiros passos. A *Emissora Nacional* havia sido criada pouco tempo antes do início da Guerra Civil em Espanha. A EN e a estação privada *Rádio Clube Português (RCP) constituíam as duas mais importantes estações de rádio de Portugal e, particularmente o RCP com os seus emissores da Parede, foram, na medida do alcance das suas emissões em território espanhol, extremamente úteis às forças militares do Exército sublevadas contra a II República.*

O Rádio Clube Português teve, de facto, um papel importante no apoio à progressão das colunas militares nacionalistas do coração da Andaluzia para Madrid; foi graças às emissões do RCP que os sitiados no Alcazar de Toledo foram sendo regularmente informados da marcha dos acontecimentos e da aproximação das colunas militares que a partir de Talavera de la Reina partiram para os libertar. Um enviado especial do Diário da Manhã, descrevia, no início de Agosto, a acção do *RCP* como a de «uma emissora que trabalha dia e noite, noticiando com admirável precisão os acontecimentos de Espanha». E o mesmo enviado especial escrevia: «C.T.I.G.L. — Rádio Clube Português — Parede — Lisboa — Portugal. É este o indicativo da estação de rádio que o país inteiro (a Espanha) escuta quase ininterruptamente, há mais de quinze dias, e que se ouve em todos os postos receptores, em todas as ruas, em todas as casas, em todas as cidades, em todas as vilas, em todas as aldeias onde exista um rádio-ouvinte (...) C.T.I.G.L., das 14 horas de um dia às 4 horas do dia seguinte, emite música e dá notícias do movimento de Espanha; desmente, de quarto em quarto de hora, as notícias que se dão aos microfones de Rádio Madrid, de Rádio Barcelona e de Rádio Valência — isto, fazemos uma pequena ideia, com singular descontentamento, dos que armam marxistas e gritam vitória à Frente Popular». Com efeito, o RCP, onde dominavam os irmãos Botelho Moniz, havia-se colocado desde o início do *Alzamiento* inteiramente ao lado das forças lideradas pelo general Franco. Devido à situação dos seus postos emissores, o RCP podia, de facto, cobrir boa parte da Extremadura, o norte da Andaluzia e parte significativa das duas Catelas. Uma rede de recolha de informações extremamente simples e eficaz permitia que os noticiários do RCP comentassem, a par e passo, as operações militares que tinham acabado de ocorrer há poucas horas no teatro de operações em Espanha. Ligado aos emigrados políticos da direita espanhola e, depois, em estreita colaboração com a *Representação* da Junta em Lisboa, o RCP vai constituir uma das poucas fontes de informação para o território espanhol; transmitia, regularmente e com prontidão, notícias sobre os combates, procurando desmontar as informações das estações de rádio controladas pelos republicanos como noticiários para que foi organizado um serviço permanente de escuta. Gil Robles, Jorge Botelho Moniz e uma locutora espanhola militante da CEDA, e em breve popularizada na Espanha «nacional» como a «Berta» da Parede, destacaram-se aos microfones do RCP; foi também a estes microfones que o próprio Botelho Moniz dirigiu exortações sucessivas aos sitiados no Alcazar de Toledo, levando-lhes o moral entusiasmando-os na resistência porque «estavam a chegar» as tropas que poriam fim ao cerco que lhes faziam as forças e republicanas. Se o transporte das tropas do Marrocos espanhol para a península inaugurou a «primeira ponte aérea» da história da aviação, o RCP, na feliz expressão de um jornalista francês, conduziu «pela primeira vez na história, uma guerra pela TSF. Ele devia acalmar as impaciências, explicar logicamente as razões pelas quais Irun, S. Sebastion ou Málaga resistiam tanto tempo e fazer compreender que, por vezes, necessidades estratégicas impõem compassos de espera para permitir a junção ou o reagrupamento de certas colunas...»

Pelos microfones de Rádio Clube Português passaram, em entrevistas, comentários ou exortações às tropas nacionalistas, portugueses e espanhóis, como Pequito Rebelo, Gil Robles, Queipo de Lhano, sempre na óptica de utilização dos seus emissores como um ponto de apoio formativo capaz de, simultaneamente, contraditar as emissões das estações de rádio republicanas, informar as populações até ao limite permitido pelo seu alcance e fornecer uma informação baseada em critérios uniformes, de acordo com os interesses das tropas nacionalistas e da Representação da Junta de Burgos em Lisboa. A utilização intensiva, durante mais de 14 horas de emissão diária, dos emissores do *RCP* permitia, tmbém, que o governo português respondesse que não podia interferir no conteúdo das emissões de uma estação privada, como era o caso do *Rádio Clube*. Esta emissora organizou também, entre 1936 e 1939, várias «caravanas automóveis» para apoio à Espanha «nacional» e foi tão importante a sua acção que de Espanha, durante e depois da Guerra Civil, não cessaram de chegar provas diversas de gratidão pelos serviços que prestou.

Por sua vez, a *EN* a par dos noticiários referentes ao desenrolar da Guerra Civil, passou a incluir, diariamente e a partirde 3 de Setembro de 1936, uma crónica militar onde o capitão Alexandre de Morais procurava comentar os acontecimentos nas várias frentes de batalha em Espanha. Por outro lado, um telegrama da *United Press* informava, em meados de Agosto, da existência de «um acordo entre a 'Junta de Defesa de Burgos' e um emissor português do Porto para a retransmissão diária das notícias dos nacionalistas espanhóis». A Rádio Renascença organizou, em Novembro de 1938 e em colaboração com o RCP, um «comboio-automóvel» de auxílio aos feridos portugueses na Espanha «nacional» por intermédio de uma comissão de estudantes católicos.

As estações de rádio portuguesas, com especial destaque para o *Rádio Clube Português,* estiveram ao serviço da causa nacional seja no apoio directo às operações militares, como no caso do Alcazar de Toledo, seja nos noticiários e comentários político-militares, seja ainda da dinamização de diversas iniciativas de solidariedade material e moral para com os combatentes nacionalistas.

O papel da imprensa escrita portuguesa no decurso da Guerra Civil de Espanha mereceria, por si só, um estudo monográfico. O destaque das notícias, os matizes diversos dos comentários e as reportagens ao vivo justificam bem uma descrição e um estudo aprofundado não apenas do papel da imprensa portuguesa durante este período como tmbém do posicionamento diverso que os jornais portugueses acabaram por exprimir, no quadro do denominador comum definido pelo apoio quase unânime à causa protagonizada pelo general Franco.

A Guerra Civil de Espanha ocupou, entre Julho de 1936 e Abril de 1939, as primeiras páginas de toda a imprensa portuguesa, como de resto as ocorrências políticas e sociais vividas pela Espanha republicana haviam já merecido

grande destaque na imprensa portuguesa. Obviamente que o interesse pelos acontecimentos no país vizinho foi tanto maior quanto mais decisiva era a importância dos mesmos. Assim, o destaque dos primeiros meses da governação republicana deu lugar a um tratamento mais discreto dos temas espanhóis a partir do fim da discussão da constituição republicana para de novo se verificar um grande surto noticioso em toda a imprensa escrita, em Agosto e Setembro de 1932, quando da tentativa de golpe de Estado do general Sanjurjo; a crise que levou às eleições de Novembro de 1933, a revolta asturiana de Setembro e Outubro de 1934 e a «questão Manuel Azaña» em Março de 1935 foram os temas que mais ocuparam a imprensa portuguesa até ao processo eleitoral que deu a vitória à Frente Popular em Fevereiro de 1936. E só o jornal *República* assumiu, clara e deliberadamente, o apoio à II República nas páginas da imprensa escrita em Portugal.

A partir da vitória da Frente Popular nas eleições de Fevereiro de 1936, toda a imprensa portuguesa se «envolve» na marcha vertiginosa dos acontecimentos que vão conduzir a Espanha à Guerra Civil. *O Diário da Manhã, O Século* e *A Voz* são, entre os mais importantes órgãos da imprensa portuguesa, aqueles que mais nitidamente optam por uma posição de aberta hostilidade contra a Espanha frente-populista, valorizando todas as notícias e acontecimentos que pudessem significar o desprestígio da II República e identificá-la com o caos, a anarquia generalizada, o desrespeito para com as crenças religiosas da população, a desordem e todas as práticas políticas e morais que evidenciassem os desmandos, o desregramento nos costumes, a perversão da moral tradicional, etc., etc. O *Diário de Notícias, o Primeiro de Janeiro, o Comércio do Porto* e *o Diário de Lisboa* procuraram, entre Fevereiro e Julho de 1936, um certo distanciamento crítico face à avalanche de informações vindas de Espanha que intentavam fundar em critérios mais objectivos, recusando o empolamento das situações, a exploração fácil dos incidentes e das manifestações concretas de desordem e intranquilidade públicas, sem contudo deixarem de assinalar que, como tendência geral, prefeririam uma situação menos polarizada à esquerda, não escondendo simpatias pela CEDA e pelas formações da direita espanhola. O *Novidades* optou por uma posição menos virulenta do que *A Voz* sem deixar de vincar a discordância radical com a evolução política a que se assistia em Espanha.

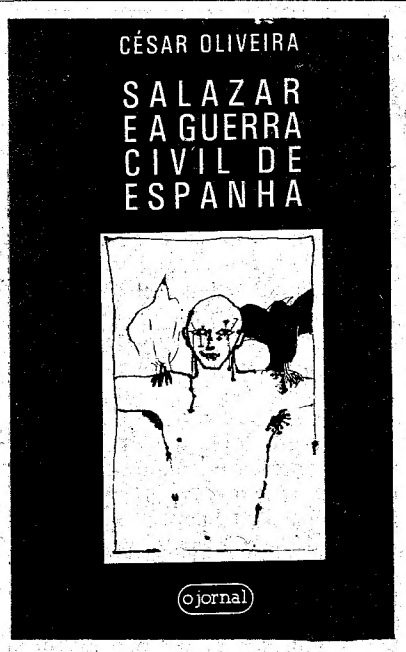
A partir do assassinato de um dos líderes da direita espanhola que mais ligações havia mantido com Portugal, Calvo Sotelo, toda a imprensa portuguesa se alinha numa posição fortemente crítica e hostil à II República.

A partir de meados de Agosto de 1936, as fronteiras portuguesas passaram a confinar exclusivamente com território dominado pelos «nacionais», o que só permitia a saída de jornalistas portugueses, por via terrestre, para uma zona onde apenas poderiam «cobrir» as operações militares nacionalistas e sem possibilidades de transitarem da zona «nacional» para a zona republicana. Por outro lado, a emissão de salvos-condutos passou a ser realizada pela Representação da Junta em Lisboa, sendo difícil a um jornalista português, mesmo quando ainda havia representação da Espanha republicana, entrar na zona controlada pelos republicanos pela via marítima; tornar-se-ia duplamente suspeito: aos olhos dos republicanos, onde era generalizada a opinião de que toda a imprensa e todos os jornalistas portugueses apoiavam a causa do general Franco e aos olhos das autoridades portuguesas e dos serviços de censura, que dificilmente pactuariam com um jornalista e com as reportagens que pudessem fornecer uma visão diversa das operações militares e da política espanhola daquelas que mereciamos os favores do Governo e das autoridades. De resto, bem cedo, os apoiantes do *Alzamiento* organizaram em Lisboa um serviço de imprensa e uma rede de transmissão de notícias desde as fronteiras até Lisboa, ao passo que idênticas iniciativas estiveram desde sempre vedadas aos que, entre os membros da comunidade espanhola em Portugal, quisessem proceder de igual modo em apoio da República.

A imprensa e os jornalistas portugueses confrontaram-se com as limitações que decorriam da situação geográfica de Portugal, da inexistência de qualquer tipo de apoio legal organizado à República espanhola, com um serviço de imprensa e de informações ao serviço dos «nacionalistas» eficaz e actuante e com a existência de um serviço de censura prévia que filtrava, de um modo sistemático e severo, as notícias, entrevistas, comentários e reportagens que não fossem do agrado das autoridades e do Governo e que não pudessem servir os seus interesses. São estas condicionantes que explicam que a imagem projectada pela imprensa portuguesa de figuras políticas da II República, insuspeitas de comunismo e reconhecidas como moderadas ou opositoras dos desígnios de Moscovo em Espanha, nunca seja positiva. Homens como Martinez Barrio, José Giral, Indalecio Prieto, Salvador Madariaga, Marcelino Domingo são projectados na opinião pública portuguesa com uma imagem negativa, carregada de cores sombrias e indistintamente conotados com a «sublevação comunista»; e os jornais mais objectivos e mais independentes das autoridades do Estado Novo, o máximo que conseguem em relação a estas individualidades da Republica espanhola é projectá-las com uma imagem neutra, como aconteceu com o *Diário de Lisboa*, com o *Primeiro de Janeirooo* e por vezes com o *Diário de Notícias* ao mesmo tempo que dão sempre de Franco, Mola, Yagüe, Queipo de Lhano, Primo de Rivera, por exemplo, uma imagem positiva.

Deve assinalar-se, também, que a linguagem usada em relação aos dois campos em confronto não era pautada pelos mesmos critérios. Se até finais de Outubro de 1936, data que marcou a aproximação das forças militares sublevadas de Madrid, as organizações republicanas e da esquerda espanhola eram ainda, em jornais como o *Diário de Notícias*, o *Novidades*, o *Primeiro de Janeiro* e o *Comércio do Porto* referidas pelos seus nomes, a partir de Novembro os republicanos eram comummente designados por «vermelhos», «marxistas» ou «moscovitas». Os «nacionalistas» eram sempre adjectivados como «vítimas», «gloriosos», «salvadores», «patriotas» enquanto que os republicanos eram sempre apodados de «bárbaros», «assassinos», «bandidos», «escória», «canalha». E o mesmo sucedia nos títulos e cabeçalhos das notícias, reportagens e comentários.

Foram muitos os jornalistas portugueses que acompanharam de perto as operações militares e a Guerra Civil de Espanha e que os jornais designavam como «enviados especiais». Os períodos áureos do trabalho realizado pelos «enviados especiais» da imprensa portuguesa, materializado nos jornais através de desenvolvidas reportagens das operações militares e de entrevistas a militares e civis do campo «nacional» — a partir do início da Guerra Civil desapareceram praticamente as entrevistas a dirigentes, governantes e militantes do campo republicano — correspondem a quatro fases da Guerra Civil de Espanha: o *Alzamiento* e a progressão das colunas militares do Norte e do Sul para o cerco à capital espanhola, período que se estende de Julho a fins de Novembro de 1936; os meses de Abril, Maio e Junho de 1937, que correspondem ao processo de unificação política das organizações apoiantes do *Alzamiento*, à conquista do país basco e de Bilbau e à destruição de Guernica; os meses de Abril e Maio de 1938 que abarcam a ofensiva de Aragão, com a conquista de Lérida e a chegada das tropas nacionalistas a Vinaroz e o reconhecimento *de jure* do governo de Franco; e, finalmente, os meses de Janeiro a Março de 1939 que compreendem a ofensiva da Catalunha, a entrada das tropas franquistas em Madrid e o fim da Guerra Civil, em 1 de Abril.



É no entanto no primeiro dos períodos assinalados que a imprensa portuguesa dá maior espaço e atenção à Guerra Civil de Espanha, popularizando os nomes dos mais importantes chefes militares sublevados como Franco, Emilio Mola, agüe, Varela, Dávila, Aranda, Queipo de Lhano, Muñoz Grandes, Castejon e permitindo que eles próprios e os mais destacados líderes civis da direita definissem e expusessem os princípios orientadores do *Alzamiento* e da Revolução Nacional que a Junta de Defesa de Burgos começou a construir nas zonas sob seu controlo. A imprensa portuguesa permitiu que a sublevação nacionalista encontrasse o veículo adequado para exprimir-se no exterior, no Verão de 1936. Os jornalistas portugueses gozavam, de resto, de um conjunto de facilidades a outros vedadas. Leopoldo Nunes, por exemplo, acompanhou todas as peripécias ocorridas em Sevilha antes da chegada de Franco a 6 de Agosto e tinha acesso directo e fácil a Queipo de Lhano. Félix Correia seguiu de perto as operações militares que levaram à conquista de Mérida e Badajoz e entrevistou em Mérida Yagüe e Castejon, como já havia entrevistado Queipo de Lhano em Sevilha e o próprio general Franco, passados apenas dois dias de ter aterrado no aeródromo de Tablada. O mesmo Félix Correia acompanhou a progressão das colunas militares para Mérida e Badajoz, viajando num automóvel das milícias da Falange que integrava uma das colunas militares. Os jornalistas portugueses puderam, deste modo, concretizar uma informação «por dentro» e «em cima» dos acontecimentos e embora a sua esmagadora maioria não escondesse as suas simpatias abertas pelos «nacionalistas», não pode deixar de reconhecer-se que, no quadro das limitações já indicadas e das condicionantes político-ideológicas, a imprensa portuguesa fez uma cobertura completa, mormente entre Julho e Novembro de 1936, da Guerra Civil de Espanha.

Os principais enviados especiais estiveram ao serviço dos dez maiores jornais portugueses já referidos. Além dos já mencionados devem salientar-se, pelas assíduas reportagens e entrevistas que durante toda a Guerra Civil fizeram publicar nos órgãos da imprensa diária portuguesa e que alguns deles reuniram em livros, os jornalistas Costa Júnior do *Diário da Manhã*, Artur Portela e Norberto Lopes do *Diário de Lisboa*, Armando Boaventura do *Diário de Notícias*, Adelino Mendes de *O Século*, Tomé Vieira do *Diário de Notícias* e Maurício de Oliveira do *Diário de Lisboa*, que tratou, especificamente, de temas navais. Por outro lado, e a par do trabalho dos jornalistas portugueses, dos telegramas das agências noticiosas e dos materiais colocados nas redacções dos jornais pelos serviços de imprensa da Representação da Junta de Burgos em Portugal, houve muitos colaboradores que em editoriais e artigos de opinião escreveram regularmente sobre a situação política espanhola na generalidade da imprensa portuguesa. Fernando de Sousa, Joaquim Manso, Ribeiro de Carvalho, Beirão da Veiga, Pereira da Rosa, Tomás de Gamboa e Lopes Vieira foram responsáveis, pela posição que ocupavam nos jornais, por alguns «fundos» respectivamente em *A Voz, Diário de Lisboa, República, Diário de Notícias, O Século, Novidades* e *Primeiro de Janeiro;* homens como Pequito Rebelo, Soares da Fonseca, Serras e Silva, César dos Santos, José Augusto, entre outros, assinaram também, por diversas vezes, comentários ou crónicas sobre a Guerra Civil e os problemas políticos de Espanha.

Como já se afirmou, o terror, os actos bárbaros, as violências gratuitas, o clima de ódio e de vingança eram sempre, na imprensa portuguesa e na generalidade dos casos, identificados com a República, os «marxistas», «os vermelhos» e eram situados quase sempre num contexto global internacional em que a «maçonaria internacional» e o «comunismo internacional» constituíam como que os centros directores das violências que se cometiam na Espanha republicana. É certo e sabido, que antes e durante a Guerra Civil de Espanha, a República espanhola conheceu iniciativas colectivas ou individuais, organizadas ou espontâneas, que resultaram em actos de violência, fuzilamentos, vinganças, acções diversas que exprimiam, normalmente, sentimentos sectários de fanatismo anticatólico. Foi pois inevitável que a grande imprensa portuguesa, quase unânime no apoio ao Estado Novo e ao seu líder, tivesse noticiado, com larga reprodução de pormenores descritivos, os actos de violência cometidos na zona republicana e tendesse sempre a silenciar actos de violência concretizados na zona «nacional» ou levados a efeito pelas tropas nacionalistas. De resto, os serviços de censura encarregavam-se de cortar, parcial ou totalmente, as referências dos jornalistas e dos telegramas das agências noticiosas a actos de violência praticados pelos «nacionais». E a sua acção reforçava a tonalidade dominante na imprensa portuguesa, de apoio inequívoco à Espanha «nacional» e de ataque sistemático à Espanha republicana.

Um jornalista português constituiu, no entanto, excepção no quadro global das reportagens sobre a Guerra Civil: Mário Neves do *Diário de Lisboa*. O jornal a que pertencia era, pela maior serenidade e busca de isenção e critérios mais desapaixonados, uma excepção na imprensa portuguesa.

Se quisermos comparar a importância da rádio e da imprensa escrita no plano da Guerra Civil propriamente dita, travada no interior do território espanhol, foi, sem dúvida alguma, bem mais relevante a acção do RCP e até da EN do que o apoio prestado pelos principais jornais portugueses aos «nacionalistas». As estações de rádio portuguesas foram as únicas fontes produtoras de informação «nacional» que podiam chegar a uma vasta região de Espanha abrangendo as zonas de Madrid, Toledo, Ciudad Real, Talavera de la Reina, Cáceres, Peñarroya, Badajoz e Mérida que constituíam um vasto território por onde progrediam, entre Agosto e Outubro de 1936, as tropas «nacionalistas» e que não era alcançado por *Rádio Sevilha*. Os republicanos ficaram na posse das mais importantes estações de rádio de Espanha e, com a excepção já assinalada, poderiam cobrir toda a Espanha sem receio de serem contraditados se não fosse possível aos nacionalistas disporem totalmente dos microfones de Rádio Clube Português e do apoio que lhes prestava a Emissora Nacional. A imprensa escrita portuguesa não tinha difusão significativa nos territórios espanhóis fronteiriços com Portugal e que permaneceram controlados pela República até meados de Agosto de 1936. O apoio prestado pela imprensa escrita à sublevação e à Espanha «nacional» serviu mais para lhe proporcionar «cobertura externa», visto que só dispunham de apoios significativos na imprensa da Alemanha e da Itália. A impresa escrita serviu, também, para mobilizar a opinião pública portuguesa mais do que para influenciar a sorte das armas no interior do território espanhol. E tanto assim foi que as expressões de gratidão para Portugal, durante e depois da Guerra Civil, destacaram quase sempre a acção desenvolvida pelas estações de rádio e particularmente pelo *RCP* e quase nunca particularizaram os jornais portugueses. De qualquer modo a «frente» política que era constituída pela opinião pública portuguesa e pela «cobertura externa» dos progressos político-militares da Espanha «nacional» foi assegurada, inteiramente, pela imprensa e rádio portuguesas, que de facto, como escreveu o diplomata alemão Du Moulin, «foram integralmente postas ao serviço dos sublevados».

Extraído de *Salazar e a Guerra Civil de Espanha,* César Oliveira, ed. *O Jornal*

Na terça-feira

SETE PONTO SETE

O poeta falhado

O poeta falhado não é um poeta como outro qualquer, devido à sua rápida dissolução no meio ambiente em que se insere.

É um poeta de espírito, alma e coração e que nunca junta o útil ao agradável. Tem os dias tão ocupados que inventou mais um para poder escrever. É um trabalhador porque o país ainda não o descobriu suficientemente para que ele possa viver dos rendimentos. Depois é uma pessoa difícil. Detesta o jogo e a vida fácil.

Uma vida é uma vida. E depois de ter um filho e de plantar uma árvore sempre despejou poesia por tudo quanto é canto. Aliás foi através da poesia que encontrou a sua mais que tudo, e que depois de algumas horas extras tiradas à poesia, conseguiu juntar o suficiente para pedir dinheiro ao banco para comprar um T2 e uma garrafa de absinto para os amigos.

É um poeta, assim, completo. Com cabeça, tronco e membros e estuda à noite, para poder sair mais cedo do emprego e para não estar a ouvir a mulher.

Por outro lado é um ser estritamente feminino, mas não gosta de homens, sexualmente falando, porque não perde a convivência com os mais, mais, no intervalo de um poema. É claro, que tudo isto ao fim-de-semana. A vida não é fácil e ele não é ingénuo nenhum, sabendo que tudo tem o seu tempo. Acredita que a mediocridade virá um dia ao de cimo. Quer dizer que a qualidade da sua escrita será reconhecida, mais tarde ou mais cedo. São sonhos e os sonhos não se discutem.

Durante a semana, que para ele tem oito dias; sete para trabalhar e estudar e dormir com a mulher algum tempo, e um para escrever. Assim o poeta falhado não falha uma. Não deixa fugir nada do que se passa à sua volta. É pela moral que é uma coisa que nunca dorme e pelos maus costumes e se alguma excepção acontece é apenas e só desígnio do destino dos mitos ou de um misticismo que encheria milhares de misteriosas páginas libidinosas que ele ainda não perdeu a esperança de escrever um dia. Talvez depois de morto, quer dizer quando tiver a reforma e os filhos casados e a mulher no cemitério para poder casar com outra que é o que se leva desta vida sagrada. Mas tudo isto é muito complexo que só pessoas como ele poderão agarrar.

É dogmático. Pragmático e todos os estereótipos terminados em ático. É um sujeito poético narrativo. Gosta de narrativas e de poesia popular. É contra o instantâneo, o gratuito, o fácil. Daí que o seu período mais criador é o das férias. Férias divididas a meio, quinze dias no Inverno e os outros quinze no Verão. Férias estas que bem controladas dão quase um mês para cada lado, o que dá tempo para mangas para as dúzias de resmas que devora nessas alturas. Pois nem tudo é aproveitável e rasga muito.

O seu dia-a-dia. Acorda de manhã convencido que este mundo não foi feito à sua medida e que por tal motivo tinha e tem de se agarrar à matéria espiritual para poder aguentar sem dó nem piedade à justa causa de dar um mundo melhor aos filhos para que eles não tenham grandes problemas e possam fazer poemas sem quaisquer problemas. Assim não perde tempo a ler e a ler-lhes de manhã e à noite o último Eugénio de Andrade, com quem se identifica e onde bebe a sua intuição. Uma linha, um verso de Miguel Torga, que é outra das identificações. Gosta de Lorca, Neruda e outros que trata por tu e toda a literatura que conhece como as palmas das suas mãos.

Enfim, temos de ser uns para os outros e pinta o diabo a todos os jovens que escrevem e o procuram para uma opinião. Estuda-lhes o problema durante delongas e depois sem querer ser um desmancha prazeres, tece uma demorada teoria acerca da força criadora, comparando exemplificativamente com alguns dos seus poemas, aconselhando o pessoal a levar para casa e a ler atentamente. Aquilo sim é que era poesia. Agora quanto ao jovem original, nem tudo está mal nem tudo está bem. Assim aconselha-o a casar e ter filhos para poder ganhar bagagem necessária para depois na reforma poder escrever sem problemas, pois tem o amparo dos filhos e dos netos.

Só se pode estar só e em paz e sossego depois da função social estar feita. Porque se não está-se a transformar em carne para canhão para todos aqueles que não sabem o que é mundo, nem responsabilidade. A temática deve ser mais perfectível no intuito de mais imagem e mais solidariedade entre as figuras de estilo. Para o poeta falhado nem tudo é possível em poesia. E deve-se ter cautela com certos vícios que poderão levar a uma catástrofe sentimental donde ninguém mais sai.

Olho vivo e faro fino é o vector. Porque o poeta falhado é aquele que fecha a porta, mas sempre com um sorriso nos lábios, porque sabe que o último a rir é que tem a chave, a verdade nas mãos.

O poeta falhado morre sempre tarde e a más horas, duma morte natural.

A. Dasilva O.

Infância

A infância é a continuidade ao sonho.
O ser gerado — a criação absoluta.
Lentas formas de aves se formando...
Insectos prateados sob folhas brancas
adejando... longos peixes verdes de
linhas coloridas...
Entre a construção inicial do poema e a
planta que cresce, há a ruptura fulcral
do cordão que une
Todas as formas fluentes.
Os lagos adormecem pelos cantos...
O assobio.
O assobio dos ventos.
Há o rasgar de agulhas, agudizando
friestas de rostos humedecidos pelo sangue.
O rio segue
sem rumo — numa tela abstracta
com todas as cores por dentro.
Cada vez mais límpido, mais lúcido...
A aragem é trazida fresca pelos
pássaros sem tempo.

Marcília

Sociedade de Língua Portuguesa

Instituição de Utilidade Pública
Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

Rua de São José, 41-2.° — 1100 Lisboa
Telefone geral, das 13 às 20 horas, de 2.ª a 6.ª-feira **36 39 49**
Telefone-consultório com gravador, 24 horas **37 19 70**

GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

com o apoio da SEC/Instituto Português do Livro e da Leitura

PRÉMIO DE TRADUÇÃO SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

com o apoio da Caixa Geral de Depósitos

Actividades diárias: Cursos, conferências, colóquios, exposições bibliográficas, exposições de arte e apoio a Escolas e outras instituições.

Conselho Científico — Consultório Linguístico

BIBLIOTECA: cerca de 20 000 volumes
Auditório Um — Auditório Dois — Auditório Três
Galeria de exposições
Aparelhagem de projecção

«LÍNGUA PORTUGUESA»
Boletim Mensal. Tiragem: 5000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO

Sócios (Portugal): 3450
Sócios (estrangeiro): 160
Permutas (Portugal): 50
Permutas e assinaturas (40 países): 50
Oferta/Universidades e Bibliotecas do Brasil: 124
Oferta/Universidades e Bibliotecas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe: 11
Oferta/Associações e Centros de emigrantes portugueses em 27 países: 914

SECRETARIA: HORÁRIO DOS SERVIÇOS E ACTIVIDADES:
De 2.ª a 6.ª-feira, das 13 às 20 horas

Oferecer um livro é prova de bom gosto e sensibilidade. Aproveite esta quadra para o demonstrar oferecendo livros da VEGA EDITORA.

SUGESTÕES:

STUART CARVALHAIS E O MODERNISMO EM PORTUGAL, de José Pacheco * AQUILINO EM PARIS, de Jorge Reis * CONTOS POPULARES PORTUGUESES, de Consiglieri Pedroso * MORTE EM CAMPO DE OURIQUE, de Orlando Neves * PANTAGRUEL, de Rabelais (Versão de Jorge Reis e Ilustrações de Júlio Pomar) * O JOGO DO REVERSO, de António Tabucchi * CONTRABANDO ORIGINAL, de José Martins Garcia * PORTUGAL PEQUENINO, de Raul Brandão e Maria Angelina.

Rua Alto dos Moinhos, 6-A — 1500 LISBOA (TEL. 789414)

vega

Paul Colinet: o meio-dia da poesia (*)

Arte poética

O pássaro na mala, a mala no ovo, o ovo no rochedo, o rochedo no dedinho, o dedinho na lua, a lua no cão do gatilho, o cão do gatilho no paquete, o paquete na floresta, a floresta no pó-de-arroz, o pó-de-arroz no anel, o anel no gatarrão, o gatarrão na ilha deserta, a ilha deserta no mata-borrão, o mata-borrão na cabeça oca, a cabeça oca na noite.

Poema em prosa

Duas senhoras sobem a rua baixa.

Uma está vestida de negro, a outra de negro, e a terceira, nua.

Estas senhoras estão encarregadas de subir a rua baixa. Esta rua é, assim, tão baixa, que são precisas quatro senhoras para a subirem.

Depois de terem subido a rua baixa as cinco senhoras descem-na outra vez.

Dar cabo da rua baixa parece ser o objectivo desta meia dúzia de senhoras vestidas com todo o cuidado.

Quem era?

Nunca se o via. Há vários dias que se conservava no quarto das visitas.

De vez em quando ouvia-se-o partir qualquer coisa, talvez mesmo sua.

Quando se conseguiu finalmente entrar no quarto descobrimo-lo de pé, com os olhos vendados e singularmente intacto.

A caça proibida

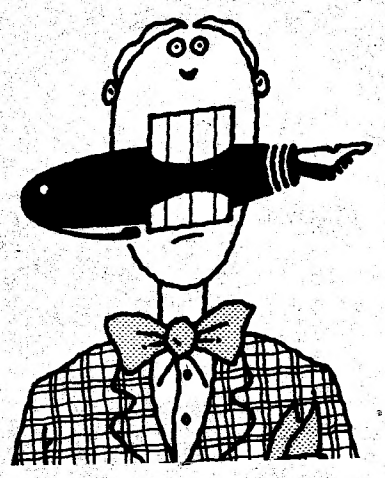
É o terceiro pássaro que mato, mirando-me ao espelho.

O primeiro, tinha-o tomado por uma cadeira, uma dessas cadeiras de repouso que dão por vezes à asa entre as madeixas dos espelhos.

Quanto ao segundo, escutara as suas bicadas por detrás da fechadura.

Fui dar com ele esmagado de encontro à janela traseira, a remendona dos restos. Havia nele a transparência do esquecido.

O terceiro era o próprio pórtico do espelho.



Acenava mil mãos que encadeavam, mil mãos de fogo.

Vi-me obrigado a fechar os olhos. Matei-o.

O infortúnio

Tinha seguido, ponto por ponto, as indicações do prospecto.

Pressurosamente e com todos os cuidados, dobrara primeiro o papel em quatro, depois em dois e em seguida em mil triângulos, todos iguais e pequeninos.

Uma vez a obra acabada, escondeu-o, durante a noite sob o travesseiro.

Não obstante, na manhã seguinte, uma mulher que nunca vira lavava-se, sem vergonha, diante do espelho.

No vidro embaciado um dedo displicente tinha desenhado as presas de um carneiro.

O papel, tantas vezes dobrado, tinha desaparecido.

O sinal da eternidade

Crescemos com sabedoria. Tornámo-nos ramalhetes de flores nos filamentos ridentes do dia.

Quando tocavam à porta, era no nosso coração que ouvíamos o ruído.

Corríamos a abrir. Nunca havia ninguém.

Era sempre de manhã, uma manhã leve, envolvente e transparente, que nos atirava as suas pérolas aos olhos.

Porque aqueles que nos visitavam já não se serviam das portas.

Nasciam do nosso olhar, ou dos nossos móveis: sempre endomingados e admiráveis.

Traziam sempre uma flor à lapela.

Cintilantes ou invisíveis. Jogadores de luz ou músicos de sombras. Conforme queríamos.

Nota

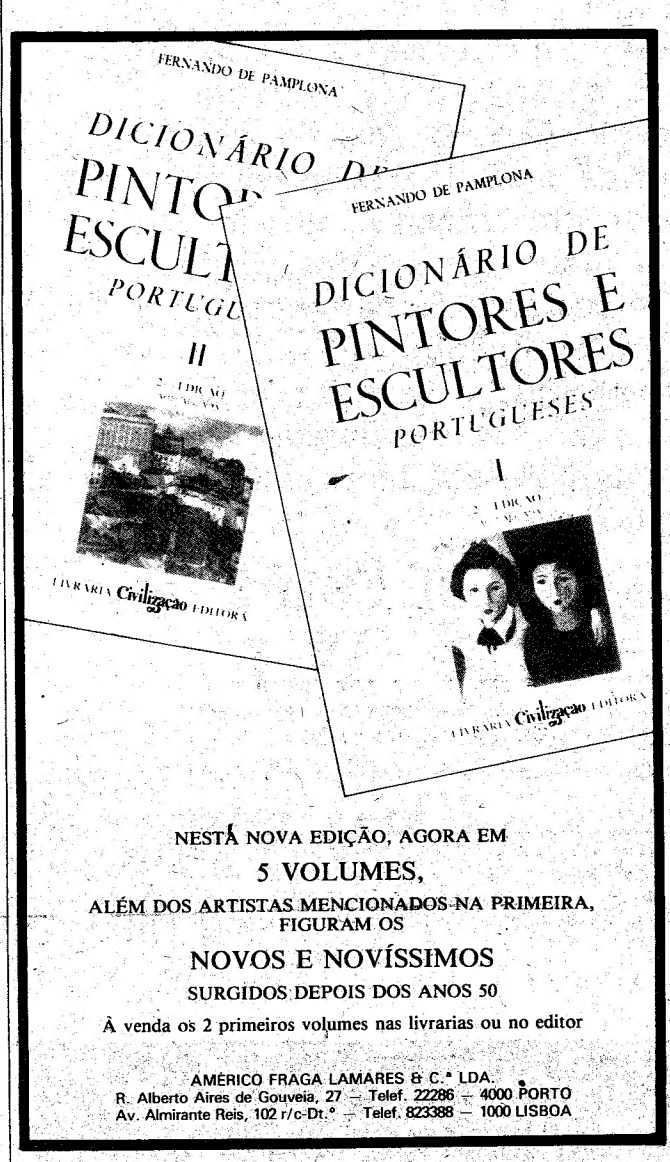
(*) Paul Colinet (1898/1957) é outro dos nomes insinuantes do surrealismo belga. Funcionário da administração pública em Bruxelas. Colinet desenvolveu um tipo de poesia muito ligado ao jogo de palavras, à multiplicidade de sentidos e à ironia que o aproxima, embora talvez num tom mais **puro,** de certa faceta de Benjamin Péret. Da dificuldade de traduzir os seus mais curtos textos/poemas é bem patente **Poema em prosa;** todo o texto, de estrutura aparentemente muito restrita e simples, joga com os múltiplos sentidos **simultaneamente** possíveis de palavras como **remonter:** subir (uma rua), erguer, recompor (uma coisa): **redescendre:** descer (uma rua), deitar abaixo, bater: **esquinter:** tanto estafar (-se) como gastar, arruinar (uma coisa). Do mesmo modo **(basse) (rue basse)** tem tanto um sentido tipográfico como acarreta um valor moral ou uma caracterização (de grandeza) física.

O eu nos outros

Nina Di Tai

LINDO nome. Silábico. Quase chinês. Tudo começou na Biblioteca e na Gramática. Eu tinha os olhos numa página de Katherine Mansfield e lá fora era a tarde citadina, e o Outono era doce como uma chávena de chá. Ela entrou, leve, no soalho, uma gravata de seda branca na blusa preta. E eu disse para as minhas mãos: «Menina de tie» — e «tie» em inglês quer dizer gravata e pronuncia-se **tai.** Assim foi o primeiro dia, e nesse primeiro dia nada mais aconteceu. Mas veio um segundo dia a mesa longa da Biblioteca, aquela hora em que ela sempre vinha — e eu, mal vi a gravata branca, disse para o meu peito: «Nina de tie». Aí, nesse momento, alguma coisa tinha já acontecido — e essa coisa foi ter-se desfeito o «me», o «me» de menina, na saliva da minha boca como folha tenra de chá. E surgiu um outro dia, o terceiro, destinado a que o «e» átono da preposição se transformasse no grito alegre das minhas entranhas: «i». E foi então (e só então) que me veio aos lábios «Nina di tie». Longo era o Outono — e a aventura fonética prosseguiu no chá do Outono longo: pois que um dia, desfolhando na Biblioteca um livro de pintura chinesa, o meu cuidado de seda branca amendoou-se num outro mundo e cristalizou em sílabas que exigem desenho a nanquim: Nina Di Tai.

Pedro Alvim



NESTA NOVA EDIÇÃO, AGORA EM

5 VOLUMES,

ALÉM DOS ARTISTAS MENCIONADOS NA PRIMEIRA, FIGURAM OS

NOVOS E NOVÍSSIMOS

SURGIDOS DEPOIS DOS ANOS 50

À venda os 2 primeiros volumes nas livrarias ou no editor

AMÉRICO FRAGA LAMARES & C.ª LDA.
R. Alberto Aires de Gouveia, 27 — Telef. 22286 — 4000 PORTO
Av. Almirante Reis, 102 r/c-Dt.º — Telef. 823388 — 1000 LISBOA

UM AMOR FELIZ

DAVID MOURÃO-FERREIRA

4 Prémios • 4.ª edição

40.000 exemplares

O ROMANCE PORTUGUÊS MAIS PREMIADO DE SEMPRE

DAVID MOURÃO FERREIRA

UM AMOR FELIZ

Prémio de Narrativa do Pen Clube Português
Prémio D. Dinis, da Casa de Mateus (ex-aequo)
Prémio de Ficção do Município de Lisboa
Grande Prémio de Romance da Ass. Port. de Escritores

EDITORIAL PRESENÇA Rua Augusto Gil, 35-A 1000 LISBOA Telef. 73 41 91

Gabriel García Márquez

Gabriel García Márquez nascido em 1928, na Colômbia, é mundialmente considerado um dos mais relevantes expoentes da cultura latino-americana. Prémio Nobel da Literatura em 1982, de entre as suas muitas obras podem destacar-se o célebre romance *Cem Anos de Solidão,* até hoje considerado a sua obra-prima, *Ninguém Escreve ao Coronel, O Outono do Patriarca, Crónica de Uma Morte Anunciada* e o volume de contos intitulado *Os Funerais da Mamã Grande.* Tão essencial na sua obra como o já referido *Cem Anos de Solidão,* e há muito esperado em tradução portuguesa, é *O Amor Nos Tempos de Cólera.*

História de uma paixão infeliz, este romance descreve a epopeia sentimental de um amante repudiado que durante toda a sua longa existência, desde o furioso incêndio juvenil ao crepuscular fogo da velhice, manteve uma constante fidelidade à sua antiga noiva. Ao longo deste rio imaginário correm também as águas de muitos outros idílios, tranquilos ou enlouquecidos, selvagens ou apaziguados, senis ou adolescentes, prisioneiros da grilheta conjugal ou libertos pelas comportas do instinto.

Decorrendo numa cidade portuária do Caribe entre finais do século passado e os primeiros decénios do nosso século, *O Amor Nos Tempos de Cólera* utiliza todos os ingredientes clássicos do género folhetinesco, apresentando uma espécie de inventário passional, onde se consignam tanto as mais cruas imposições da carne como os meandros subtis do sentimento.

Com a atmosfera de magia que serve de alimento a todas as histórias de amor, Gabriel García Márquez propõe novamente aos seus leitores uma obra de construção perfeita,

O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA

Procure-o já no seu Livreiro habitual ou peça-o directamente a Publicações D. Quixote, Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX

Queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA (1200$00)
Nome .....
Morada .....
Código Postal ..... Telef. .....

Publicações Dom Quixote
Rua Luciano Cordeiro, 119, 1098 LISBOA CODEX
Telefones: 53 80 79/88 - 57 60 40

Distribuição:
DIGLIVRO — Lisboa (Telefs.: 99 22 00/1/2)
MOVILIVRO — Porto (Telefs.: 56 01 94/56 36 86)